

Georgia Carolina Piacentini Correa

Teia Multicultural – A Construção de um Modelo Inovador na Escola Brasileira.

Mestrado em Educação: Currículo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SÃO PAULO

2018

Georgia Carolina Piacentini Correa

Teia Multicultural – A Construção de um Modelo Inovador na Escola Brasileira.

Dissertação para Banca examinadora
para defesa de Dissertação de
Mestrado em Educação: Currículo,
pela Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo sob orientação da Profa.
Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SÃO PAULO

2018

Banca Examinadora

Dedico esta dissertação

Às minhas inspirações,

Meus filhos,

Lucas,

Thaís e

Cauã,

Motivadores da minha jornada.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Agradecimentos

À minha mãe, Elza Piacentini, por ser quem é e possibilitar que eu seja quem sou. Por me conduzir desde sempre no caminho do autoconhecimento, por todo o seu amor.

Ao meu pai, Taná Correa, pelo seu amor, pela sua força, por me inspirar.

Ao meu padraastro Jo Kamal, por acreditar em mim, me ouvir, por suas orientações e por me apoiar nas minhas escolhas.

Aos meus irmãos Alexandre, André, Kênia e Janaína, companheiros, onde cada qual em seu momento foi imprescindível para essa jornada descrita aqui, e nessa que trilhamos como irmãos, a vida.

Ao meu marido, Tanã Ribeiro, pelo companheirismo nesse projeto e na vida.

Aos educadores da Escola Teia Multicultural de todos os tempos que contribuíram de alguma forma com a realização desse projeto.

Aos coordenadores da Escola Teia Multicultural, Joanna Leme e Juan Otárola, pelo árduo trabalho realizado nesses anos para a realização dessa proposta pedagógica, oferecendo além do trabalho a amizade fortalecedora nessa caminhada.

Ao meu filho e responsável pela parte administrativa e de comunicação da Escola Teia Multicultural, mas que faz muito mais que isso, por estar ao meu lado em momentos tão difíceis, reconstruindo junto e acreditando no caminho dessa educação.

Às minhas sócias e sócios na escola, que cada qual em um momento necessário, estiveram presentes contribuindo na realização do meu projeto, auxiliando para que se tornasse realidade.

A todos os pais, mães, avôs, avós e alunos que trouxeram vida a essa escola.

À amiga Helena Singer, pela inspiração e provocações que muitas vezes me fizeram caminhar mais adiante.

À amiga Orleyd Faya, também esposa do meu pai, que me incentivou a trilhar esse caminho acadêmico.

À profa. Dra. Mere Abramowicz pela acolhida carinhosa e primeiras orientações.

À querida mestra Profa. Dra. Ivani Fazenda, por ser inspiração, referência de ternura, acolhimento e conhecimento, a linha que tece essa teia.

À Capes, pelo apoio e incentivo à pesquisa.

Resumo

Esta pesquisa aborda a importância da arte, principalmente a partir do teatro, e do autoconhecimento na construção de um currículo escolar, bem como no processo de formação de professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, possibilitando servir como orientadores de pesquisa e desenvolvimento de todos os conteúdos pertinentes a esses segmentos do processo educativo, demonstrando como essas referências podem orientar e subsidiar todos os conteúdos propostos pela Base Nacional Comum Curricular, principalmente quando propostos a partir de Projetos Interdisciplinares, além de ampliar as oportunidades de experiências dos educandos possibilitando o desvelar de dons e habilidades. A arte e o autoconhecimento como ferramentas no processo educativo são apresentados com base na história de vida da autora e utilizados como instrumentos eficazes no processo pedagógico desenvolvido na Escola Teia Multicultural, sendo este apresentado passo a passo desde a construção do projeto da escola, a passagem por diversas etapas para a sua implementação, os percalços ocorridos ao longo dos 13 anos da sua constituição, que teve início com os segmentos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I até os dias atuais, com sua proposta orientada pela arte e pelo autoconhecimento desde o berçário até o Ensino Médio. A proposta pedagógica da Escola Teia Multicultural tem na sua construção a intenção de possibilitar ao educando, independente da sua idade, uma aprendizagem efetiva, significativa e prazerosa, integrando os aspectos cognitivo, afetivo e motor, resultando em uma educação integral. Para essa investigação, utilizamos como ponto de partida pensadores da educação, recentes estudos que apontam a Aprendizagem Baseada em Problemas - ABP como uma possibilidade de uma aprendizagem significativa, onde o estudante é coautor do seu processo de aquisição de conhecimento e as referências do trabalho interdisciplinar na perspectiva principal da Profa. Dra Ivanir Fazenda. Assim, partimos da aprendizagem escolar realizada a partir de projetos interdisciplinares, que alicerça todo o projeto pedagógico e que tornou a instituição uma escola reconhecidamente inovadora e de educação integral pelo MEC e Edumission.

Palavras-chave: 1. Interdisciplinaridade; 2. Projetos; 3. Arte-educação; 4. Autoconhecimento; 5. Teatro; 6. Educação Integral.

Abstract

This research is about the significance of art, specially through theatre and self knowledge in the constitution of a school curriculum, as well with the Preschool, Pre-kindergarten, Elementary, Middle and High school teacher's formation process, allowing them to serve as research and development guides of all the contents that are relevant for these educational segments, demonstrating how these references can guide and provide all the contents proposed by the National Curriculum Base, specially when they are suggested from interdisciplinary projects, and yet extending the opportunity of new experiences for the students allowing them to unveil their gifts and skills. Art and self knowledge as tools in the educational process are presented based on the story of the author's life, and also, how they became efficient instruments on the pedagogic process that is developed in Teia Multicultural, and it is presented step by step from the school's Project construction, passing by the several stages of it's implementation, as well as all the chalenges that appeared during these 13 years since it's constitution, wich started only with Preschool, Pre-kindergarten, Elementary and Middle school until today, with your proposal beeing oriented by art and self knowledge from Preschool to High school. The pedagogic proposal of the school, oriented by art and self knowledge, has in it's construction the desire to allow the students, whatever their age, an effective, significant and pleasurable learning process, integrating cognitive, affective and motor skills aspects, resulting in a integral education. For this investigation we use as starting points some educational thinkers, recent researches wich point the "Learning based in projects" (ABP) as a possibility of a significant way of learning, and also the references from the interdisciplinaty work specially under Dra. Ivanir Fazenda's perspective. Thus, we begin from the school learning, realized from interdisciplinary projects, that support all the pedagogic project wich, by the way, enable the school to be recognized as an innovating institution of integral learning by MEC (Ministry of Education) and also by The Edumission.

Key-words: 1. Interdisciplinarity; 2. Projects; 3. Art-education; 4. Self knowledge; 5. Theatre; 6. Integral eductaion.

Sumário

Introdução	11
Capítulo I	
A Construção da Escola	25
1.2 A Escola Politeia	30
Capítulo II	
Uma Nova Etapa –Mudança de Endereço - Implementação do Ensino Fundamental II.....	31
Capítulo III	
Mudança de Prédio e Novas Orientações	44
Capítulo IV	
Como Realizamos na Prática a Proposta da Escola	48
4.1 Planejamento	48
4.2 Nossas Ferramentas Pedagógicas	58
4.3 O Teatro na Teia	68
4.3.1 A Instalação	69
4.3.2 A Peça Teatral	69
4.4 O Cinema na Teia	74
Capítulo V	
O Ensino Médio.....	78
Capítulo VI	
Um Projeto Do Inicio Ao Fim Do Ensino Fundamental I - A Peça Teatral “Candim”.....	84
Conclusão	189
Capítulo VII	
Material e Métodos.....	191
7.1 Abordagem metodológica	191
7.2 Área do Estudo	191
Bibliografia	192

INTRODUÇÃO

*“Na trama da linha da vida
Um colo da minha mãe Terra
Força e aconchego
Seu sopro leva longe
O que vem de longe
Meus sonhos
Me levam longe
Com a leveza de uma pena
Ao vento
Longe
Voo “*

Georgya Correa

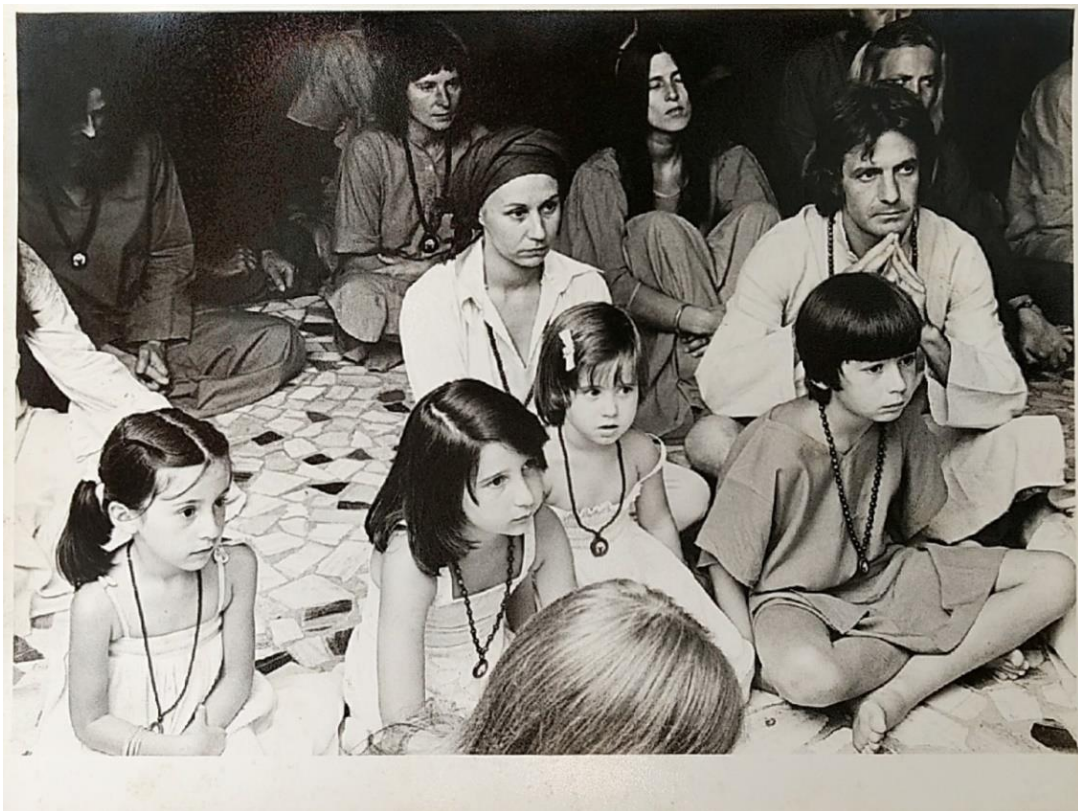
Iniciarei este trabalho com o relato da minha história de vida, usando esta como estratégia de escrita, pois a partir dela tive subsídios para escrever a proposta pedagógica da escola Teia Multicultural, que é o resultado de vivências e sistematizações ocorridas ao longo da minha trajetória de vida pessoal e acadêmica. Me utilizarei nessa construção da arte fotográfica, como forma de organização e apresentação dessa dissertação, considerando que a arte foi um dos pilares da construção desse projeto. Terei ainda, como metáfora, o “filtro dos sonhos”, “caçador dos sonhos” ou “buscador de sonhos”, que tem em sua simbologia o poder de separar sonhos bons de ruins e trazer sabedoria e sorte para quem o possui. Este amuleto foi criado pelos povos indígenas da etnia norte americana Ojibwa. A tribo ficou conhecida em todo o mundo por acreditar que uma das principais missões dos seres humanos na Terra era decifrar os sonhos. Em sua confecção, o círculo era originalmente feito de salgueiro-chorão revestido de couro, o elemento principal do Filtro simboliza o círculo da vida, da eternidade e, também, o sol. A teia representa a alma, o livre arbítrio, as nossas escolhas, as nossas relações interpessoais, o caminho. O centro representa a força do universo, o princípio criador, o nosso eu. As penas correspondem ao ar ou respiração, elementos essenciais para toda a vida. Se esta for de coruja simboliza a sabedoria, se for de águia a coragem. Além destes símbolos, outros objetos podem ser acrescentados dando características individuais. Para mim, é o símbolo de todos que buscam

uma educação interdisciplinar e se utilizam dela para descobrir seus sonhos ou com a missão de ajudar a descobrir ou desvelar os sonhos de tantos outros, que deverão ser realizados ao longo de suas vidas, de nossas vidas, utilizando de sabedoria e coragem.

Portanto, começo “do começo”, de quando o meu sonho começou:

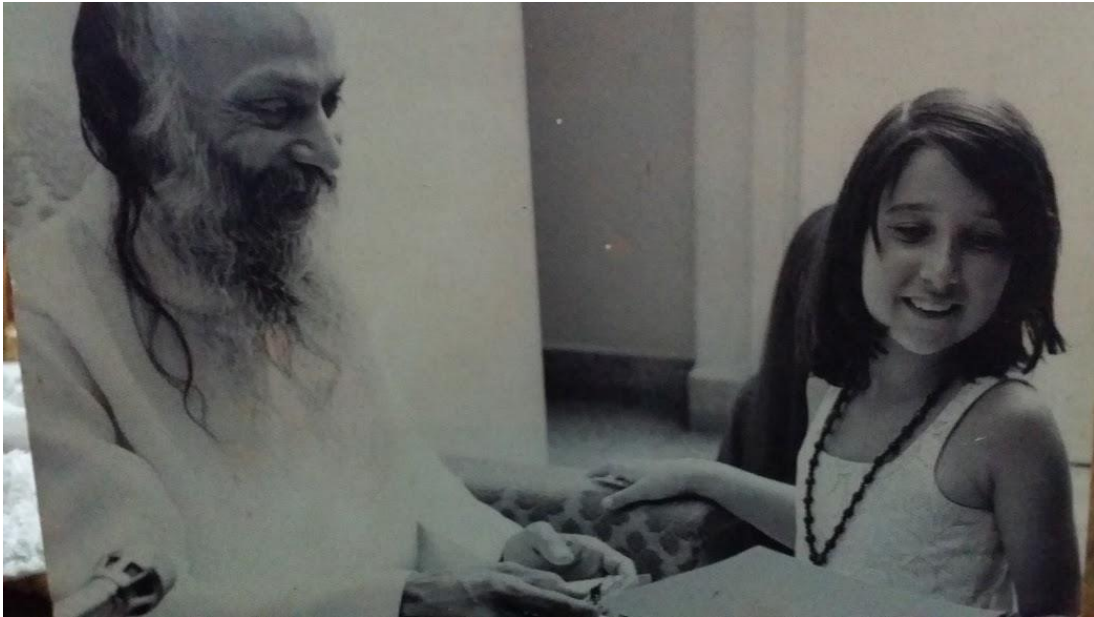
Minha família materna, desde que me conheço por gente, se dedicou ao autoconhecimento. Quando eu ainda era bem pequena, minha mãe participou do primeiro grupo que comungava um chá, hoje mais conhecido com ayahuasca, na região sudoeste do Brasil. Depois, após se identificar com um mestre chamado Gurdjieff e realizar algumas práticas propostas por ele em seus livros, conheceu o Osho. Foi para a Índia encontrá-lo pessoalmente e voltou de lá decidida a ir morar lá com toda a família.

Figura 1 - Na Índia, da esquerda para a direita, sou a segunda criança e minha mãe e meu padrasto logo atrás de nós.



Assim, aos oito anos de idade, no ano de 1977, fui morar na Índia com minha mãe, meu padrasto (meus pais haviam se separado quando eu tinha por volta de 4 anos de idade) e meus irmãos. Minha mãe foi trabalhar na comunidade do mestre e em prol da mesma e, assim, passamos (seus filhos) a ter o direito de estudar na escola idealizada pelo mestre.

Figura 2 - Eu e o mestre Osho.



Era uma escola totalmente diferente do que eu, até então, conhecia como escola, pois havia apenas estudado, no Brasil, em escolas públicas, em modelos bem tradicionais, com em média 40 alunos por sala de carteiras enfileiradas e com professores que se sentavam em mesas, pediam que abrissemos os livros na página tal para acompanharmos a sua leitura e depois fazíamos os exercícios de fixação propostos. Ou então, ele mesmo escrevia um texto na lousa para copiarmos, ou quando tinha algo mais importante para fazer, pedia para um aluno copiar na lousa para ele, o que era prontamente atendido por qualquer escolhido, como um prêmio. Tempo livre eram os vinte minutos de intervalo, quando nos debatíamos em frente a cantina, aqueles que tinham dinheiro para comprar lanche, ou ficávamos nas filas da merenda. No final, mal dava tempo de engolir o lanche enquanto conversávamos com os amigos, normalmente 600 crianças soltas no pátio com energia de sobra que havia sido represada durante todo o período de aula anterior, o que resultava em correria, mais comum por parte dos meninos que não tinham mais o que fazer com tanta energia acumulada no tempo sentados nas carteiras, e nós, meninas, tentando ouvir umas as outras no meio da gritaria. Batia o sinal e voltávamos para as carteiras enfileiradas até a hora da saída. A hora que batia o estridente sinal para saída, que às vezes era uma sirene, era uma corrida louca para chegar ao portão e ir embora para casa, para rua ou seja lá para onde fosse. Não víamos a hora de chegar os finais de semana e as férias. Era sempre contagem regressiva.

Na nova escola, desde a chegada, já não consegui entender muito bem “aonde estava a escola”! Era um terreno de terra batida bem grande, com algumas árvores fazendo sombra, um

acimentado não muito grande do lado esquerdo, um pouco ao fundo e uma outra construção, tipo uma garagem para dois carros, com duas portas dessas “de bar” de desenrolar, uma ao lado da outra, onde apenas a do lado direito ficava aberta. Logo na entrada uma esteira, dessas de praia no chão e, em seguida, um piano encostado pelo seu lado direito na parede à direita e este já servia como uma divisória para o que vinha no fundo, atrás dele. Entrando pela esquerda, antes do piano, abria um espaço com alguns outros instrumentos em cestos e livros em estantes. O chão era de cimento queimado e, atrás do piano, havia dois ou três tatames de palha e almofadas para nos derramarmos para ler... ou dormir, ou apenas ficar lá!

Na lateral direita dessa pequena construção, um puxadinho para cobrir uma pequena área para confecção de velas coloridas. Contornando esse local havia, ao fundo, dois banheiros indianos, desses de vasos sanitários no chão.

No espaço acimentado do “pátio” frontal haviam materiais de marcenaria e bancadas. E essa era a nossa escola. Apenas isso. E lá haviam crianças do mundo inteiro, que falavam diferentes línguas e com variadas culturas. Mas tínhamos algo em comum: nossos pais seguiam o mesmo mestre.

Ficávamos lá a tarde toda, todos os dias da semana, pois não havia “final de semana”. As “aulas” aconteciam lá ou em algum outro local onde éramos levados pelos educadores, como piscinas coletivas, hotéis, cinema... Os educadores eram escolhidos pelo próprio mestre, na maior parte de áreas diversas, como músicos, atores, psicólogos, mas eu não sabia muito bem, na verdade isso não me importava. O que realmente importava era que eu adorava aquele lugar! Ficávamos um pouco “soltos”, mas “vistos”. Se estávamos ali a toa, logo vinha algum educador conversar, convidar para fazermos algo interessante. Muitos momentos as atividades para que éramos convidados eram individuais, como tocar piano, flauta, construir algo na marcenaria, ouvir uma história. Outros eram coletivos, quando cantávamos juntos, fazíamos uma grande roda para o lanche, que na maioria das vezes era composto de tchai e banana, ou encenar uma peça teatral. Apenas aos poucos fui entendendo que estávamos preparando uma peça para ser encenada, onde iríamos, além de atuar como atores, cantar, dançar, tocar e improvisar figurinos. Era muito interessante, pois quando cheguei não falava quase nada de inglês, como muitas outras crianças, que vinham de lugares como Japão, Alemanha, Portugal... mas aos poucos fomos nos entendendo, nem sei bem como, e conseguimos apresentar uma linda concepção de Peter Pan. Fui sereia, índio e toquei xilofone. E fui muito, muito feliz! Tão feliz que, quando minha mãe resolveu que voltaríamos para o Brasil, após meses de convívio e, ao mesmo tempo

distância de familiares que eu amava e que haviam ficado aqui, não tinha certeza se queria voltar. E essa experiência marcou profundamente a minha vida.

Figura 3 - Eu e meus irmãos em encenação da peça Peter Pan - Índia



Figura 4 - Eu e meus irmãos em encenação da peça Peter Pan - Índia



O interessante era que, o que pareciam momentos de lazer, foram fazendo com que eu desenvolvesse uma série de habilidades, algumas artísticas em mim mesma, habilidades que eu nem sabia que existiam. Dançar, cantar, interpretar, tocar alguns instrumentos, construir ou confeccionar objetos de marcenaria e de arte. Tudo o que eu aprendia era estimulante e motivador e, mesmo não dominando a língua inglesa utilizada pela maioria dos professores e alunos, eu me comunicava bem com todos e realizava os afazeres sem maiores dificuldades.

Vejo hoje que a principal função daquela escola era despertar nossas habilidades e dons.

A educação é a ponte entre a potencialidade e a realidade. A educação é para ajudar as pessoas a se transformarem naquilo em que elas são em forma de semente quando nascem. (OSHO, O livro das crianças, pg. 170).

Além disso, me sentia livre para experimentar. Desde produzir coisas até subir em árvores ou ficar “aprontando” algo com os amigos. Em todo o tempo que fiquei lá, me lembro de apenas um episódio com um professor, de ele ter nos dado uma “bronca” e, mesmo assim, sem gritos, apenas um olhar firme e direto. Tinham como princípio nos dar liberdade para testar, mas, por outro lado, estabelecíamos juntos alguns compromissos que tinham que ser seguidos. Assim, eu me sentia respeitada, mas também aprendi a respeitar.

Alguns conhecimentos eram transmitidos a partir das leituras de livros, rodas de conversa ou mesmo a partir de um convite instigante de um professor para desvendarmos uma charada matemática. Sem testes, sem provas, sem comparações, sem competição.

Não deve haver nenhum tipo de exame. E sim a observação dos professores todos os dias, a cada hora, de modo que essas observações ao longo do tempo decidam se o alunos deve avançar ou permanecer um pouco mais na mesma classe. Ninguém fracassa, ninguém passa de ano, a questão é que algumas pessoas são mais rápidas e outras mais lentas. A ideia de fracasso cria uma ferida profunda de inferioridade, e a ideia de ser bem sucedido também cria uma espécie diferente de doença, que é a superioridade. (OSHO, O livro das crianças, p. 188).

Voltamos para o Brasil no meio do ano letivo e fui matriculada, para que pudesse finalizá-lo, em uma escola estadual do bairro com a condição de que para passar de ano deveria ter de tirar a nota “A” em todas as disciplinas e não ter nenhuma falta. Pareceu-me algo impossível, pois havia perdido todo o conteúdo do primeiro semestre, mas para minha surpresa, com exceção de uma matéria que tirei “B” e fui para recuperação tirando então o “A” necessário, consegui atingir o que havia sido proposto.

Esse fato tornou-se muito marcante e, não sei se mais ou menos do que a própria escola que havia conhecido, mas, definitivamente, a partir de então, a minha curiosidade pelo que posso chamar hoje de processo de ensino-aprendizagem foi despertada.

A trilha interdisciplinar caminha do ator para o autor de uma história vivida, de uma ação conscientemente exercida a uma elaboração teórica arduamente construída. Tão importante quanto o produto de uma ação exercida é o processo, e mais que o processo, é necessário pesquisar o movimento desenhado pela ação exercida – somente ao pesquisar os movimentos das ações exercidas, será possível delinear seus contornos e seus perfis. Explicitar o movimento das ações educacionalmente exercida é, sobretudo, intuir-lhes o sentido da vida que as contempla, o símbolo que as nutre e conduz – para tanto, torna-se indispensável cuidar dos registros das ações a ser pesquisadas (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.24).

Após um ano do meu retorno ao Brasil integrei-me ao elenco de um espetáculo infantil, “Os Saltimbancos” (1979), dirigido por meu pai (Taná Correa) no qual fiquei dois anos em cartaz, período em que tive diversas experiências extremamente significativas e determinantes na minha formação.

Figura 5 - Eu à direita, ao centro Bruna Lombardi – Peça teatral “Os Saltimbancos”.



Continuei desenvolvendo trabalhos teatrais que foram complementando minha formação artística e pessoal e tornando-me apaixonada por esta arte. Profissionalizei-me como atriz aos vinte e três anos e realizei experiências também como diretora, coreógrafa e cenógrafa e, por influência da última, resolvi fazer faculdade de Desenho Industrial.

Figura 6 - No musical infantil “O Sonho de Alice” com Antoune Nakle.



Figura 7 - Atuando como Madame Blawatsky, de Plínio Marcos, no Memorial da America Latina com Daniel Warren.



No entanto percebi que não era essa a minha vocação.

Durante a temporada de um espetáculo que estava atuando (1993), após alguns questionamentos pessoais, concluí que queria compartilhar minha experiência adquirida no processo teatral da minha infância com outras crianças e adolescentes, e dessa forma poder contribuir, a partir do teatro e, ao mesmo tempo, com o olhar daquela escola da Índia, a qual havia despertado em mim o desejo de ter algo assim no Brasil, algum dia, com as crianças em seus processos educativos.

Foi quando formei o meu primeiro curso de teatro para essa faixa etária (6 a 13 anos) num espaço utilizado para grupos terapêuticos e vivências, no ano de 1994 (Espaço Sollua). Com o intuito de unir a minha formação de atriz, que ainda fiquei desenvolvendo por algum tempo, e minhas vivências com a educação, procurei ler uma série de livros relacionados ao tema, mas após algum tempo, senti necessidade de uma formação mais efetiva, já que o interesse inicial havia aumentado, o gosto pelo trabalho que desenvolvia crescia a cada dia e, nesse momento eu vinha implementando, coordenando e dando aulas de teatro no curso para crianças e adolescentes (de 06 a 17 anos) no INDAC – uma escola de curso técnico para formar atores da cidade de São Paulo. Foi quando resolvi fazer a faculdade de Pedagogia.

Figura 8 - Encenação de rua da peça teatral “O Rei Arthur” – Curso de teatro para crianças - INDAC



Figura 9 - Encenação do musical “Goodspell” – Curso de Teatro para jovens - INDAC



Após ingressar na Faculdade de Pedagogia da Universidade São Camilo (agosto de 2001), tive clareza que essa seria a minha área de atuação, pois tudo fazia sentido! O que inicialmente tinha como propósito subsidiar meu trabalho com novas informações para que eu pudesse atuar na coordenação do curso de teatro para crianças e adolescentes, agora torná-va-se o meu foco principal, o processo de desenvolvimento da aprendizagem como um todo. E,

principalmente, quando passei a ter aulas com a profa. Margaréte May, que me apresentou à interdisciplinaridade e às pesquisas de Ivani Fazenda, pude perceber que aquela escola da Índia, que não havia deixado de ser um sonho, e todo o trabalho de educação através do teatro que eu vinha desenvolvendo poderiam se tornar, através dessa linha de desenvolvimento educacional, a interdisciplinaridade, o projeto de uma escola formal. Ao cursar Pedagogia e me debruçar e pensar como seria o processo de ensino e aprendizagem que eu gostaria de vivenciar e propor, voltei àquela experiência que havia tido na Índia quando criança, e todo o processo vivido foi despertado e este fazia muito sentido nesse momento!

Naquela escola vejo o quanto aprendi quando pensava que estava apenas brincando e quando volto a olhar para as peças de que participei quando voltei ao Brasil, o quanto me dediquei por estar totalmente envolvida, me sentindo integrante daqueles grupos, passando por tantas experiências criativas, desenvolvendo diferentes inteligências a partir do próprio processo teatral, tenho a convicção de terem sido essas vivências responsáveis por uma larga fatia da minha educação.

E como Gusdorf acreditava que, assim como Japiassú no prefácio da primeira edição deste livro (1979): “mais vale uma cabeça bem formada, do que uma cabeça deformada pelo indevido acúmulo de saber inútil.” (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 19).

Nessa época eu, além de desenvolver o trabalho na escola de teatro, também dava aulas em diversas escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio do bairro que morava. E quando olhava para os meus alunos de teatro dentro deste ensino regular, sendo a minha aula mais uma das disciplinas da grade curricular dessas escolas que lecionava, em artes, percebia que apesar do mundo ter mudado em diversas direções, com tantas possibilidades, responsabilidades, inovações, ideias, a escola pouco havia mudado. Meus alunos continuavam enfileirados, sentados em carteiras, olhando para um grande quadro, ouvindo, lendo ou escrevendo conceitos e ideias que não faziam sentido para eles. Continuavam sem saber porque estavam ali e para o que aprendiam o que lhes era apresentado.

Tudo isso ainda se dá, pois a educação se mostra distante da realidade dos estudantes e, portanto, descontextualizada (FREIRE, 2014). O modelo educacional contemporâneo prioriza os aspectos intelectuais, ou ditos conteúdos, deixando outros aspectos, como o corpo e as emoções de lado (NARANJO, 2015). Sendo que Paulo Freire elucidou de maneira bem clara o

que de fato acontece nesse sistema quando definiu o que seria uma educação bancária (FREIRE, 2014), ou seja, que deposita uma grande parcela de conteúdos, sendo os educandos uma parte não ativa do processo, a eles caberia decorar, memorizar e, ao final do processo, reproduzir o conteúdo em uma avaliação, o que é resultado de uma educação conservadora.

Sendo, portanto, a escola e a formação realizada neste ambiente engessadas em um modelo ultrapassado, excludente e descontextualizado das realidades plurais existentes no país (TAVARES, 2009). Martins (2006) afirma que a educação escolar é uma educação descontextualizada e colonizadora, que tem a função de integrar esta diversidade às suas narrativas hegemônicas, logicamente com o objetivo de manter o *status quo*, o que também é colocado por Freire (2014) sendo o modelo que ele veementemente combate ao propor uma educação libertadora, que partiria de símbolos próximos aos educandos visando mudar a estrutura social.

Nesta mesma direção, Souza (2005, p. 78) destaca que os conteúdos escolares, por desconsiderarem as experiências e a pluralidade cultural dos sujeitos, são obsoletos e sem significado para alunos e alunas. Para a autora, há “uma distância entre o que se discute na escola e as experiências vivenciadas pelos educandos”, o que “aumenta o abismo entre escola e os alunos e alunas”.

Busquei, assim, uma outra forma de atingir o mesmo objetivo – educar – com tudo o que envolve esta palavra, de uma nova maneira, já que a partir da minha vivência e dos estudos relacionados a ela, percebi que essa não era a educação que eu acreditava e ela não se mostrava efetiva e nem significativa para os estudantes. Foi então que passei a pensar se a educação pela arte, através de uma prática interdisciplinar seria uma possibilidade.

[...]é uma relação de reciprocidade, de mutualidade, que pressupõe uma atitude diferente a ser assumida diante do problema do conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentada para unitária do ser humano (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade no Ensino brasileiro, p.10).

Nesse modelo o teatro seria o eixo principal, para encontrar através dessa vivência uma educação mais ativa, com objetivos secundários que despertassem o interesse do aluno, para atingir uma visão holística do mesmo, em um equilíbrio entre teoria e prática, corpo, mente e emoções, resultando em um processo, também, de autoconhecimento e, assim, em um aprendiz

mais equilibrado para melhor se relacionar consigo mesmo e com seu meio, necessidade que já vinha sendo apresentada como extremamente importante no processo do desenvolvimento humano elucidado por pensadores da educação.

O homem vai atingindo o conhecimento de si, à medida que conhece o outro: é um “ser a ser” (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?).

Piaget coloca que o conhecimento seria o resultado de interações que se produzem entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, contendo um elemento de elaboração novo. A troca inicial envolvendo sujeito e objeto ocorreria a partir das ações do sujeito. Para ele não existe conhecimento resultante do simples ato de registrar observações e informações, desprovidas de uma estrutura relativa às atividades do próprio sujeito. Todo o conhecimento em si pode ser considerado como um processo de construção que vai sendo elaborado desde a infância, por intermédio de interações entre o sujeito e os objetos desse conhecimento, sejam estes do mundo físico ou cultural (FARIA, 1998).

Para Vygotsky, a aprendizagem é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores e outros atributos a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente. Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio-históricos, coloca que a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como “processo de ensino aprendizagem”, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (OLIVEIRA, 2003).

Na teoria pedagógica de Wallon, o autor diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro. Wallon fundamentou suas ideias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. As emoções, para Wallon, têm papel preponderante no desenvolvimento da pessoa. É por meio delas que a pessoa exterioriza seus desejos e suas vontades (GALVÃO, 2000).

Ao estudarmos estes pesquisadores da educação, podemos inferir que, a aprendizagem se dá na relação do que somos, que trazemos enquanto informações genéticas hereditárias, que nos constituem enquanto seres humanos originários de uma determinada sequência de relações

genéticas (familiar) com as relações que se estabelecem (no sentido emocional, de valores e de necessidades) com outros seres, a cultura e os objetos.

Tendo como ponto de partida a relação de equilíbrio entre teoria e prática, realizei esse estudo tanto por meios teóricos, a partir de mestres e autores que desenvolveram pesquisas a respeito dos temas: interdisciplinaridade, educação, arte, dança, teatro, teatro-educação, arte-educação, etc., como também com a prática de estudo de casos que fui registrando ao longo da minha pesquisa ou depoimentos da prática de outros profissionais ligados a essa área ou do processo cognitivo.

A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana¹⁸ através da passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade¹⁹ e, assim sendo, recupera a ideia primeira de Cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças no mundo) (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.82).

Foi então, a partir desses entendimentos, da minha experiência educacional na infância, da insatisfação com o modelo educacional que eu vivenciava como educadora, e do meu encontro com a interdisciplinaridade, que visa superar a fragmentação do ensino escolar e tem como premissa contextualizar os conteúdos de ensino de forma mais significativa, que encontrei fundamentos para elaborar a proposta da Escola Teia Multicultural – Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, em 2005, como finalização do meu curso de pedagogia no Centro Universitário São Camilo, orientado pelo professor Gaston A. C. Henriquez e com a participação de co-orientação da professora Margaréte May com o título “A arte de educar: O teatro como eixo norteador desta arte”.

Para a interdisciplinaridade começar, necessita de uma decisão pessoal, de se romper com as evidências estabelecidas, propondo-se a uma tarefa solitária de começar tudo de novo. Este momento de decisão da interdisciplinaridade impõe-se tanto ao filósofo quanto ao educador. Romper é ato de vontade, de coragem, uma vez que os obstáculos são muitos.” (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.47)

No ano de 2006, após convidar outras duas educadoras para colocarmos essa proposta em prática, fundamos a Escola Teia Multicultural.

Figura 10 – Fachada da primeira Teia Multicultural – Inauguração em 11.09.2005



A proposta da Escola Teia Multicultural, uma iniciativa educacional que se propõe a uma educação inovadora, surgiu inicialmente como Educação Infantil e Ensino Fundamental I e tinha desde sua concepção, como objetivo, propiciar um aprendizado significativo e efetivo – em relação a não apenas fixação de conteúdos aleatórios e sem sentido que rapidamente são esquecidos, mas vivenciais, experienciados e compreendidos físico, emocional e intelectualmente pelos alunos e que normalmente são guardados em memórias mais duradouras - de forma interdisciplinar, tendo como missão fornecer elementos para a formação de indivíduos autônomos para atuar em um mundo globalizado e plural. Tem em sua base as quatro aprendizagens fundamentais ao indivíduo, que são os pilares do conhecimento, expostas no relatório Edgar Faure da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, enviado à UNESCO (FAURE *et al.*, 1974): "Aprender a aprender"; "Aprender a fazer"; "Aprender a viver junto"; "Aprender a ser".

CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA

A “construção” da escola, ou seja, a documentação necessária para que ela pudesse se efetivar como tal a partir do ano de 2006, recebendo alunos, parecia inicialmente que estava caminhando bem, dentro do que eu acreditava ser um processo tranquilo devido a formação para esse fim que eu havia recebido na faculdade, das pesquisas realizadas em diversas escolas do mundo, dos documentos orientadores, principalmente a utilização da LDB e contando como

referência com o material disponibilizado gentilmente pela então diretora da Escola Lumiar como referência, mas tornou-se, na verdade, um caminho árduo.

Montamos a estrutura física da escola de acordo com a proposta almejada, inauguramos o espaço físico no dia 11 de setembro e demos entradas com todos os documentos exigidos pela Diretoria de Ensino (D.E.) no prazo estabelecido pela lei vigente, que antecede o período letivo, para iniciá-lo em fevereiro de 2006, entretanto, tudo o que planejamos nos ambientes, que nos diferenciava e ao mesmo tempo caracterizava a nossa proposta, inspirado na escola da Índia e no fazer teatral que eu havia realizado ao longo de anos e, ao mesmo tempo, subsidiado pelos estudos realizados sobre Salas Ambientais, nossa proposta foi rejeitada pela comissão após verificarem o material descritivo, os documentos enviados e realizarem a vistoria em loco. A comissão designada da Diretoria de Ensino para nos “acompanhar” nos fez diversas exigências de alterações que consideravam necessárias para que fosse possível a aprovação da escola, tanto no espaço físico quanto em relação aos documentos que continham a proposta da escola, como o Regimento Escolar. Para nós, as alterações exigidas não faziam muito sentido, mas dentro do que acreditávamos que seria possível alterar sem que mudasse a nossa proposta pedagógica, o fizemos. Mesmo assim, na segunda vistoria para verificar as alterações exigidas, no prazo determinado para essa realização, não fomos aprovados e, assim não autorizados a funcionar.

Uma sala de aula interdisciplinar difere da comum desde a organização do espaço arquitetônico à organização do tempo. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.71).

Todo esse material foi unido a outros que complementam um grande processo que tornou-se um dossiê e, nele, usamos como justificativas para a nossa proposta a própria LDB, além do modelo de algumas outras escolas no mundo, reconhecidas, que utilizamos como referência, bem como a própria Lumiar, a partir da qual fui apresentada ao modelo de Escola Democrática, na concepção de Yaacov Hecht, que muito se afinava com o que eu acreditava sobre educação.

O propósito da Educação Democrática é fornecer aos estudantes as condições que irão encorajá-los a aventurar-se para fora do “quadrado”, começando um processo de busca pelas áreas de força em que poderão aperfeiçoar sua confiança em suas próprias habilidades. (HECHT, Yaacov, Educação Democrática: o começo de uma história, 2016 p. 81).

[...] os principais objetivos da educação democrática: independência – ajudar o estudante a criar e adquirir ferramentas que possibilitem que

ele realize os seus objetivos – e a dignidade humana. A relação entre o tutor e o estudante deve ser construída à luz desses objetivos. (HECHT, Yaacov, Educação Democrática: o começo de uma história, 2016 p.164).

Referências estas que nos unem, mas com todas as diferenças que constituem cada uma dessas escolas, e com diversas conexões, afinidades, como tantas outras pelo mundo que as tornavam “escolas diferentes”, inovadoras, referências na educação, como a própria Escola da Ponte e as Escolas de Reggio Emília, aceitas formalmente. Assim, entregamos esse material à COGSP (Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo), reivindicando uma reconsideração do pedido de autorização, no processo de nº 1570/0002/2005, pois realmente não compreendíamos o motivo da negação ao nosso funcionamento, ressaltando que seguíamos em nosso modelo as concepções educacionais de mestres consagrados da educação no Brasil e no Mundo.

As matérias fixadas, diretamente, e por seus conteúdos obrigatórios, deverão conjugar-se entre si e com outras que lhe apresentem, para assegurar a unidade do currículo, em todas as fases de seus desenvolvimentos (Art. 2º Resolução 8/71 – CFE)” (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.104).

Igualmente concluiu-se que as matérias são fixadas pelos Conselhos de Educação, sendo que a formação pela qual elas serão trabalhadas competirá aos estabelecimentos de ensino, e que elas serão escalonadas em atividades, áreas de estudos e disciplinas, dependendo do grau de complexidade ou amplitude que atingirem” (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.103).

Paralelamente à essa ação, partimos para o pedido de autorização na prefeitura como Escola de Educação Infantil (SME – C.E. Pirituba, de 23/01/2006, de número 60.51.50.001) que nos permitiu o funcionamento e inclusive, na época, nos propôs convênio. Tendo início o ano letivo sem que tivéssemos um retorno, entramos com Mandado de Segurança e pedido de funcionamento, não acatando com a resolução que tínhamos até o momento, o pedido negado de autorização. Assim, iniciamos o nosso “ano letivo não legitimado formalmente”. Pouco tempo depois, recebemos um chamado da COGESP que, em reunião, nos disse que não poderia se colocar contrária a uma decisão da D.E. Continuamos com as aulas aguardando a resposta do Mandado de Segurança e pedido de funcionamento. Os pais estavam informados de que estávamos nesse processo.

No dia 16 de maio saiu o resultado do mandado contra a Dirigente Regional de Ensino – Diretoria de Ensino – Região centro, de processo nº 73 – 583.53.16.101.345-0 em nome da Empresa Teia – Teatro e Educação Interdisciplinar Ltda., mantenedora da Escola Teia Multicultural, onde constou que “Ademais, não cabe ao Poder Judiciário, em substituição a atividade privada do Poder Executivo, verificar a adequação do estabelecimento de ensino à legislação estadual, visando a sua autorização...”

A partir da minha experiência, quando os professores aprendem que um dos princípios do pluralismo relaciona-se tanto ao respeito pelo outro como o reconhecimento da importância do diferente e quando entendem que esse reconhecimento pode contribuir consideravelmente para a eficácia da escola, eles desistem da competição e começam a se interessar muito mais pelo trabalho em equipe e pela construção coletiva de algo novo. (HECHT, Yaacov, Educação Democrática: o começo de uma história, 2016 p.160).

Mais uma vez, foi negado o nosso pedido! Estávamos em abril, havia passado o primeiro bimestre. Então chamei todos os pais que compunham na época o nosso Ensino Fundamental, onde eu lecionava para uma turma composta por duas séries que formavam um ciclo, nossa Turma 4 – primeira e segunda séries na época – com um número total de 12 alunos, quantidade máxima pela proposta da nossa escola, convidando-os para uma reunião extraordinária. Nessa delicada reunião, contei o que havia se passado. Que não havia conseguido a autorização de funcionamento para o Ensino Fundamental – já que a educação infantil funcionava com autorização da prefeitura – e que teríamos que fechar a escola até o período que poderíamos entrar novamente com o pedido, provavelmente em setembro, para o ano letivo seguinte.

Como havíamos realizado um trabalho efetivo, obtendo resultados positivos com nossos alunos, tanto no aspecto cognitivo quanto psicomotor e emocional, através da proposta que realizávamos, os pais não queriam que seus filhos se mudassem para outra escola e me perguntaram o que aconteceria com eles nesse momento, quais seriam os tramites, já que já havia se passado o primeiro bimestre. Disse que, legalmente, eles deveriam ser classificados na outra escola a partir de suas idades e de algumas atividades que provavelmente deveriam realizar, dependendo da escola. Então perguntaram se isso não poderia ser feito da mesma forma no final do ano, para o ano seguinte. Respondi que sim, mas que as crianças ficariam como se estivessem fora da escola e que isso, pela lei brasileira é ilegal. Questionaram sobre, como “a lei” poderia saber sobre isso e expliquei que acontecia normalmente por denúncia ao conselho tutelar. Então, após um tempo de discussão entre os pais, resolveram que não tirariam as

crianças da escola até o final do ano se eu me compromettesse a continuar desenvolvendo o trabalho realizado até então e que, também, tentaria a autorização novamente para o ano seguinte, quando poderia fazer a classificação das crianças dentro da própria Teia. Após minha afirmativa, fechamos esse acordo e assim aconteceu. A única diferença foi que me senti mais responsável por aquele grupo, aquelas crianças, e decidi que teria que conseguir a autorização de qualquer forma. Conversando com as minhas sócias, decidimos contratar uma assessoria, que já nos havia sido indicada por um supervisor de ensino aposentado. Tivemos que investir um dinheiro que não tínhamos, mas o contratamos. Nos orientou a montar um Regimento Escolar bem padrão, inserindo cuidadosamente algumas partes do que tínhamos como proposta. Assim fizemos. Também orientou que organizássemos a escola separando as turmas em séries, deixando cada uma com uma Sala de Aula (pois trabalhávamos com mais de uma turma se utilizando das Salas de Registros em sistema de rodízio) e que não contássemos com nossas Salas Ambientais para realização de atividade como parte desse rodízio e, sim, como salas a mais (extras). Para isso, tivemos que organizar o período de aula que aparecia no projeto com 7 horas, já que propunhamos uma formação integral, para o período padrão para essa faixa etária de 4h30 diárias. Mesmo trabalhando em nosso modelo até o final do ano, organizamos o material para a Diretoria de Ensino como indicado e, no período de vistoria, próximo ao final do ano, organizamos as salas, os ambientes educativos, como tantos outros da época, que trabalhavam com salas de aulas de carteiras enfileiradas (trocamos as nossas mesas e carteiras e suas disposições) por série, sem sistema de rodízio de utilização, as salas ambientes apenas para serem utilizadas em poucos momentos, pois nesses modelos tradicionais essas salas ambientes são pouco utilizadas por dificuldade de organização. Tiramos do olhar tudo o que poderia parecer “diferente”, enfim, não ficamos com nada de inovador. E fomos aprovados, claro! Iniciamos o ano letivo de 2007 como uma escola formal, autorizada, de educação infantil e ensino fundamental I. Mas é claro que após a aprovação, voltamos à nossa prática interdisciplinar.

Naquela época – (referindo-se aos anos 70 – nota pessoal) – vivíamos na Educação sob um olhar formatado numa única direção...A compreensão era possível apenas numericamente e a análise era totalmente, a priori, dirigida.” (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.9).

Nesse mesmo ano, principalmente por toda a dificuldade financeira de um processo como esse, uma das sócias teve que sair da sociedade, mudou de cidade e passou a trabalhar em

outra escola como coordenadora pedagógica, papel que já desempenhava antes da Teia. Antes da saída dela, eu era responsável pelo Projeto de uma forma geral, pela coordenação pedagógica do Ensino Fundamental, que continha apenas uma única Turma, a T4, na qual eu era também a Tutora (professora responsável pela turma) e dava as aulas de teatro para todas as outras Turmas da escola bem como o que chamávamos (e chamamos até hoje) de Projeto Conviver. Com a saída dessa sócia, passei a ficar também responsável pela coordenação pedagógica da Educação Infantil, enquanto a outra sócia continuou responsável pela parte administrativa da escola.

Figura 11 - Eu como tutora e as primeiras crianças da Escola Teia Multicultural - 2006



1.2A Escola Politeia

No ano de 2007 recebemos um grupo de educadores, pais e alunos vindos da Escola Lumiar. Nesse período a então gestora da Lumiar, Helena Singer, havia se desligado da escola e, acompanhada de alguns educadores, alguns pais com seus filhos, inclusive o seu próprio filho, vieram para a Teia Multicultural. Vieram enquanto grupo, principalmente como pais, mas uma das educadoras passou a fazer parte do nosso quadro, como educadora na Educação Infantil da Teia.

Após algum tempo de trocas e convivência as relações se estreitaram, principalmente pelo compartilhamento de ideais próximos e, juntos, alugamos uma pequena casa ao lado da escola, onde fundamos o Instituto de Educação Democrática Politeia, que ocupava o andar de cima dessa casinha e onde aconteciam cursos de especialização “Formação em Educação

Democrática” organizado em módulos, e no andar térreo, montamos uma brinquedoteca para os alunos da Teia Multicultural.

Depois de algum tempo, decidimos que fundaríamos juntos a Escola Politeia de Ensino Fundamental II, o que ocorreu no ano de 2009, já que não havia esse segmento na Teia Multicultural e que, naquele momento, não tínhamos intenção de abri-lo.

Figura 12 - Reunião para fundação da Escola Politeia



Como a proposta estaria pautada especialmente na educação democrática e essa não era exatamente a minha linha pessoal de pesquisa na educação que incluía muito a arte e o autoconhecimento como condutores do processo realizados a partir da interdisciplinaridade, fiz parte do grupo responsável pela elaboração do projeto pedagógico, do regimento e das adequações da casa que escolhemos para que a escola fosse fundada, fiquei como diretora em seu primeiro ano (2010) de funcionamento e no segundo fui ”passando” esse “lugar” para outra sócia, mais afinada a essa proposta. Depois que ela assumiu como diretora, me desliguei do processo que continua existindo e desenvolvendo o trabalho nessa linha pedagógica.

CAPÍTULO 2 - UMA NOVA ETAPA – A MUDANÇA DE ENDEREÇO E A IMPLEMENTAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

No ano de 2011, sentimos que já não “cabíamos” tão bem naquele endereço e acreditamos que era chegada a hora de procurar outro local para dar continuidade à nossa proposta pedagógica.

Figura 13 - Fachada do segundo endereço da escola.



Figura 14 - A primeira apresentação de final de ano a partir do novo endereço “A Maravilhosa História do Sapo Tarô-Beque no Parque da Água Branca



Assim, passamos a pensar na possibilidade de um novo sócio para viabilizar essa mudança com seus custos de expansão. Recebemos um casal de amigos para esse fim, que se juntou à escola por um período, onde ficaram responsáveis pela educação infantil nessa sociedade. Mas, após um ano, a nova sócia ficou grávida, com algumas complicações, e inicialmente apenas se afastou, deixando a coordenação da educação infantil a cargo da sócia

responsável até então pelo administrativo, que nesse momento não estava mais querendo ficar com essa função e, por fim, no segundo ano, saíram da sociedade.

Nesse mesmo período, alguns pais vinham pedindo a organização do nosso Ensino Fundamental II e essa possibilidade começava a ser desenhada.

No ano de 2014 alugamos uma casa bem próxima a outra e, com o auxílio de alguns pais, preparamos o espaço físico, após a elaboração e escrita da proposta pedagógica e novo regimento incluindo o novo segmento, o qual também assumi como coordenadora, que iniciou no ano de 2015.

Figur 15 - Casa do Fundamental 2 da Teia Multicultural



Figura 16 - Educadores brincando com alunos do Ensino Fundamental II.



Esse segmento segue a mesma condução já desenvolvida na escola, que segundo seu Projeto Pedagógico (TEIA MULTICULTURAL, 2015) “tem como eixos norteadores do processo do ensino aprendizagem a arte e o autoconhecimento. Sendo que a arte é o modo de educar, não tanto quanto matéria de ensino, mas como método de aprendizado de toda e qualquer matéria e o autoconhecimento é a maneira como estimulamos os estudantes e educadores a encontrarem suas habilidades inatas valorizando-as e, assim, fortalecendo sua autoestima, de modo que percebam na sua relação com o outro que estas são questões inerentes ao ser humano – suas dificuldades e facilidades”.

O desenvolvimento de uma autoconsciência cada vez mais profunda nas crianças e adolescentes pretende fortalecer as individualidades, aumentar a autoconfiança, proporcionar a autoestima e a auto aceitação. Quando os sujeitos têm melhor conhecimento de si mesmos, possuem clareza de seus valores e autoconfiança suficiente para fazê-los valer em situação de conflito, os relacionamentos sociais tornam-se muito mais igualitários, respeitosos e positivos. O autoconhecimento também instrumentaliza os jovens para que sejam capazes de sustentar as pressões de grupo e assumir posturas corajosas e independentes, coerentes com seus princípios. Esse é, também, o caminho para que alcancem condições de construir um projeto de vida que lhes permita fazer escolhas e tomar decisões bem informadas, sensatas e coerentes, minimizando as incertezas e angústias de quem não sabe o que quer por não compreender as próprias motivações e sentimentos, possibilitando a conexão com o seu propósito. (TEIA MULTICULTURAL, 2015).

Ao utilizarmos a arte, principalmente o teatro e, mais recentemente o cinema (no Ensino Fundamental II) como eixo norteador, ampliamos o leque de aptidões e habilidades criando

diversas possibilidades de conexões com seus conhecimentos prévios, motivamos as crianças e adolescentes, as sensibilizando, possibilitamos um maior contato com a cultura e, principalmente, criando necessidade do conhecimento e desenvolvimento a curto prazo – no seu entendimento - no sentido de responderem as questões intrínsecas aos projetos e do fazer teatral e cinematográfico (TEIA MULTICULTURAL, 2015).

Para a realização de um projeto interdisciplinar existe a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente claro, coerente e detalhado, a fim de que as pessoas nele envolvidas sintam o desejo de fazer parte dele.(FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.72).

Portanto, ao considerar a arte como um mote gerador, estimulador de estudos e pesquisas, e nos norteando pela Base Nacional Comum, buscamos maneiras variadas e interdisciplinares de desenvolver os conteúdos propostos junto aos alunos. Aí entra o trabalho árduo dos nossos educadores: transformar estes conteúdos em algo que interesse, divirta, instigue os alunos à pesquisa.

Figura 17 - Aulas do Ensino Fundamental II, alunos pesquisando sobre o tema gerador do filme que criariam, um curta metragem.



Aprender a fazer pesquisa, pesquisando, é próprio de uma educação interdisciplinar, que a nosso ver deveria iniciar-se desde a pré-escola. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.73).

Sendo assim, além de instrumentalizar possíveis alunos com disciplinas básicas: aprender a refletir, aprender a própria língua, aprender a matemática básica, ser capaz de redigir bem e fazer a hermenêutica de qualquer texto, dominar a informática e a ecologia, a Escola tem em seu currículo, disciplinas que envolvam sua sensibilidade e percepção: dança, teatro, música, canto, artes visuais, artes marciais, etc., proporcionando um diálogo constante entre as áreas do conhecimento, trazendo contribuições de todas as ciências para a compreensão do processo de aprender, sem redução a nenhum dos enfoques, primando pelo equilíbrio da prática e da teoria, em diversos ambientes de aprendizagem pela Escola, valorizando a participação e a voz dos alunos na resolução de assuntos cotidianos da escola também por meio de assembleias (TEIA MULTICULTURAL, 2015).

A passagem do conhecimento à ação, por sua própria complexidade, envolve uma série de fenômenos sociais e naturais que exigirão uma interdependência de disciplina, assim como o surgimento de novas disciplinas. Nesse sentido pelo próprio fato de a realidade apresentar múltiplas e variadas facetas, não é mais possível analisá-la sob um único ângulo, através de uma só disciplina. Torna-se necessária uma abordagem interdisciplinar que leve em conta o método aplicado, o fenômeno estudado e o quadro referencial de todas as disciplinas participantes, assim como uma relação direta com a realidade.” (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.89).

Figura 18 – Assembleia Escolar



As turmas são multisseriadas, ou seja, em cada uma agrupa-se duas séries (anos) distintas, o que faz com que em uma mesma turma haja estudantes de diferentes idades e estágios de desenvolvimento, além do fato de cada um ter experiências de vida únicas. Essas interações levam, também, a momentos de convivência livre com bom entrosamento e benéficas relações se estabelecem entre eles.

Figura 19 - Convivência harmônica entre alunos de diferentes segmentos e diferentes idades.



Deste modo pode-se trabalhar, como já dizia Vygostky (1984), no território da zona de desenvolvimento proximal dos estudantes, ou seja, alguns deles entram em contato com um conjunto de atividades propostas e conteúdos que por si só não teriam como solucionar, porém, mediados por seus colegas mais experientes e professores, podem conseguir atingir e, se portanto, nesse momento, os estudantes precisam de uma mediação, em um próximo momento, não precisarão mais, passando, assim, a constituir um desenvolvimento real, mas em outros a proposta é exatamente para que esse grupo a realize, sem ajuda. Essa proposta pedagógica, então, é concretizada por meio de Projetos Interdisciplinares, únicos para cada turma, mas que têm como produto final uma peça teatral para os estudantes da Educação Infantil e Ensino Fundamental I e um curta metragem para cada turma do Ensino Fundamental II (TEIA MULTICULTURAL, 2015).

A opção por este procedimento surge a partir do entendimento de que o Projeto possibilita a vinculação do saber com a prática social. É através dos Projetos Interdisciplinares

que a abordagem dessa escola é contextualizada e concretizam-se os conceitos que serão ensinados, atribuindo-lhes sentido.

Num trabalho interdisciplinar é fundamental rever-se os quatro elementos fundamentais de uma sala de aula: espaço, tempo, disciplina e avaliação – mantendo certos aspectos de rotina e transgredindo outros em direção a audácias maiores. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.71)

Tendo também como base algumas experiências, como os exemplos utilizados na sua concepção, por exemplo, o trabalho desenvolvido com projetos nas escolas de Educação Infantil de Reggio Emília, na Itália (LINO, 1996) e uma diversidade de referências teóricas, bem como a Abordagem Baseada em Projetos (BIE, 2008) a Escola Teia Multicultural realiza a sua própria concepção e forma de desenvolver projetos, dentro da realidade e contexto a qual pertence.

Figura 20 - Alunos do Ensino Fundamental em apresentação teatral, finalizaçãodo Projeto “O Rei e o Jardineiro”.



No ano de 2016 foi reconhecida pelo MEC como Instituição Educacional Inovadora e Criativa, com representação nas cinco regiões do país, ficando entre as 9 no Brasil que já realizam a Educação Integral.

Figura 21 -Teia Multicultural reconhecida pelo MEC como Escola Inovadora no site do MEC

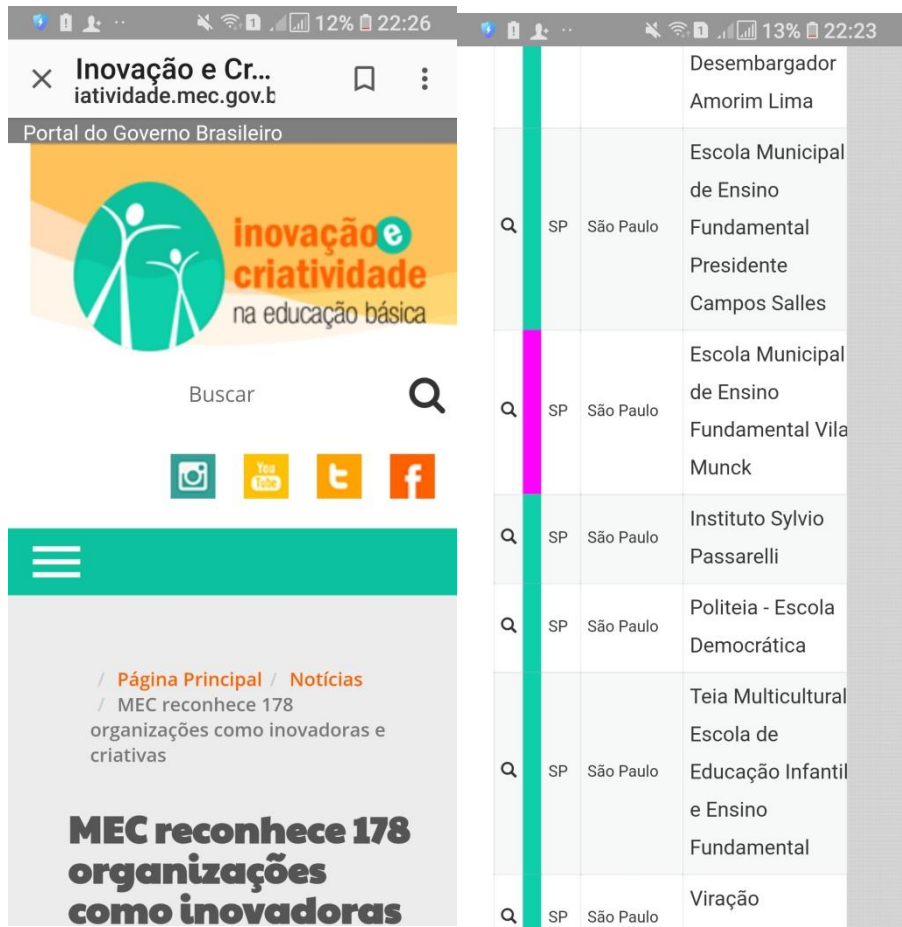


Figura 22 - Certificado daTeia Multicultural reconhecida pelo MEC como Escola Inovadora



Segundo o Buck Institute for Education (2008), que propõe a Abordagem Baseada em Projetos (ABP), define um projeto como "[...] um método sistemático de ensino que envolve os alunos na aquisição de conhecimentos e de habilidades por meio de um extenso processo de investigação estruturado em torno de questões complexas e autênticas e de produtos e tarefas cuidadosamente planejados".

Os projetos, portanto, são organizados com situações que partam de um desafio, de uma situação-problema e que sempre têm como um de seus objetivos um produto final, devido a proposta da aprendizagem por projeto, conter uma ideia, uma possibilidade de realização, uma meta, um querer que orienta e dá sentido às ações que se realizam com a intenção de transformar a meta em realidade. Esse conhecimento inicial da meta que dá origem ao projeto é fundamental para que os alunos possam compreender as decisões que vão sendo tomadas durante a realização do mesmo, onde durante o desenrolar do projeto, se estabelece uma cumplicidade de propósitos entre os alunos e destes com os educadores (BIE, 2008), provocando o surgimento de um ambiente de trabalho criativo, no qual cada indivíduo pode contribuir com suas aptidões, ou estar disposto a enfrentar o esforço de aprender algo novo e que se mostrou necessário em função do próprio projeto (CORREA, 2015).

Nesse sentido, costuma-se dizer que, para ser um projeto, o desenvolvimento do trabalho deve ter a participação dos alunos em algumas decisões, para que eles aprendam também a analisar situações, tomar decisões e ter a experiência de por em prática o que foi planejado. Dizendo de outro modo, no desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, as decisões devem ser partilhadas entre professores e alunos. Mesmo as decisões que são tomadas previamente pelo professor devem ser explicadas e justificadas, ou seja, partilhadas com os alunos.

O que é embasado, também, por Hernández e Montserrat (1998), ao colocar que depois de escolhido o tema, professores e alunos tem tarefas a desenvolver que dizem respeito ao projeto, os professores devem especificar o fio condutor do trabalho relacionando com o currículo, buscar materiais para serem explorados, estudar e preparar o tema, buscar envolver de forma bem sistemática os componentes do grupo no trabalho, reforçando a consciência de aprender, destacar o sentido atual do tema proposto, mantendo uma atitude de avaliação e por fim ordenar-se para programar e planejar novas propostas educativas.

A pedagogia de projetos organiza o currículo de forma interdisciplinar. As disciplinas dialogam elaboradas pelos professores a partir do que supõem de interesse dos estudantes unidos aos conteúdos didáticos propostos pela BNCC para a fase do desenvolvimento em questão (BIE, 2008). A partir dessas indicações buscam unir esses conteúdos à atividades lúdicas, de modo que os jogos, as danças e as várias manifestações artísticas e/ou esportivas são apresentadas e estimulam a aprendizagem (CORREA, 2015).

A interdisciplinaridade leva todo especialista a reconhecer os limites de seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas. Assim sendo, uma ciência é complemento da outra, e a dissociação, a separação entre as ciências é substituída pela convergência a objetivos comuns.(FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p. 43).

Sendo assim, Hernandez (1998, 2000) coloca que os “projetos representam uma maneira de entender o sentido da escolaridade como o ensino para a compreensão, o que implica que os alunos participem de um processo de pesquisa que tenha sentido para eles e no qual usem diferentes estratégias de estudo; podem participar no processo de planejamento da própria aprendizagem, e ajuda-os a serem flexíveis, a reconhecerem o outro e a compreenderem seu próprio ambiente pessoal e cultural (e o dos outros). Assim, como coloca Perrenoud (2002), os Projetos são procedimentos que conseguem unir a organização do trabalho escolar com formação pessoal, deslocando o centro das atenções das disciplinas para as competências pessoais e, portanto, os alunos passam a ser co-autores do seu processo de aprendizado.

Assim, percebe-se a construção de diversos saberes que vão além dos conteúdos, saberes estes, tão necessários ao desenvolvimento humano, principalmente nos dias atuais, onde se espera habilidades na vida sócio profissional como a resolução de problemas/conflitos, o espírito investigativo e de liderança, a autonomia para tomada de decisões, a criatividade (CORREA, 2015).

Torna-se fundamental um enfoque interdisciplinar..., pois somente ele irá possibilitar uma certa identificação entre o vivido e o estudado, desde que o vivido resulte da interrelação de múltiplas e variadas experiências. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 75).

Portanto, na abordagem educacional da Escola Teia Multicultural, acredita-se que a finalidade do trabalho embasado em projetos interdisciplinares é exatamente enfrentar o complexo desafio de possibilitar o uso do conhecimento como ferramenta para viver, formando indivíduos integrais e para um mundo total (NARANJO, 2015) utilizando a arte e o autoconhecimento como caminhos.

Sendo assim, acredita-se que o trabalho por meio de projetos interdisciplinares seja uma ferramenta eficaz para a construção de uma educação sistêmica, que segundo Teles (2003) representa uma ruptura com a educação do passado, de estrutura rígida, postura vertical do professor, aquisição de uma série desvinculada de conhecimentos que deveriam ser “vomitados” pelo aluno; educação autoritária, que não dava à criança ou ao jovem a oportunidade de exercitar sua criatividade, inventividade, reflexão e espírito de crítica. A educação sistêmica preocupa-se com o todo: a interação entre disciplinas, entre as pessoas-educando e educador de mãos dadas, lado a lado – passando sempre a nova cosmovisão, onde o amor é a argamassa que nos une a todo o universo. Mais do que tudo, preocupa-se com a sensibilidade ética e estética, com o autoconhecimento e a educação da alma.

Tal perspectiva também é corroborada por Naranjo (2015) que propõe a perspectiva da educação integral, de tal modo a agregar o trabalho com todas as esferas do indivíduo: o corpo, a mente, os sentimentos e o espírito, de tal forma que essas esferas sejam igualmente estimuladas ao longo do processo de ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, que para esse intento, o objetivo central seja a formação de indivíduos integrais, que possuam uma visão global de mundo e que isso acontece por meio da integração intercultural, favorecendo uma visão planetária das coisas, equilibrando teoria e prática, colocando a atenção tanto no passado como no presente e no futuro, com o intuito de construir uma educação libertadora, que propicie que os jovens tenham a habilidade de amar e serem compassivos.

Assim sendo, a perspectiva que a educação integral adota é a de “uma educação capaz de preparar os jovens para o exercício da cidadania por meio de uma formação que contemple aspectos éticos e democráticos” (ARAÚJO; KLEIN, 2006, p. 119). Para isso, dois elementos são essenciais: por um lado, a integração dos conhecimentos e saberes (os formais e os sociais), por meio de um trabalho que promova a interdisciplinaridade e, por outro, a integração da pluralidade cultural, através da interculturalidade.

No Brasil, desde o Movimento Escolanovista (1932) e Anísio Teixeira (1950) com a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, com Darcy Ribeiro (1980) na implementação

dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) e mais recentemente (2000) com os Centros de Educação Unificados (CEUs), muito se avançou na elaboração de programas que dialogavam, ainda que indiretamente, com as premissas relacionadas com a educação integral (MEC, 2009).

A partir da década de 90, com a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1997) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), o Brasil passou a compreender no seu desenho e modelagem de ações, programas e políticas, a educação integral como resposta às muitas vulnerabilidades das crianças e adolescentes e ao aprimoramento contínuo da qualidade da aprendizagem.

Em 2007, o Ministério da Educação lançou o programa Mais Educação, como um dos objetivos do Plano de Desenvolvimento em Educação, que tem como perspectiva implementar experiências baseadas nos preceitos da educação integral, aumentando, assim, por meio das suas ações a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas oferecidas em diálogo direto com as comunidades em que se inserem, assim prevê o aumento da jornada escolar e reorganização curricular, visando um processo pedagógico que conecta áreas do saber à cidadania, ao meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde, educação econômica e científica, cultura digital, esporte, lazer, educomunicação (MEC, 2009). Tal processo, só pode ser bem alicerçado e contínuo por meio da formação de educadores apropriados dessas ideias (MEC, 2009; NARANJO, 2015).

O conceito da educação integral dialoga diretamente com a proposta de cidades educadoras, proposta em que territórios – urbanos ou rurais – têm sua gestão inteiramente voltada para garantir o desenvolvimento integral de seus habitantes (MEC, 2009).

Os pressupostos da Educação Integral podem ser muito bem atendidos com o trabalho por meio de projetos interdisciplinares, com a finalidade de construir uma aprendizagem efetiva, significativa e prazerosa para os alunos.

Desse modo, a Escola Teia Multicultural busca endossar o que Vygotsky disse quando colocou a necessidade de criação de uma escola bem diferente da que conhecemos. Uma escola em que as pessoas possam dialogar, duvidar, discutir, questionar e compartilhar saberes. Onde há espaço para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Uma escola em que os professores e alunos tenham autonomia, possam pensar, refletir sobre o seu próprio processo de construção de conhecimentos e ter acesso a novas informações. Uma escola em que o conhecimento já sistematizado não é tratado de forma dogmática e esvaziado de significado (REGO, 2001).

Essa escola, que foi elaborada ao longo de muitos anos, teve sua concepção escrita em 2005 e tornou-se realidade no ano de 2006 tem vida e se renova a cada dia, e atende a um ímpeto pessoal, sincero e necessário que essa autora tem de construir um mundo melhor a partir da educação, crendo que isso só pode mudar a partir de uma nova perspectiva educacional, assim, continuou em seu processo de desenvolvimento e crescimento e no ano de 2017 a escola passou por mais algumas transformações.

CAPÍTULO 3 – MUDANÇA DE PRÉDIO E NOVAS ORIENTAÇÕES

Nos mudamos novamente de endereço no início do ano letivo de 2017, inicialmente apenas com o Ensino Fundamental I e II. Nesse mesmo ano, iniciamos um piloto para elaboração e construção do nosso Ensino Médio e, em meados desse mesmo ano, deixamos de ter a nossa Educação Infantil, numa separação de sócias, novamente, onde inicialmente deu-se a continuidade com o Ensino Fundamental I e II e com um piloto do Ensino Médio e a Educação Infantil, por esse período, deixou de fazer parte da mesma.

Figura 23 - Atual local da Escola Teia Multicultural



Continuamos desenvolvendo o piloto do que seria o Ensino Médio e, já no fim de 2017 nos organizamos novamente para retomarmos em 2018 a proposta pedagógica para a Educação

Infantil, primeiramente em parceria com outra escola em outro local e, em seguida, no meio do semestre, após reorganizarmos os espaços físicos na própria escola, demos início ao nosso Infantil no nosso endereço, mas agora também abrangendo o Berçário.

O eixo condutor para concepção dos projetos interdisciplinares na nova Educação Infantil foi concebido a partir das Cirandas e Histórias Contadas em Roda. Esse eixo inclui tanto a dança, as brincadeiras em roda, a música, as histórias, quanto a representação ao contar as histórias e as danças circulares, possibilitando uma diversidade de experiências e vivências artísticas, bem como o autoconhecimento no desenvolvimento integral nos projetos interdisciplinares propostos para essa faixa etária.

Figura 24 - Educação Infantil – Contação de história na aula de Yoga



No final do ano de 2017 recebemos, ainda, pelas Cidades Educação de Israel, o Edumission, que tinha como objetivo selecionar Escolas Inovadoras pelo Mundo, o reconhecimento de escola Inovadora, ficando entre as 10 finalista na seleção mundial, sendo destas 10, 4 do Brasil, quando recebemos o título honorário de Escola Inovadora no Campo da Interdisciplinaridade.

Figura 24 - Finalização do processo Edumission, onde fomos apontados entre as 10 escolas Inovadoras no mundo, no nosso caso, com foco na Inovação na Interdisciplinaridade.



Announcing Edumission 2017 Winners!

Happy New Year 2018!
 With the celebrations just behind us and the Bett show right around the corner, it is time for summaries and calculation, time for thinking and time for making resolutions, and of course - we hope you are as excited as we are -
It's time to announce the winning schools of the EDUMISSION 2017 challenge!

When this crazy year began we opted for a competition setting because we wanted to bring in the energy of a game. Honestly, we were ever a bit ambivalent about competitions as a driving force. Indeed, with time, we discovered that the most powerful energy did come not from the competition aspect of Edumission, but rather from **meeting each other** both virtually and physically, from the connections and from the mutual learning.

However - we will not neglect the challenge-y aspect of Edumission! Since submissions ended, alongside your fascinating feedbacks to each other, more than 3000(!) people have voted, as well as an honorable panel of judges that took their time to make a choice.

So with no further ado - the 3 winning schools in Edumission 2017 are:

First Place:	Second Place:	Third Place:
No Bell School, Konstancin Jeziorna, Poland	Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, Brazil	Little Forest Folk Primary School London, England

 Choice was very hard and many other schools, MOOCs and teachers came up repeatedly during the process. Since it is virtually impossible to place such different institution along one single scale for rating, we decided to give an honorable mention to a few more. The list below could have been described as 'Judges Picks' or 'Special Recognition'.
 We are proud to call:

- **Amal Network** in Tel Aviv, Israel - for exceptional pedagogic innovation in a school network
- **British International School of Houston** in Texas, US - best implementation of pedagogy of the future
- **Wish School** in Sao Paulo, Brazil - for thier holistic approach for education
- **LIKS** in Mexico City - nominated most promising institution. We have high hopes from you guys!
- **Faaborgegnens Efterskole** in Faaborg, Denmark - for innovation in a boarding school
- **Teia Multicultural** in Sao Paulo, Brazil - for demonstrating interdisplanry innovative ways of teaching
- **Escola vila verde** in Alto Paraíso de Goiás, Brazil - for making the deepest and most innovative use of enviromental learning

We want to take this time and thank all of you for participating! It was a hell of a ride and required tremendous efforts from everyone involved. We want you to know that this is only the beginning; we will soon contact you all again and tell you about the growing **Edumission Network**, of which we consider you all pioneers! Stay tuned for an announcement regarding **Edumission 2018**, and in the meanwhile - keep on rocking it in the journey for sharing educational innovation all around the world!



Happy 2018

Edumission Team, Yaacov, Anna, Keren, Ojas, Yair and Arnon



Assim, iniciamos o ano de 2018 como uma Escola Inovadora reconhecida no Brasil, pelo MEC, e internacionalmente, pelo Edumission, com nossa proposta educativa realizada

através de Projetos Interdisciplinares, uma escola de educação integral, orientada pela arte e pelo autoconhecimento, abrangendo do Berçário ao Ensino Médio.

Demos início neste ano de 2018 formalmente ao nosso Ensino Médio, com a proposta pedagógica seguindo a concepção dos outros segmentos, nos mantendo coerentes com nossos ideais educativos, tendo como orientação um Projeto Interdisciplinar Transmídia, onde o produto final será uma apresentação que utilize as diferentes linguagem artística e de comunicação em um mesmo produto, uma apresentação que tenha o teatro, o cinema, a locução, a mídia impressa, enfim, o que a criatividade dos nossos alunos permitir como produto final de investigação.

Figura 26 - Aula de Dança Circular para o Ensino Médio



Figura 27 - Apresentação da peça transmídia “Bailei na Curva” pelo Ensino Médio



Ao longo desses anos fomos reescrevendo e adequando o nosso Regimento Escolar e o PPP (Projeto Político Pedagógico) para que a cada ano estivesse mais próximo e coerente com o que realizamos no dia a dia da nossa escola. Hoje temos esses documentos retratando quase a totalidade do que é a nossa proposta.

CAPÍTULO 4 - COMO REALIZAMOS NA PRÁTICA A PROPOSTA DA ESCOLA

4.1 Planejamento

Toda a construção do processo começa no nosso primeiro planejamento, que acontece em janeiro e tem duas orientações, uma delas é o trabalho de autoconhecimento, que não se restringe ao trabalho de terapia de grupo ou vivência terapêutica, mas também ao viver juntos. Ficamos de 7 a 9 dias em um sítio, convivendo o tempo inteiro, trabalhando, nos organizando, dormindo, acordando e comendo juntos, uma dinâmica diferente do dia a dia no trabalho. São momentos importantes, que nos aproximam muito, fazemos fogueira, brincamos, cantamos e nos divertimos!

Figura 28 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



Figura 29 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



Figura 30 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



Mas também realizamos um workshop de autoconhecimento nesse período. Nesses processos, as pessoas ficam mais sensíveis, se emocionam, sentem raiva, choram, se expõem, é uma relação bem diferente que se estabelece e isso fortalece a união do grupo. Nesse trabalho, as pessoas enxergam suas dores, suas necessidades, suas potencialidades, suas neuroses, sistemas que nem percebem e reproduzem na sua vida. Tudo isso está relacionado a se perceber, temos como intenção ao trabalhar essas questões, possibilitar um olhar mais limpo em relação à criança, um olhar mais amoroso, vendo que muitas vezes o que a fez sofrer também pode estar fazendo a criança sofrer, o que o alegrou, fortaleceu, incentivou, talvez sirva para outras crianças, também. Em relação às dificuldades, pode ser uma opressão, uma falta de atenção, um desamor, então os educadores são tocados pelos sentimentos da criança e fica mais fácil ter

cuidado com o outro, com essa criança que ele é responsável, que está ali tutorando. Por isso, temos esse foco tão especial no autoconhecimento, tem o motivo de cuidar dessas pessoas, mas também de perceber a melhor maneira de lidar com essa outra criança que está se formando, se sensibilizar para esse outro momento com ela. E, posteriormente, no dia a dia, também ter condição de observar o trabalho de autoconhecimento com essa criança.

Figura 31 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



Entrevista com uma aluna de 13 anos sobre o autoconhecimento na escola:

Entrevistador: Você percebe o trabalho de autoconhecimento na escola?

Aluna: SIM

Entrevistador: Você percebe isso no dia a dia em que situações?

Aluna: Isso fica bem nítido em quase todas as ações, porque sempre dão espaço pra falar da gente, de como a gente tá se sentindo, os tutores, os especialistas e também o pessoal que trabalha lá no geral, tão sempre preocupados com a gente. Todo mundo compartilha isso e é muito legal porque, na verdade, com esse gesto de preocupação um com o outro e também durante as aulas com os exercícios propostos a gente acaba conhecendo mais sobre a gente mesmo. Na autoavaliação também é bem legal, porque é um momento de reflexão que a gente pode ter sobre o quão a gente melhorou, a gente piorou, é um momento pra gente refletir, pensar sobre a gente, se a gente está contente, sempre fica muito claro na Teia que a gente tem que estar feliz com a gente. E o pessoal da Teia está sempre ajudando a conseguir as metas que a gente coloca pra gente, por exemplo, eu quero fazer isso até o final do mês. Se a gente compartilha com o grupo a gente consegue fazer isso. Pelo menos eu me autoconheci muito melhor depois que eu vim pra Teia. Eu entendi coisas sobre mim muito mais fácil de um jeito muito mais rápido. E também comecei a aceitar isso e a melhorar, porque os defeitos, não diria defeitos e sim dificuldades, podem ser melhoradas e algumas até superadas. Então pelo menos pra mim fica muito nítido o autoconhecimento na Teia e é super legal porque estamos sempre aprendendo mais sobre a gente e é muito gostoso ter essa experiência no dia a dia, é muito bom!

Entrevistador: E aqui no sítio, o que você acha das meditações?

Aluna: Eu acho que servem pra gente expandir. A gente acaba com isso de “ai, tem que acordar cedo”, fica tudo muito pesado, e a meditação ela expande, ela deixa leve, a gente assim, só fecha o olho ou nem fecha o olho, mas só falar assim, agora é o momento que eu quero curtir, porque é bom estar aqui, é bom você saber que está planejando uma coisa que você tem espaço, que você tem abertura pra planejar os seus próximos seis meses, e é muito bom, e é muito bom você poder dar opinião, você poder falar o que você acha melhor, o que você acha pior, é bom você poder opinar e é muito bom a gente poder ter isso, e eu acho que é uma experiência, assim, sem igual, porque mais pra frente a gente vai lembrar disso.

Além do processo de autoconhecimento, nesses dias no sítio, começamos a pensar e organizar o trabalho que será realizado no Fundamental I em todo o ano, porque é uma sequência única para o ano inteiro, realizada em dois períodos. E para o Fundamental II, planejamos o semestre.

Figura 32 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



Figura 33 - Planejamento e Workshop de autoconhecimento para educadores



No trabalho com o Fundamental I, partimos de um texto teatral já existente, que se

relacione com as diversas áreas artísticas. Por esse motivo é sempre um musical infantil, para que tenha música, dança, interpretação e também as artes visuais, assim desenvolvemos a cenografia, figurino e adereços.

Figura 34 - Peça teatral “A ver estrelas” encenada pelos alunos do F1.



A partir do texto definido, que escolhemos no final do ano anterior, fazemos sua leitura para perceber o que é imprescindível para que as crianças entendam, conheçam, tenham contato com o contexto histórico, os valores, a cultura implícita no texto. Então o que está por trás do texto é o que trabalhamos no primeiro semestre. Eles só vão entrar em contato com o texto teatral, saber qual é a peça, no segundo semestre.

Para os primeiros semestres, foi desenvolvida uma metodologia que chamamos de “Revelando o Con-texto” que transforma o que está por trás do texto em algo explícito, visível, concreto. Esse material concreto é uma Instalação Interativa, que é o Produto Final do Projeto Interdisciplinar do primeiro semestre. Ela tem um caminho de orientação que chamamos de “Tema Gerador” e para isso definimos um nome, que orienta o que projetamos criativamente, analisando tudo o que faz parte do contexto da peça, o que é imprescindível que os alunos conheçam. Essa instalação é a união da produção das diversas Turmas que farão parte da peça teatral do segundo semestre, e suas produções realizadas ao longo dos estudos e investigações dos alunos. A união das produções das Turmas, como partes de um quebra cabeça, constitui a instalação. Cada tutor/educador responsável por uma turma pensa em qual será essa parte do quebra-cabeça, do “Tema Gerador” que irá investigar e produzir com seus alunos, e que irá unir

com as outras Turmas para formar a instalação no processo final desta etapa. Esse enorme quebra-cabeça é a subjetividade do texto teatral que será trabalhado no decorrer do semestre seguinte.

Figura 35 - Instalação “Se de espirais é feita a estrada, como equilibrar essa jornada?”



Utilizando como referência para explicitar o proposto, utilizo a instalação “Se de espirais é feita a estrada, como equilibrar essa jornada?”. Nesse exemplo, as produções foram inspiradas na investigação sobre a estrada da vida, e o que a orientou como eixo investigativo de todas as turmas do Ensino Fundamental I foi a ideia de que a vida nos conduz por trilhas desconhecidas, mas que nos constitui a cada novo percurso e o equilíbrio entre as nossas escolhas e as influências que recebemos desde que nascemos é o que torna essa jornada espiral ascendente, um grande e complexo jogo, onde cada movimento nos possibilita encontrar algo novo.

A partir do tema gerador, foram encontrados os eixos investigativos, objetos de estudo desse tema que será distribuído entre as turmas, que representam o que nos torna exatamente do jeito que somos: o Tempo e o Espaço - tão relevantes para o nosso desenvolvimento físico, emocional e mental; a Cultura e a Comunicação - que nos constituem e de onde tudo recebemos para nossa formação; a Sociedade e as Relações de Poder - como forma de conhecermos e reconhecermos nosso lugar no mundo, conscientes de nossos direitos e deveres, permitindo que sejamos protagonistas de nossas decisões sociais; o Ser - que possibilita uma reflexão sobre o que somos, quem somos, o que viemos fazer e o que nos completa nesse intrincado quebra-

cabeças, a vida; e, por fim, o Conhecimento - elemento essencial para que possamos ampliar nossa forma de pensar, agir, transformar e criar, levando uma busca pelo autoconhecimento, fomentando uma ampliação das nossas percepções sobre quem somos e como somos. Cada um desses subtemas foram investigados (eixos investigativos), ao longo do semestre, por diferentes turmas desse segmento e as produções que exemplificaram cada descoberta foram organizadas no ambiente, por cada uma dessas turmas, de forma a possibilitar aos visitantes da instalação verificarem e, ao mesmo tempo, vivenciarem, conhecendo o que foi investigado e a que conclusões chegaram os alunos, mas, ao mesmo tempo, podendo chegar, também, nas suas próprias conclusões. Por isso nossas instalações são sempre “Interativas”.

Figura 36 - Instalação realizada pela metodologia “Revelando o Con-texto” da peça teatral “A Maravilhosa História do Sapo Tarô-Bequê”



A segunda etapa, a da montagem do texto teatral, é elaborada no segundo encontro de formação e planejamento, também num retiro, em um sítio, que acontece em julho. Nesse encontro, trabalhamos especificamente a partir do texto teatral, onde no planejamento os educadores têm um período dedicado à formação artística, exercitando o cantar, o dançar e

interpretar, improvisando figurinos e montando um pequeno trecho da peça que será apresentada aos alunos no início do segundo semestre.

Figura 37 - Confeção de maquete do cenário da peça teatral que será encenada.



Nos dois semestres, além de todo esse processo da instalação e peça do Fundamental I, desenvolvidos pelos tutores/educadores, também temos no planejamento os especialistas das diversas áreas, como de dança, música e teatro que, além de desenvolverem o projeto dentro das suas áreas – área diversificada, devem relacioná-lo com alguns conteúdos estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular da área comum, de forma que tragam a parte vivencial do desenvolvimento desses conteúdos.

O que se pretende, portanto, não é propor a superação de um ensino organizado por disciplinas, mas a criação de condições de ensinar em função das relações dinâmicas entre as diferentes disciplinas, aliando-se aos problemas da sociedade. A interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade. p.89).

Propomos diferentes caminhos para o desenvolvimento do proposto. Um deles é resolver situações e problemas que apareçam durante as realizações, por exemplo, nas aulas de Artes, fazendo a cenografia, adereços, etc., onde usam muita Matemática para construir o

produto, tanto na sua elaboração como em sua confecção - com tamanhos, medidas, formas. Outro exemplo, as aulas de Teatro, que possibilitam investigações no estudo do texto, onde desenvolvem a língua portuguesa, ou com os contextos históricos que podem abordar conteúdos de história e geografia. Já em Dança, na percepção de si sua da relação com a natureza, possibilita o desenvolvimento de conteúdos da área de ciências naturais. Assim, vão preparando o corpo, treinando a oratória, descobrindo diferentes formas de representações plásticas para se utilizarem desses conhecimentos no momento que estiverem produzindo a peça teatral. Há a necessidade desses conhecimentos para se chegar ao produto final, tanto do primeiro semestre, que é a instalação, como do segundo semestre, a peça teatral. É dessa forma que unimos os conteúdos (habilidades) com os projetos artísticos que é o nosso eixo.

É uma atitude de abertura, não preconceituosa em que todo o conhecimento é igualmente importante. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 11).

Já o planejamento do Fundamental II é um pouco diferente, principalmente porque esse processo é realizado em um tempo menor. Os alunos escolhem juntos o tema que querem abordar no semestre, chegando a ele a partir de diversos outros propostos no grupo, através de consenso ou votação, como se fosse a orientação da peça teatral do F1. Esse projeto também será relacionado aos conteúdos da Base Nacional Comum.

Figura 38 - Investigação de conteúdo que dará subsídio ao roteiro.



Esse projeto, com seu tema investigativo, será alimentado pelas diversas áreas do

conhecimento para dar embasamento para os alunos terem condição de escreverem, a partir desses novos conhecimentos adquiridos sobre o tema, o roteiro e produzirem, durante o semestre, o curta ou média metragem cinematográfico que ilustre o tema proposto.

Figura 39 - Exercício para iniciar o processo de escrita de roteiro em Língua Portuguesa.



Figura 40 - Construção de pequenas cenas.



Esse produto é realizado pelos alunos, desde a roteirização até a encenação e produção. A criação no dia-a-dia dá subsídios para todas as áreas. Não só o roteiro com a língua

portuguesa, mas também com figurino, adereços, escolhendo locações até finalizarem o filme.

Figura 41 - Filmagem do que será o curta metragem de finalização do semestre.



Como forma de organização curricular, integra conteúdos afins em vastas áreas, mostrando o conhecimento como unidade, se bem que caracterizada pela pluralidade, os diferentes conteúdos não são aí estranhos entre si, constituindo antes partes do todo em que se integram e seus limites são por vezes, indefinidos e diluídos.” (FAZENDA, *Integração e Interdisciplinaridade*, p.103)

Enquanto acontece todo esse processo envolvendo a arte, a criação e o protagonismo, acontece, também, um trabalho de autoconhecimento, não só com os educadores, mas também com os alunos.

4.2 Nossas Ferramentas Pedagógicas

Interdisciplinaridade

Desenvolvemos os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento orientador de habilidades que devem ser desenvolvidas ao longo do Ensino Fundamental I e II no Brasil, mas não trabalhamos só as áreas do conhecimento consideradas obrigatórias, as pré-determinadas, como português, matemática, geografia, história, ciências, inglês, educação física e artes, desenvolvemos também dança circular, música, teatro, cinema, judô/yoga, além do que chamamos de Projeto Conviver e as Assembleias. Realizamos o desenvolvimento de todas essas áreas de forma totalmente integrada e interdisciplinar a partir dos projetos estabelecidos. Todas as áreas do conhecimento são consideradas com o mesmo nível de importância. A intenção é dar oportunidade para que, com todas essas diferentes

propostas, os alunos tenham a possibilidade de experimentarem coisas novas e descubrirem dons, habilidades, vocações que os motivem, fortaleçam...

Na pesquisa interdisciplinar, há a possibilidade de que cada pesquisador revele sua própria potencialidade, a sua própria competência. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.73).

Além dos educadores trabalharem cada um a sua área, esses professores artistas/especialistas complementam o processo de ensino-aprendizado com conteúdos das outras áreas como língua portuguesa, geografia, história, pois também estão ligadas às áreas dele, por exemplo, na aula de dança desse artista/especialista, a professora pode abordar os músculos, partes do corpo, ossos, respiração, conteúdos esses comumente abordados por um professor tutor (professor de classe – pedagogo).

Mas não dividimos assim, isso é apenas uma referência, não separamos por áreas, existe um projeto maior, em que as pessoas se organizam e ficam responsáveis pelo conhecimento interligando essas áreas e desenvolvendo juntos as propostas onde irão atuar, o que orienta o estudo dos conteúdos são as necessidades investigativas do projeto e eles são desenvolvidos a partir do que o educador responsável pela investigação for realizar interdisciplinarmente. Se o educador responsável por coreografar a peça for trabalhar com danças regionais, provavelmente ele desenvolverá, também, um conteúdo de geografia ou história, por exemplo. Isso é muito importante porque além de abrir várias possibilidades e formas de investigação, de estudo sobre as coisas do mundo, do passado, do presente e do futuro, valoriza todas essas áreas, todos os saberes enquanto são, também, utilizados praticamente.

O não comprometimento com as partes, o poder de análise reflexiva e síntese, característica da atitude filosófica, podem levar os integrantes do processo interdisciplinar a novas revelações e conseqüentes reformulações de seus objetivos. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p. 44).

Na Teia Multicultural não existe o que é melhor ou pior, ou a área que é mais ou menos importante e sim aquilo com o que você se identifica, a possibilidade que você tem de fazer pesquisas referentes à sua vida e com características diferentes. É uma forma de mostrar na prática que todo o conhecimento, todas as áreas e habilidades para nós tem o mesmo valor, a mesma importância e a partir do momento que isso é posto dessa forma na escola, o aluno também pode ver que qualquer característica de habilidade que ele tenha também pode ser

valorizada. Por exemplo, a matemática é considerada importante, mas não se dá o mesmo valor para a dança, então a criança, o aluno pensa que se não é bom em matemática é mais “fraco” e o que tem de bom, sua habilidade, cantar, por exemplo, não é muito importante, não é valorizado socialmente. Aquilo deixa de ser um fortalecedor da autoestima, é considerado algo menor e é isso que não queremos que aconteça na Teia.

O que se pretende na interdisciplinaridade não é anular a contribuição de cada ciência em particular, mas apenas uma atitude que venha a impedir que se estabeleça a supremacia de determinada ciência, em detrimento de outros aportes igualmente importantes. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 59).

Queremos que todas as áreas sejam importantes, que todas as possibilidades sejam mostradas, todas as atividades sejam consideradas da mesma forma, e como temos isso dentro da rotina da escola isso também fica dentro de cada aluno, que sempre vai encontrar um momento em que se sentirá valorizado, fortalecido, vai poder se expressar de uma forma mais completa, isso vai aumentar sua autoestima e fortalecer o seu eu, será único em seu saber e se sentirá bem com isso, o que é fundamental nesse momento da construção do ego. Ao mesmo tempo, vai se sentir parte de todo esse processo. Também se sentirá em condição de perceber suas dificuldades, porque todos nós temos dificuldades e isso não será ampliado para enfraquecê-lo, será um reconhecimento de uma dificuldade em determinada área, como todos têm. O importante é perceberem que cada um tem uma aptidão e que ter dificuldades em alguns momentos e tarefas é normal.

Para o fortalecimento pessoal também consideramos importante os momentos de apresentações de produtos que realizam, seja uma instalação, uma apresentação de peça teatral ou filme que produziram. A família vem pra dentro da escola porque sabe que será um momento especial, que eles tem o que falar e que isso vai ser organizado de forma a tocar as pessoas da família. Isso fortalece muito os alunos, pois estão sendo vistos e valorizados dentro de suas potencialidades. É uma forma verdadeira de valorização, porque atualmente temos tão pouco tempo para esse olhar em relação às nossas crianças e adolescentes, então buscamos o valor real, a essência daquilo que eles produzem. Cada vez mais estamos conseguindo estabelecer vínculo com pais, avós e tios que às vezes vêm de longe para ver uma apresentação dos alunos, porque sabem que é importante, que será uma experiência artística reveladora, gratificante e sobre conhecimento, e que irá acrescentar algo a todos. Enfim é uma forma de trazer a

comunidade para dentro da escola. Os familiares trazem sua cultura e a identificam quando verificam isso dentro da escola, no trabalho realizado por seus filhos e educadores, é uma linha direta de conexão.

Figura 42 - Dia de apresentação, com pais tocando ao vivo para outros pais e familiares que foram assistir a apresentação.



Trabalhamos, a maior parte do tempo, com turmas organizadas por ciclos de dois anos. Cada Turma tem um tutor e diversos artistas/especialistas trabalhando em diversas áreas, desenvolvendo investigações com os produtos finais, que são a peça teatral ou o filme.

Mas isso não significa que fiquem o todo o tempo na produção desses produtos culturais, sempre nas mesmas turmas, nos ciclos estabelecidos. Nossa dinâmica é algo bastante diferente, com momentos coletivos, em que os dois fundamentais (Fundamental I e Fundamental II) participam de atividades conjuntas, como a aula de Dança Circular, que tem a participação de todos os alunos da escola e acontece uma vez por semana, as Assembleias, o Projeto Conviver ou o Jornal.

Figura 43 - Dança Circular oferecida para as mães.



Assembleias

Nas assembleias, todos participam das discussões, das votações, falam de todas as questões sobre convivência, relações, sobre campanhas necessárias para organização da escola e observações sobre o processo escolar. Temos eleições semestrais para presidente, vices, secretários e escriba. É um momento em que todos participam e essa atividade é extremamente importante para que aprendam sobre a importância de cada um no grupo, no processo social, como se relacionar. Lidar com as diferenças não é trabalho fácil! É muito bonito também ver os pequeninhos sendo cuidados pelos mais velhos, brincando juntos e ver os mais velhos se organizando com apresentações, campanhas, nas formas de cuidados com os mais novos e ao mesmo tempo mantendo suas características de desenvolvimento, de interesse e curiosidade.

Figura 44 - Campanha de Feira de Trocas na Assembleia, onde os alunos mais velhos levam brinquedos que já não utilizam mais.



Projeto Conviver

O Projeto Conviver acontece no Fundamental I e II, separadamente. No Conviver os alunos desenvolvem muitas atividades colaborativas e criativas juntos e também atividades relacionadas à concentração, meditação e respiração. É um tempo de pausa e são nesses momentos que discutem questões que envolvem as relações entre eles ou questões pessoais que queiram compartilhar, é muito especial porque é quando podem e precisam olhar para si mesmos para também compreender o outro. Nessas rodas, nessas discussões, trazemos também bastante essa abordagem, sobre olhar para si mesmo, se reconhecer e estabelecer relação com as necessidades e desejos dos que estão ao redor.

Figura 45 - Registro coletivo de música desenvolvida no projeto conviver.



Jornal

Outro trabalho em grupo que agrega todos os alunos do Fundamental I é o Jornal da Teia. Nele, alunos se organizam por área de interesse dos “cadernos” do jornal. Tem o aluno responsável por cada área, que desenvolve, por exemplo, o caderno de esportes, de lazer, entrevistas, fotos, diagramação, desenho, em conjunto com sua equipe. Isso dá a oportunidade dos alunos transitarem em diferentes grupos e dinâmicas.

Figura 46 - Organização do jornal feita pelos alunos

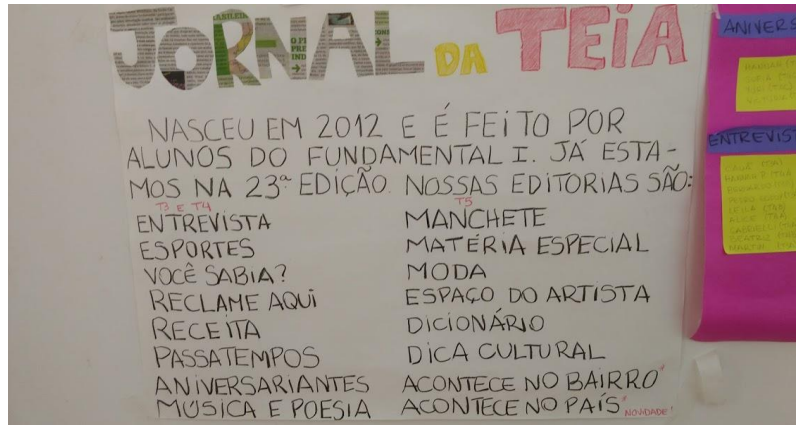


Figura 47 - O Jornal da Teia - Produto realizado pelos alunos – Edição Mensal

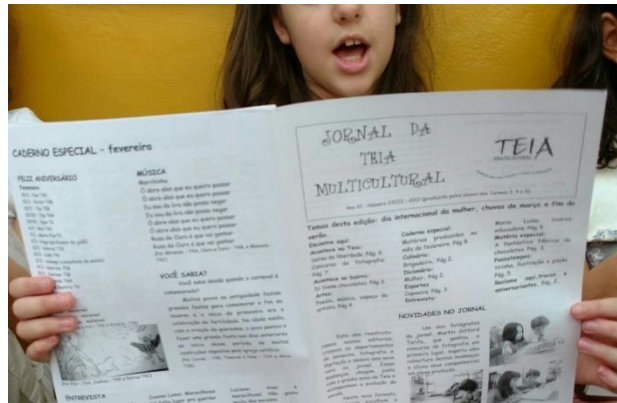
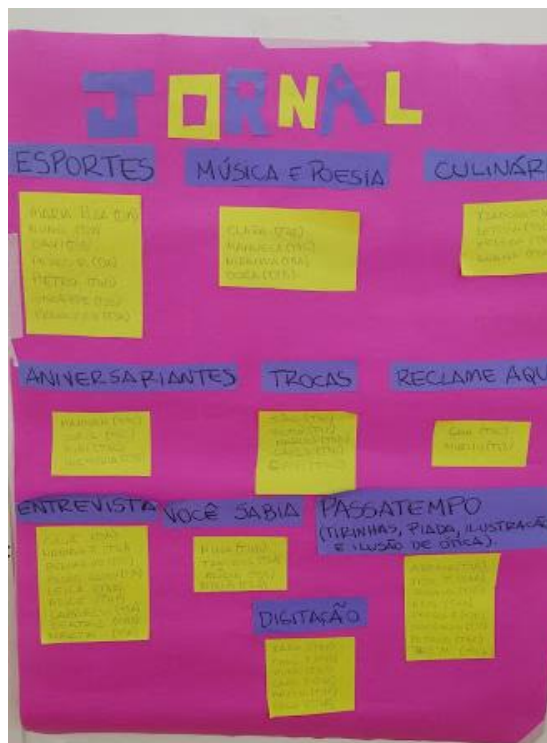


Figura 48 - Divisão dos alunos no jornal por focos de interesse.



Por isso, o Projeto Conviver, as Assembleias e o Jornal da Teia são atividades muito importantes de desestruturação de turmas, para que possam criar novas organizações.

Ao Cair da Tarde

Temos ainda o projeto Ao Cair da Tarde, que é realizado uma vez por mês e envolve os pais. Acontece numa sexta-feira, após a aula. No horário de saída, os pais ficam na escola com seus filhos para compartilharmos o tempo convivendo. Fazemos rodas de bate papo sobre um tema específico, como medicina alternativa, arte na educação, entre outros assuntos de interesse coletivo, entre nós mesmos ou com convidados, ou simplesmente aproveitamos o momento para conversar, descontraírmolos em um ambiente coletivo.

Figura 49 - Roda de pais em Projeto ao Cair da Tarde sobre saúde – meditação



Figura 50 - Projeto “Ao Cair da Tarde” com o tema “A importância da Arte” com pais e alunos cantando e dançando juntos.



Alimentação

Outro momento importante de integração é a hora da alimentação, considerado muito educativo e bem delicado porque as pessoas têm diferentes características alimentares. Todos se alimentam na escola: os educadores, os alunos, todos os funcionários, as crianças de todas as idades. Temos alunos veganos, vegetarianos, carnívoros, com intolerância à lactose e diabéticos. Então, é um momento extremamente importante porque buscamos uma alimentação saudável para todos acolhendo a diversidade, para que todos possam se alimentar de acordo com suas necessidades e sintam-se bem, e ao mesmo tempo, compartilhem e conversem enquanto estão à mesa. Queremos que seja um momento agradável e ao mesmo tempo de aprendizados, que acontecem em situações simples como aprender a se servir, raspar o que sobrou no prato para ser jogado no lixo e coloca-lo no local de lavar. Eles não lavam a louça porque não temos estrutura para isso, como pias e equipamentos adaptados, mas só o fato de levar o prato de um lugar ao outro, de se locomover com o prato na mão, já desenvolve a coordenação motora dos pequenos. Eles sentem-se responsáveis ao saber onde jogar fora o guardanapo, onde deixar os talheres, onde jogar o resto de comida, se estão deixando sobrar muita comida no prato, desperdiçando alimentos. Na hora do lanche eles cortam as frutas, aprendem a ter habilidade com a faca, a se alimentar com frutas, sucos naturais. Enfim, considero fundamental para a aprendizagem, desde o desenvolvimento da coordenação motora fina até a importância de cada alimento. Na parte social, conversando com os amigos e educadores enquanto se alimentam, podem observar um ao outro, vendo o que o outro come, percebendo as características, aprendendo a se colocar de uma forma educada, mas também descontraída à mesa.

Figura 51 - Horário do almoço – educadores e alunos no refeitório.



4.3 O Teatro na Teia

O Projeto de Teatro com as turmas do Fundamental I é organizado em dois momentos distintos. Durante o primeiro semestre, a produção para a instalação, quando é feita uma investigação sobre temas que estariam presentes na peça, que fazem parte do seu contexto, como época e contexto histórico, região, autor e suas obras, autor das músicas e outras obras, valores propostos pelo texto, etc. A partir desse contexto os educadores criam o “Tema Gerador”, que orienta e engloba todas as possibilidades de investigações desses assuntos e dividem entre eles a linha dessas investigações, criando um tema/nome para cada uma com seus “eixos investigativos”. As crianças iniciam suas investigações a partir desse tema, sem entrarem em contato com a peça teatral. Essas investigações tem produtos que vão sendo confeccionados/produzidos pelos alunos e serão expostos todos juntos na instalação interativa no final do primeiro semestre, aberta aos pais e comunidade. Para essas produções, necessitam de “algumas informações”, alguns conhecimentos que são “trazidos” pelos educadores, tanto especialistas quanto tutores, retirados dos conteúdos da BNCC, como respostas a essas necessidades criadas com essa intenção, de trilhar esse caminho, e após entrarem em contato com esses conteúdos, teorias, exercícios, sistematizações, voltam e aplicam naquilo que estavam produzindo.

Assim sendo, minha liberdade, ou seja, o poder que tenho de realizar minhas experiências, é antes limitada por minha inserção no mundo físico e social. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.33).

Figura 52 - Alunos em Ensaio Geral para apresentação de finalização de projeto.



4.3.1 A Instalação

Depoimento de uma mãe da escola sobre a instalação:

Eu conheci a Teia por muita sorte.

Trabalho com a arte há bastante tempo e como todo mundo que trabalha nessa área, senti muita dificuldade em encontrar um lugar onde acreditasse que a Olga poderia se desenvolver e estou bem feliz aqui... eu e ela.

Eu realmente acho que não só a instalação mas todo o trabalho da escola tem uma base... é uma escola laica mas tem uma base emocional, espiritual, de processo de desenvolvimento mental, dentro desse mundo que a gente vive... de maneira tão sensível, é uma coisa que envolve a comunidade, eu me sinto parte da escola, chorei várias vezes hoje pois toca várias coisas que não simplesmente me servem hoje como também me dá uma certa felicidade e esperança de pensar nas crianças do futuro. Porque eu não tive essa base, a cultura no Brasil e a maneira de educar nunca teve esse tipo de profundidade e interesse nas escolas tradicionais. Existem outras escolas que há muito tempo trabalham nesse sentido. Criar uma força, emocional principalmente em que a criança pode se sentir integrada na comunidade sendo como ela é e se expressando da forma que ela pode ou gosta, então assim, tem uma liberdade que eu não tive, que a maioria das pessoas da minha geração não teve, mas é uma liberdade guiada, não é uma liberdade irresponsável, a criança consegue fazer as descobertas dela preparada por um núcleo, mas tem uma relação de troca, os professores visivelmente estão se descobrindo com os alunos, os pais em contato com os outros pais, eu por exemplo em contato com as outras crianças... eu aprendo muito conversando com as outras crianças da escola... então eu acho que a instalação é só uma materialização física e vivencial de um processo que é de um interesse profundo, de uma cura! De uma cura de uma sociedade que precisa repensar seus dogmas, seus paradigmas, suas formas de pensar a educação. O que é a educação? Qual a finalidade disso? Como guiar seres com expressões tão variadas e todas elas são aceitas e possíveis dentro de um ambiente seguro?! Eu não tenho o que falar, eu sou fã da Teia.

4.3.2 A Peça Teatral

Só a partir do segundo semestre a peça será conhecida pelos alunos, lida, ensaiada e produzida.

O texto é escolhido de acordo com a faixa etária, com temas que eles possam compreender criticamente, mas sempre explorando diferentes habilidades e potencialidades, organizado conforme a fase de cada grupo e de seu desenvolvimento, mas com a participação de todos.

Os alunos iniciam o contato com o texto pela sua leitura, transformado muitas vezes em “contação” de histórias pelos professores. Então começam as leituras na linguagem de texto teatral, com estudos para a compreensão de cada parte desse texto: como é escrito, como são as personagens, o que ele transmite, seu contexto, os valores que aborda. Então fazem a relação do que foi vivenciado no primeiro momento, no primeiro semestre, na fase da instalação, o estudo do Con-texto.

Tanto essas investigações e estudos quanto as produções que serão realizadas para o desenvolvimento do projeto teatral serão organizados pelos professores, de maneira que abordarão o desenvolvimento das competências e habilidades propostas na BNCC. Por exemplo, na área de língua portuguesa o currículo é dado aos alunos por meio da leitura do

texto, na sua reescrita, com a compreensão das marcações de pontuação, a forma gramatical, os gêneros, tudo é estudado a partir dos textos, das músicas, a forma poética, a compreensão da linguagem que ali se estabelece. Em história e geografia, vão entendendo em que região e período a história acontece, fazendo relação com fatos históricos da atualidade com outros fatos históricos ou sua localização nessa história, ou com a história de vida do aluno, etc. Todas as áreas estão em função do mesmo projeto.

A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa¹. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.74 – 1- H.Jupiassú, Interd. E Patologia do Saber, p.74).

Ao mesmo tempo que estudam esses temas e se aprofundam neles, começam a pensar na produção que será realizada para que esse projeto teórico possa se transformar num espetáculo teatral. Investigam os figurinos que seriam usados em determinada época (trabalhando as artes visuais com a história), qual o ambiente cenográfico em relação ao momento (as artes visuais com geografia e história), iniciam as produções cenográficas e dos adereços (artes, teatro e matemática), estudam sobre as composições musicais e sua linguagem (música e língua portuguesa), ensaiam as músicas, suas coreografias se localizando no espaço (dança e geografia), decoram o texto (teatro e língua portuguesa), estudam a melhor maneira de pronunciar as falas, de representar as emoções das personagens. Esse processo também os auxilia na compreensão de si, é mais fácil perceber o sentimento no outro (personagem) quando também têm esse sentimento em si, qual a verdade, a razão do outro, qual a minha verdade.

E essas relações vão sendo estabelecidas o tempo inteiro, não só com auxílio do tutor e do professor especialista de teatro, mas também com diferentes vivências que acontecem com diferentes artistas/especialistas e áreas do conhecimento. E, ainda, para as produções dos adereços costuram, fazem tecelagem, desenvolvendo entre tantas habilidades a coordenação motora fina. Tudo isso é feito para que depois apresentem um espetáculo da forma como eles veem, com suas características, do jeito que eles conseguem produzir enquanto artesãos, dançarinos, atores. Eles vão contar essa história para os convidados.

As crianças vão trabalhando todas essas áreas do conhecimento, com criatividade e investigação, tornando essas ideias, esses conceitos, essas possibilidades uma realidade. E isso vai sendo desenvolvido no decorrer do semestre, sendo produzido até que a peça fique pronta para ser apresentada para a comunidade, os pais, amigos, parentes e pessoas que queiram

assistir.

E uma das vantagens do trabalho interdisciplinar consiste precisamente em postular a adoção de métodos pedagógicos fundados muito menos na distribuição dos conhecimentos estocados do que no exercício constante de certas aptidões intelectuais e no desenvolvimento de faculdades psicológicas distintas da memória e do simples raciocínio discursivo. E nada será feito de durável, neste setor, se não estiver informado por uma inteligência lúcida e crítica, se não estiver fundado na adesão profunda de alguns e numa série de experiências concretas desempenhando o papel de catalisadores e de núcleo de inovação nas instituições de ensino. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.39).

As apresentações são feitas em diferentes espaços, como públicos, teatros, dentro da escola, bibliotecas. Isso possibilita a eles a utilização desses espaços, tanto nos dias de apresentação como os que a antecedem, nos momentos de ensaio, quando têm que conhecer o ambiente, frequentá-lo, se sentir a vontade.

Figura 53 - Apresentação de Finalização com o projeto do musical infantil “Os Saltimbancos” na Biblioteca Pública Mário Schenberg – Lapa



Figura 54 - Apresentação de Finalização com o projeto do musical infantil “Viveiro de Pássaros” no Auditório Paulinho Nogueira – Parque da Água Branca



Além de toda essa vivência do fazer artístico, do fazer teatral, da pesquisa, produção com o desenvolvimento da criatividade, o que considero muito importante na finalização é que a peça mostra toda a relação entre os conteúdos. Pois eles vão sendo utilizados na prática, se mostram necessários.

A crise que atravessa a civilização contemporânea, buscando uma volta ao saber unificado denota a existência de uma “Patologia do Saber”, efeito e causa da dissociação da existência humana no mundo em que vivemos. Isto nada mais é do que a tentativa de preservar em toda parte a integridade do pensamento para o restabelecimento de uma ordem perdida. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 52)

O momento da apresentação é algo muito especial porque temos a participação de muitos pais. Fazemos muitas parcerias, pois temos pais artistas, que auxiliam no desenvolvimento desse processo. Há pais que fazem as fotos, outros que fazem parte da banda, que ensaiam as músicas para fazer coro, apoio, tocar algum instrumento enquanto as crianças cantam e dançam. Além dessa participação, existe ainda a oportunidade das crianças contarem essa história para as pessoas convidadas. Normalmente existe, num primeiro momento, uma ansiedade muito grande por parte das crianças, mas um prazer enorme que é percebido nessa realização, no fortalecimento do ser, no estar em um local de destaque, em uma coisa bastante positiva, no aplauso das pessoas. É importante para eles que os reconheçam nesses valores do caminho que eles construíram, essa dedicação que eles tiveram no decorrer desse período, então

é um momento muito gratificante, muito emocionante. Para todos nós.

Usando uma montagem que realizamos há pouco tempo como referência “Os Saltimbancos”, um texto que foi escrito a partir da história dos Músicos de Bremen, adaptado por Chico Buarque de Holanda, esse texto, no momento em que foi encenado, fez todo o sentido para eles (nossos alunos), pois contextualizou um momento político e social muito importante na nossa história, por ter sido adaptado logo após o Golpe de 64, da Ditadura Militar. Chico Buarque adaptou esse texto como forma de manifesto, de militância artística, dando voz a todos os personagens bichos como a voz do povo. E atualmente estamos outra vez enfrentando uma fase política difícil, diferente, mas complexa. Por isso é importante perceber a necessidade dessa expressão, antecipadamente. Isso também tem de fazer sentido quando a peça escolhida for apresentada, porque isso ocorrerá após quase um ano de trabalho. Essa, apresentada em 2016, fez todo o sentido. É algo muito importante a relação com as nossas famílias, nossa sociedade, nosso País, com o mundo. Tudo isso tem de fazer sentido também no contexto cultural do nosso País e do local onde estamos, que é cidade de São Paulo. Então, naquele momento, esse foi o texto escolhido para que fosse discutido e compreendido pelos nossos alunos.

No entanto, o processo de metamorfose pelo qual passamos e que fatalmente nos conduzirá a um saber mais livre, mais nosso, exige uma atitude de espera. Não se trata porém de uma espera passiva, mas sim vigiada. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 27).

Na realização de um trabalho teatral, é imprescindível, também, que os alunos compreendam a relação com o coletivo, a importância do outro, o trabalho em equipe. Isso não só nos momentos de ensaio, que acontecem nas próprias aulas de teatro, música ou dança, mas nos momentos da preparação das coreografias, das gravações das músicas, que fazemos para que tenham como registro também. Além disso, o trabalho específico na produção das cenografias, figurinos e adereços, que são pensados por eles e depois confeccionados por eles.

A parceria seria, por assim dizer, a possibilidade de consolidação da intersubjetividade – a possibilidade de que um pensar venha a se complementar no outro. A produção em parceria, quando revestida do rigor, da autenticidade e do compromisso, amplia a possibilidade de execução de um projeto interdisciplinar. Ela consolida, alimenta, registra e enaltece as boas produções na área da educação. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p. 70).

No campo das artes visuais há a habilidade na escolha de diferentes materiais, como o

de reciclagem, para as produções. Nessa área o trabalho é totalmente colaborativo. Por exemplo, na confecção de um figurino não é uma criança determinada que faz o seu figurino inteiro. Eles fazem isso de forma compartilhada, tem de entrar em acordo sobre a melhor forma de realização, o material que será utilizado, aprender a esperar a sua vez, a dar a vez a quem está com a palavra naquele momento, tanto no falar, como ao apresentar suas ideias, aceitar as diferentes opiniões. Dizer no que concorda e no que discorda, e isso também é um trabalho de autoconhecimento, de socialização, de compreender o outro, compreender a si mesmo, compreender o que forma uma sociedade. Então, em tudo tem a percepção de si, do outro, o trabalho dessas relações, a socialização.

A possibilidade da eliminação das barreiras existentes entre as disciplinas resultará de uma “motivação adequada” que liberte as instituições da inércia em que jazem e na destruição do “mito” da supremacia das ciências. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.90).

Por isso, a arte e o autoconhecimento são um eixo de orientação e não uma matéria, por mais que tenham momentos que privilegiem mais uma ou outra área, a arte e o autoconhecimento aparecem o tempo inteiro, é o mote que orienta nosso caminho e nossas investigações.

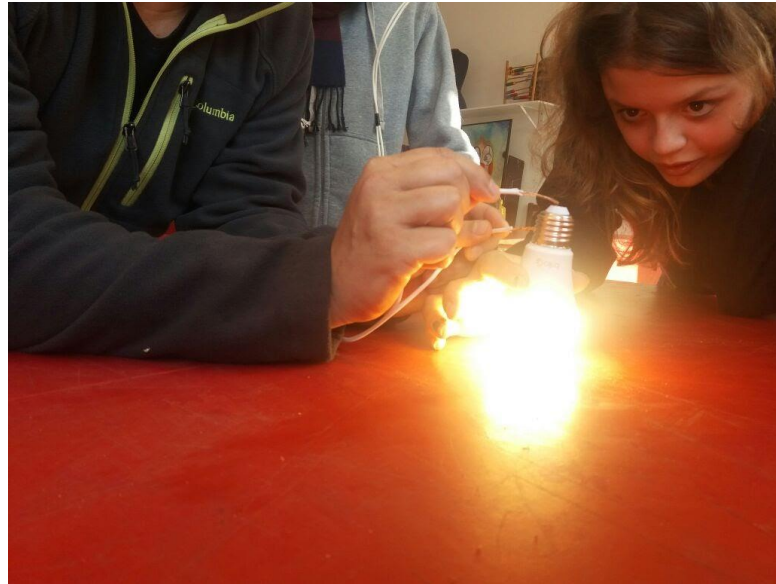
Um projeto interdisciplinar que se caracterize por uma ‘profunda conversão da inteligência diante do problema do conhecimento’⁸, tanto individual quanto coletiva, que pressuponha certa ‘humildade, abertura e curiosidade’⁹, como características indispensáveis, requer uma equipe especializada que parta em busca de uma linguagem comum. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 91).

4.4 O Cinema na Teia

No Fundamental II, como a Teia é uma escola de educação formal, temos uma quantidade muito maior de conteúdos a serem desenvolvidos em um período menor. Por isso percebemos a necessidade de alterar o projeto de teatro para o cinema, pois o cinema abre novas portas de investigação, novas possibilidades, tem condições de trazer mais conceitos relativos à física, matemática, química para trabalharmos interdisciplinarmente, enfim, seria condizente em conhecimentos que surgiriam para nossas pesquisas, investigações e produção. Mas também percebemos a necessidade de produzir esses filmes num tempo menor, justamente porque com essa quantidade de conteúdos não havia condições de esperar um ano inteiro para investigar e

produzir apenas um tema.

Figura 55 – Investigação e estudos sobre a eletricidade.



Assim, mudamos o olhar para diferentes pontos de origem de referência, para que estes suscitem novas investigações, por isso foi pensado o cinema, com curtas ou médias metragens por semestre.

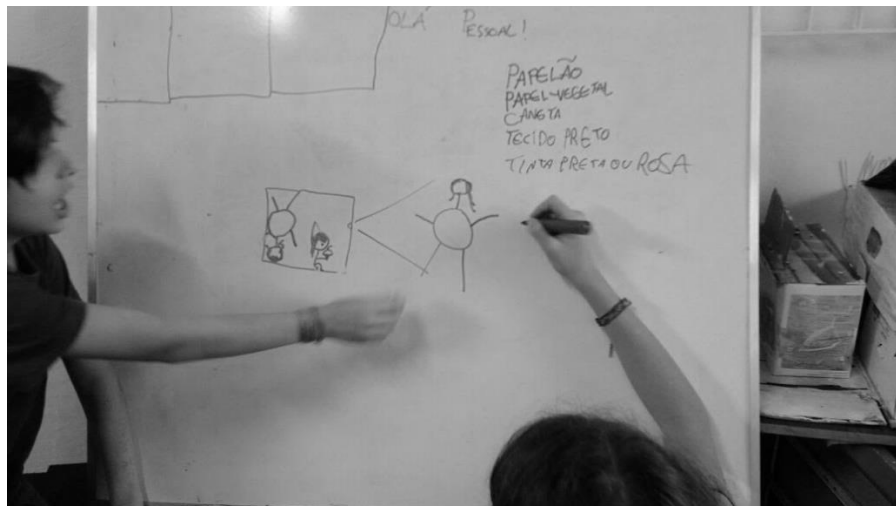
Assim, um ciclo, que é a organização de sexto e sétimo ano pensam em um tema para o filme e o outro ciclo, o oitavo e o nono ano, em outro, para o semestre. Para que cheguem no roteiro e produzam o filme precisam realizar diversas pesquisas, adquirir diferentes conhecimentos sobre os assuntos propostos, que abordam temas bem variados. Para organizar essa linha de pesquisa, criamos um projeto que o orienta. Assim, o projeto vem antes dos filmes, ele é pensado a partir do desejo dos alunos sobre conhecer e falar sobre determinados temas que no final serão, a partir do conhecimento que adquirirem pelo assunto, transformados em um roteiro cinematográfico e, por fim, em um filme.

Figura 56 : Momento de filmagem do curta metragem com alunos da T7.



Os alunos do sexto e sétimo anos fazem a sugestão de alguns temas e um é selecionado para ser organizado pelos professores em forma de projeto. As turmas do oitavo e nono ano também sugerem o tema, mas o projeto deles é escrito em conjunto com os professores, eles participam do planejamento. Depois do projeto criado, diversas investigações são propostas para ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre o tema, que serão abordados pelas diversas áreas subsidiando essa pesquisa, respondendo a essas questões.

Figura 57 : Alunos explicando sobre o estudo acerca da caixa preta – ótica.



O teatro, a dança, a música, as artes visuais também são desenvolvidos dentro do projeto de cinema. Nessas investigações, chegam no momento em que estão aptos para começarem a escrever o roteiro cinematográfico.

Figura 58—Confecção da Câmara Escura e estudo da inversão da imagem - ótica.



Eles escrevem o roteiro coletivamente, acompanhados principalmente pelo professor da área da língua portuguesa e cinema.

Figura 59 : Escrita de roteiro coletivamente.



Enquanto criam, escrevem, vão pensando e produzindo o figurino, definem a locação, se terá necessidade de uma cenografia específica. Pensam, planejam e executam a produção, a pós-produção e a divulgação. E então passam para a fase de filmagem. Alguns se mostram mais habilidosos para uma determinada área, outros para outra, e assim vão compondo essa “orquestra”.

A lógica que a interdisciplinaridade imprime é a da invenção, da descoberta, da pesquisa, da produção científica, porém, gestada em um ato de vontade, em um desejo planejado e construído em liberdade. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p.29)

Como finalização, um momento bem especial! Eles produzem os filmes e depois fazemos um evento com convidados onde os alunos da escola, pais e comunidade assistem.

Figura 60: Filmagem externa com alunos da T6.



Os dois filmes apresentados são acompanhados de suas “documentações pedagógicas”, material multimídia que mostra a relação dos desenvolvimentos dos conteúdos abordados com a investigação para criação do filme ou com a própria produção do mesmo. Vemos que existe também uma relação bem bonita que acontece, que é a de valorização dos que estão assistindo em relação ao “atores” por parte dos alunos das outras turmas, tanto do Ensino Fundamental 1 quanto do Ensino Médio. É um momento muito especial e de muita amorosidade que acontece nesse trabalho!

Razão e emoção compõem a dança de luz e sombra da liberdade conquistada.”
(FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 28)

CAPÍTULO 5 – O ENSINO MÉDIO

No ano de 2016 muitas pessoas começaram a chegar na escola sugerindo ou perguntando sobre a possibilidade de ser fomentada a proposta do Ensino Médio na Teia Multicultural. Nesse período fui a um encontro, ao CONANE, que aconteceu na Escola Amorim

Lima. Lá, a partir de conversas com colegas da área, vi a necessidade inegável de uma nova proposta para esse segmento e resolvi levar o projeto adiante.

Figura 61 – CONANE 2016 – Semente plantada para a formatação do Ensino Médio.



Marcamos uma reunião com diversos convidados que poderiam dar apoio para essa construção. Após algumas reuniões, resolvemos iniciar no ano de 2017 um programa piloto de Ensino Médio contando com alguns “alunos” convidados (quatro) e alguns educadores, onde todos seriam colaboradores nesse processo.

Após um ano de trabalho, conseguimos chegar ao que seria o modelo do Ensino Médio da Teia Multicultural, contando com a colaboração e parceria de muitos amigos e amigas.

No aspecto “legal”, em contato com a diretoria de ensino, já que havia acontecido a separação da escola com a educação infantil nesse período, e estávamos nos reorganizando com outra escola deste segmento, e com a necessidade do que seria o Ensino Médio, nos foi indicado que refizéssemos a vistoria, autorizando novamente como uma nova escola com o mesmo nome, mas aparecendo esse processo no nosso regimento, já incluindo nele o Ensino Médio. E assim foi feito.

Nossa proposta para esse novo segmento tem como intuito manter e ampliar a forma que é desenvolvido o trabalho até então, os Projetos Interdisciplinares, tendo a arte e o autoconhecimento como eixos, mas agora o eixo arte tendo como produto uma montagem transmídia, incluindo não só o teatro e o cinema mas a locução, a mídia escrita, enfim, todas as possibilidades de comunicação orientadas pelo fazer artístico, com uma carga horária que

possibilite, além da formação no ensino médio, o curso profissionalizante em teatro através do SATED (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão).

Figura 63 – Aula de História da Arte.



Figura 64 – Aula de Voz.



Em parceria com o Instituto Gestalt de Vanguarda Cláudio Naranjo, também como forma de ampliação e fortalecimento do outro eixo, o autoconhecimento, criamos um processo específico de autoconhecimento para os jovens desse segmento.

Figura 65 – Encontro mensal dos educandos com o Instituto Gestalt de Vanguarda Cláudio Naranjo



O objetivo para esse segmento é continuar desenvolvendo a autonomia, tanto no sentido de possibilitar aos educandos a construção dos seus próprios valores (Piaget) bem como no aspecto da liberdade e independência.

Figura 67 – Aula de Arte. Desenho de observação.



Acreditamos que assim estaremos preparando cada um deles para a vida, auxiliando-os a adentrarem para o “mundo adulto” munidos com o que necessitam para fazerem suas escolhas

de forma livre e consciente. Não seremos um preparatório para um vestibular, mas não negaremos conteúdos que serão investigados e aplicados nas produções dos projetos. Além disso, terão a oportunidade de se conhecerem, possibilitando essas futuras escolhas conscientes de suas dificuldades e de suas potencialidades.

Diríamos que o objetivo utópico da interdisciplinaridade é a unidade do saber. Unidade problemática, sem dúvida. Mas que parece constituir a meta ideal de todo o saber que pretenda corresponder às exigências fundamentais do progresso humano. (FAZENDA, Integração e Interdisciplinaridade, p. 36)

De forma prática, o educando realizará um projeto por semestre, interdisciplinar, orientado pelas artes, unindo as diversas áreas do conhecimento para subsidiar como conteúdos da aprendizagem o material que deverá ser realizado pelos educandos, mas, esse produto será uma produção transmídia, onde terão que realizar a apresentação de finalização com uma apresentação que inclua a criação ou adaptação de um texto teatral ou roteiro cinematográfico realizado pela turma, que estará dividida em um ciclo, 1ª e 2ª anos e um ano, 3ª ano ou série do Ensino Médio, mas que tenham inserções tanto de cinema como de teatro, como, também, a possibilidade de outras formas de comunicação, como o rádio, o jornal impresso, a locução, como descrito acima.

Figura 68 – Apresentação transmídia do texto teatral “Bailei na Curva”.



O projeto será idealizado juntamente com a equipe de educadores, no início do semestre, em conjunto com os alunos, logo na primeira quinzena do semestre letivo, prevendo a inserção de parte do conteúdo previsto para aquela fase das diferentes áreas do conhecimento.

Figura 70 - Aula de Teatro



Além destes conteúdos estudados de forma coletiva para investigação, subsidio e realização do projeto, cada aluno terá a possibilidade de escolher trilhas de investigação e desenvolvimento para a realização de estudos e sistematização dos outros conteúdos não apresentados no projeto, das diferentes áreas do conhecimento, organizadas para suprir o conteúdo total relativo ao ano em questão, organizado e sistematizado pelo responsável pela área em parceria com o tutor da turma, que como nos outros segmentos, acompanhará o processo de desenvolvimento geral do aluno. Essas trilhas terão o acompanhamento do tutor/orientador que auxiliará a organização do educando para que seja atendido e orientado em momentos específicos pelos educadores de cada área, em aulas/horários já previstos na grade, que poderá ou não ser acompanhada pelo aluno, de acordo com a necessidade do mesmo, estabelecendo-se uma linha de estudo e organização da rotina de forma individualizada, que demos o nome de Trilha Pedagógica. O aluno deverá finalizar a sequência proposta para cada ano letivo, que conterà leituras de textos, trabalhos escritos, respostas sobre questões propostas e uma avaliação no final de cada módulo ou tema proposto pela Trilha Pedagógica, só podendo passar para outra após concluir o que está em andamento, findando-a com uma avaliação.

No final do período, apresentarão o espetáculo artístico para convidados finalizando a etapa, semestre ou ano letivo. No último ano (3ºano) terão uma carga horária menor no último

semestre, considerando que já terão concluído a formação profissionalizante, para que, aqueles que tiverem interesse, possam participar de cursinhos preparatórios pré vestibulares.

Durante todo o processo estarão inseridos no contexto da escola, participando e interagindo de atividades coletivas também com os outros segmentos, como nos momentos de Assembleias Gerais.

Figura 71 – Assembléia Geral com roda de conversa com Anuiá – da tribo/etnia Camaiurá



Interdisciplinaridade é uma exigência natural interna das ciências, no sentido de uma melhor compreensão da realidade que ela nos fazem conhecer. Impõe-se tanto à formação do homem quanto às necessidades de ação. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?, p.43)

A escola, último reduto para o convívio social, desde que ‘brincar na rua’ deixou de existir, não contribui mais para a socialização do indivíduo. Hábitos, valores e atitudes sociais deixam de ser considerados integrantes básicos da personalidade humana. Em seu lugar, uma massa de conteúdos disforme que o professor aprende num livro-texto (usado como bíblia) e a exploração de exercícios padronizados que têm consuzido o aluno à reprodução parcial do aspecto particular de uma verdade relativa. (FAZENDA, Interdisciplinaridade: qual o sentido?. P.61)

CAPÍTULO 6 –UM PROJETO DO INICIO AO FIM DO ENSINO FUNDAMENTAL I - A PEÇA TEATRAL “CANDIM”

Para que seja possível compreender a complexidade e, ao mesmo tempo, a simplicidade dessa proposta, vamos aqui caminhar juntos em um processo de um Projeto Interdisciplinar orientador completo, que tem a duração de um ano letivo, como descrito anteriormente.

Assim, a primeira coisa feita é a escolha, ainda no período de férias de janeiro, do texto que será encenado pelas turmas do Ensino Fundamental. Até o ano de 2016, era apenas um texto. A partir de 2017, passamos a usar dois textos. Mas faremos o processo de apenas um deles e, assim, de um grupo de Turmas.

Os papéis mais complexos são encenados pelos alunos da Turmas 5 (quarto e quinto anos), que já têm uma maturidade para se comprometerem mais com todo o processo e, os papéis principais, normalmente, são encenados pelos alunos do último ano da turma, ou seja, os alunos do quinto ano.

A escolha do texto para 2017 foi “Candim”, escrito por um grupo teatral de nome Cia. Casa Amarela. Entrei em contato com o texto quando participei como jurada de um Festival Internacional de Teatro que aconteceu na cidade de Pindamonhangaba, ao lado de Clóvis Garcia, um excelente crítico teatral, entre outras atuações profissionais.

Figura72: Festival Internacional de Teatro em Pindamonhangaba – No centro da fotografia os jurados



A escolha do texto (ou textos) que serão encenados pelo Ensino Fundamental cabe a mim, diretora da escola e autora da proposta, desde o início da escola. Assim, mais esse ano escolhi o texto, após a leitura de outros diversos.

No início do processo de planejamento, no final de janeiro, quando ficamos em retiro fora de São Paulo, iniciamos todo o trabalho fazendo a leitura do texto a ser encenado no segundo semestre do ano. A partir da leitura verificamos quais são os temas abordados pelo

texto e seus contextos, os quais compreendemos e conhecemos por “sermos adultos” e termos um tanto de conhecimentos adquiridos ao longo de nossas vidas, mas que as crianças não têm. Dessa forma, teremos que trazer esses conhecimentos para elas a partir da vivência do projeto do primeiro semestre. Em relação a esse texto, após diversas discussões e um processo extenso de design thinking, chegamos aos temas e contextos necessários de serem conhecidos e, portanto, investigados.

Figura 73- Processo de design thinking



Figura 74- Processo de design thinking



Figura75- Processo de design thinking.



Nesse ano, definimos quatro temas para serem investigados (eixos investigativos) e conhecidos pelos alunos a partir do projeto interdisciplinar, que foram eles: a “Busca” do ser humano, as “Relações” que estabelecemos no mundo, a “Cultura” que nos constitui e os lugares da “Natureza”, do mundo em que vivemos. A partir da definição desses temas, estabelecemos que traríamos como abordagem os aspectos da imaginação, da ação e do propósito e como estes temas orientam as nossas vidas e o nosso Eu.

Surgiu, então, a pergunta do projeto geral como Tema Gerador: “O que você está fazendo aqui?” e que seria apresentada na forma de nossa instalação interativa, organizada em um “Ateliê do Ser”, no qual cada visitante deveria experienciar uma verdadeira obra de arte, que é a vida, e onde almejamos vivências que poderiam de alguma forma, contribuir na formação de cada um que por ela passasse.

A partir desse momento, os educadores tutores, pedagogos, separaram os conteúdos que deveriam ser desenvolvidos no primeiro e no segundo semestre, a partir dos temas que seriam abordados nos dois momentos. No primeiro semestre, a investigação proposta pela instalação e, no segundo semestre, o que se relacionava diretamente com o texto teatral, de forma explícita.

Assim, demos início à separação dos conteúdos desse primeiro semestre e, em seguida, em posse desses conteúdos, o tema que cada um abordaria com a sua turma e criaram uma pergunta orientadora para suscitar a investigação de cada turma.

Uma das turmas T3 (1º ano) ficou com a “Cultura”, como origem, ascendência, raiz e vínculo, como base para a compreensão de quem somos; e a Cultura como saber, experiência e

espiritualidade, como base do que queremos ser ou, simplesmente, a Cultura, e a questão-tema estabelecida foi: “Com A Minha Bagagem, Sigo Qual Viagem?”.

A justificativa criada para essa investigação foi que o estudo da nossa cultura envolve a compreensão da nossa origem e da nossa história. O estudo do passado, das tradições e costumes permitem um entendimento de como funcionamos no presente e resgata o sentimento de pertencimento a um grupo social e histórico. O resgate das memórias no desenvolvimento infantil também é importante para a experiência da fantasia, do contar histórias, do respeito aos mais velhos que têm um conhecimento que é transmitido através das gerações, entre tantos outros. Assim, o estudo de diferentes culturas nos permite entender que existem diferenças entre povos, bem como outros modos de vida, e nos possibilita questionarmos os nossos próprios conceitos pertencentes à nossa cultura, ampliando nosso conhecimento a respeito da sociedade e do universo buscando o respeito a todas as culturas valorizando-as. A cultura também seria abordada enquanto diferentes formas de expressão artística. A poesia, a música, a literatura, e as artes visuais seriam algumas diretrizes que estudariam com a Turma 3B naquele semestre.

Os conteúdos foram sendo estudados, como exemplos organizados a seguir:

Figura 76 - Cartaz da investigação



Figura 77 - Iniciaram as investigações organizando um calendário.



Figura 78 - Um “Varal da Rotina”.



Começaram primeiro reconhecendo cada cantinho do nosso próprio lugar, a escola.

Figura 79 - Jardim e horta.



Figura 80 - Entrada para quadra poliesportiva.



Continuaram investigando a partir de livros de histórias de diferentes lugares do mundo:

Figura 81 - Leitura na “Oficina de Informação”.



E realizaram diversas brincadeiras, como a encenação/brincadeira de viagem de avião:

Figura 82 - Brincadeira “Vamos viajar” na “Sala de Registro”.



Pesquisaram o modo de vida do seu grupo social e de outros grupos e lugares do mundo a partir de vivências, construções ou histórias:

Figura 83 - Sala de Registro da T3 com cartaz sobre investigação na África.



Figura 84 - Visita ao espaço budista Brahma Kumaris.



Figura 85 - Visita de bolivianos na escola instruindo alunos para confeccionarem brinquedos típicos.



Figura 86 - Exercício de leitura com histórias de diferentes lugares do mundo.



E realizaram leitura direta ou indireta de paisagens para conhecer e entender o nosso planeta em sua dimensão.

Figura 87 - Observando o mapa mundi.



Enquanto investigavam, foram produzindo o material para a parte que lhes cabia na instalação:

Figura 88 - Instalação – detalhe do local pertinente à turma.



Que continha detalhes sobre diferentes lugares do mundo e diferentes formas de chegar até eles, como carro, balão, avião ou barco.

Figura 89 - Detalhe de elemento pertencente a instalação confeccionado pelos alunos.



Já a outra T3, a “A”, ficou com a responsabilidade do estudo sobre a “Natureza”, tema que englobaria os quatro elementos naturais, rio, mar, animais, céu, clima, espaço e astronomia. O tema foi escolhido pela concretude que facilitaria o trabalho, uma vez que as crianças já possuíam uma ideia do que é natureza. Por outro lado, nos instigando ao aprofundamento do assunto, buscando uma ligação intensa e o fortalecimento do vínculo com o natural, para que o amor e o respeito com a natureza acompanhe o indivíduo durante o seu desenvolvimento. “Qual a sua natureza?” foi a pergunta-tema escolhida para essa investigação, para trazer a percepção das transformações que ocorrem conosco quando olhamos para o nosso interior e nos movimentamos, utilizando a imagem, a ação e o propósito. Contudo, através da investigação de elementos naturais, buscarão expressar a natureza percebida dentro e fora de cada indivíduo.

Figura 90 - Cartaz do tema de investigação da Turma.



A investigação do projeto para conhecer o nosso meio começou pela água, realizando experiências com a cor, cheiro, sabor, forma e sensações. Trabalhamos nesse momento com a Matemática: litros.

Figura 91 - Investigando sobre a água.



Figura 92 - Investigando sobre a água.



Figura 93 - Investigando sobre a água.



Figura 94 - Atividade com água e areia.



E já puderam investigar, a partir de Ciências Naturais, a importância da água para os seres vivos / habitat dos animais, e na Língua Portuguesa, o escrever palavras.

Figura 95 - Registro de atividade.



Dessa forma, foi possível observar nos registros das experiências as diferentes fases de desenvolvimento da escrita.

Figura 96 - Registro de atividade.



Figura 97 - Registro de atividade



E, ainda investigando a água, passamos para uma experiência com água viva e a organização de registros dos ambientes pelas crianças, unindo a geografia às ciências e Língua Portuguesa.

Figura 98 - Experiência da “água viva”.



Figura 100 - Registro da experiência da água viva.

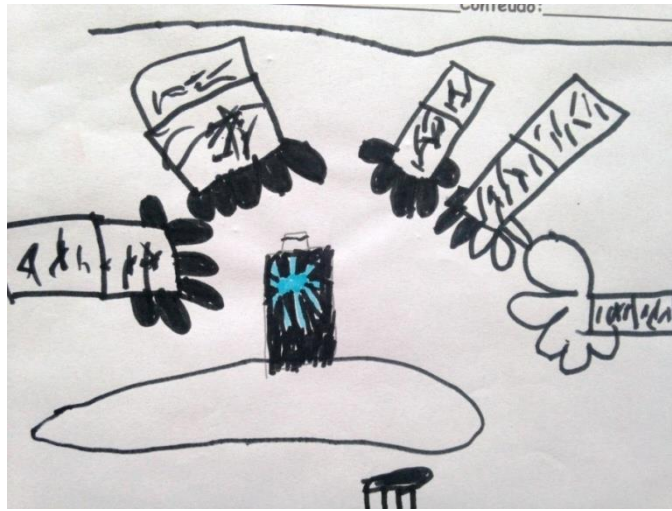


Figura 101 - Registro da experiência da água viva por outro aluno.



Dando continuidade aos estudos, foi possível a investigação sobre o que acontece com a água submetida ao calor – Evaporação.

Figura 102 - Registro de experiência sobre evaporação da água.



E chegou a hora de mudar o ambiente de pesquisa, passando da água para a terra, ou areia, realizando a transição com muita diversão.

Figura 103 - Atividade com água e areia.



As unidades de medidas e somas vieram nas brincadeiras no parque, em potes com água.

Figura 104 - Atividade matemática com areia.



Trabalharam modelando papel machê para construírem animais marinhos.

Figura 105 - Papelagem com jornal.



Figura 106 - Papelagem com jornal em etapa de modelagem.



Figura 107 - Papелagem com jornal em etapa de pintura.



Figura 108 - Brincadeiras matemáticas na quadra poliesportiva.



E muita matemática também foi desenvolvida nas atividades de Jogos e Brincadeiras.

Figura 109 - Brincadeiras matemáticas na quadra poliesportiva.

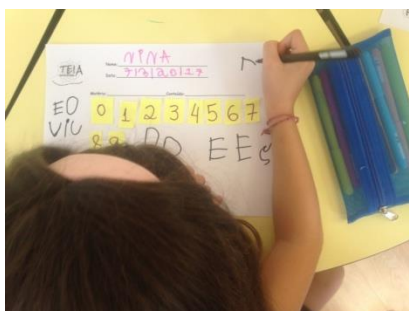


Figura 110 - Jogos matemáticos na quadra poliesportiva.



Que eram sempre registradas para que fosse possível a sistematização do aprendizado.

Figura 111 - Registro da atividade realizada.



Trabalhando a natureza, fomos para a terra e, nela, puderam conhecer, em Ciências, os Componentes Dos Ambientes / Ciclo De Vida Dos Animais.

Figura 112 – Mexendo com a terra.



Figura 113 – Plantio de mudas



Figura 114 – Adubando a terra.



E estudando as minhocas encontradas na terra, partiram para a investigação de vertebrados e invertebrados.

Figura 115 -Brincando com minhocas encontradas na atividade com a terra.



Sempre brincando, porque afinal são alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, imitando as minhocas que compreenderam e representaram os invertebrados.

Figura 116 - Representando minhocas.



Descobrimo posteriormente, a partir do toque em sí mesmo e nos amigos, os próprios ossos, concluindo serem seres vertebrados.

Figura 117 - Fazendo massagem e verificação de ossos.



Mas descobriram, também, que os insetos têm seus ossos externos.

Figura 118 - Observando os insetos e seu esqueleto.



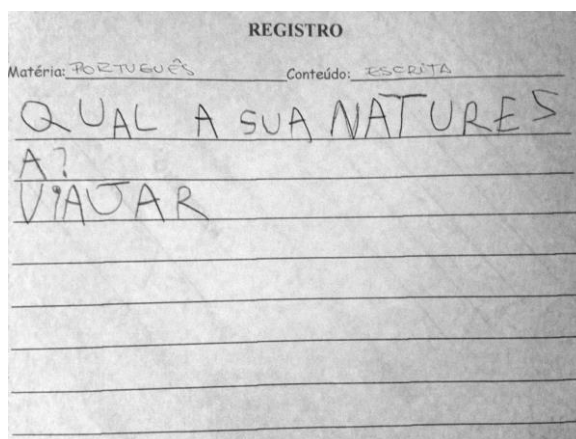
Dando continuidade ao trabalho com a natureza, a sua própria natureza, e investigando sobre seus corpos, ouviram uma lenda indígena sobre a criação do planeta e foram, como na história contada, modelar o ser humano no barro.

Figura 119 - Modelando pessoas.



Durante todo o processo de investigação foram, também, construindo essas partes que se tornariam a sua instalação, um local onde colocaram tudo isso que produziram, mas antes responderam a questão do projeto, cada um do seu jeito.

Figura 120 - Registro da conclusão que este aluno chegou sobre a questão do projeto.



E concluíram o trabalho assim:

Figura 121 - Espaço destinado para a parte da instalação da T3A.



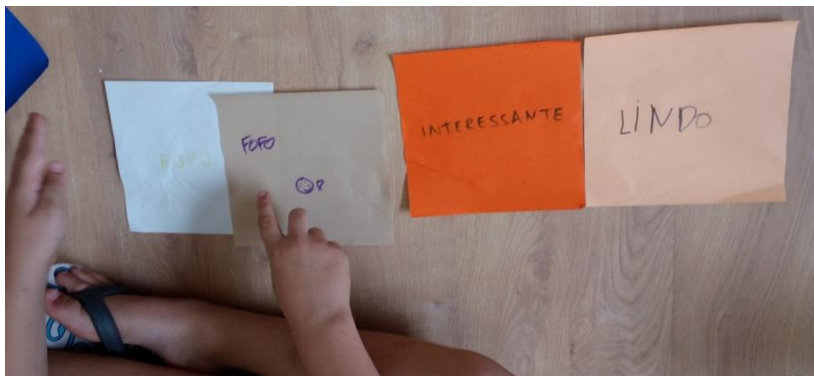
Para a T4B (2º e 3º anos) ficou definido o tema das “Relações”, levando em conta os conflitos, oposições, rótulos e pontos de vistas. Com a pergunta: “O que eu sinto quando te sinto?”, trabalhariam a convivência dentro da escola e como isso reverbera em cada um. Também abordariam a relação que têm com familiares e amigos, fora do ambiente escolar, levando essas visões para mostrar e comparar com as outras crianças. E utilizariam os cinco sentidos nessa investigação, além de dar atenção aos sentimentos. Então, começaram se sentindo.

Figura 122 – Atividade para percepção do outro.



Em seguida, foram perceber como se sentiam em relação a eles mesmos e buscaram escrever a respeito disso de diversas formas, realizando uma auto investigação de características pessoais.

Figura 123 - Escrita auto investigativa.



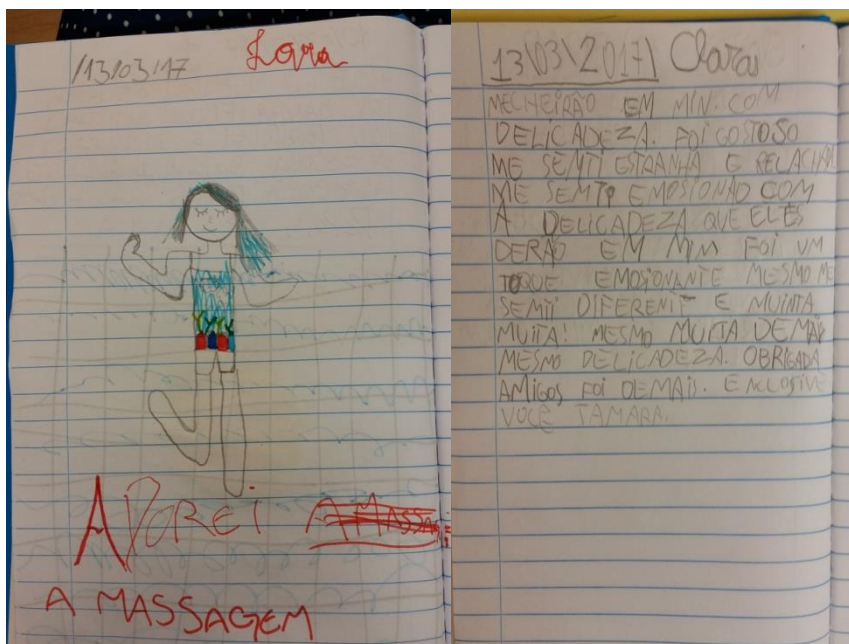
Investigaram também o lado de fora, conhecendo mais sobre seus próprios corpos.

Figura 124 - Atividade de massagear o amigo.



E escreveram sobre suas descobertas em um diário.

Figura 125 - Registro sobre a atividade de massagem no diário.



Para investigar o sentir, com o tato, confeccionaram uma caixa tátil e aproveitaram para trabalhar as unidades de medida e formas geométricas.

Figura 126 - Construíram um cubo.



Figura 127 - Usaram o tato para descobrir o conteúdo da caixa.



Figura 128 - Descobrimdo os objetos pelo tato.



Observando, puderam trabalhar o desenho em perspectiva e, assim, abordar o tema de Geografia - Noções de vista espacial.

Figura 129 - Desenhando o cubo.



E, ao mesmo tempo, a Matemática - Reconhecer, nomear e identificar elementos do quadrado.

Figura 130 - Desenhando em perspectiva.



Como a brincadeira era “sentir”, foi a partir do tato que investigaram as formas existentes na natureza.

Figura 131 - Descobrimdo o objeto.



Figura 132 - Brincadeira do tato.



E se organizaram em duplas, trios...trabalhando com matemática.

Figura 134 - Jogo em duplas.



Com toda essa brincadeira, foi possível investigar o “comprimento”, cortando, amarrando e dobrando.

Figura 135 - Tirando medida do pé.



Figura 137 - Verificando se o tamanho do adereço produzido estava adequado.



Figura 138 - Colocando a fita para prender no pé.

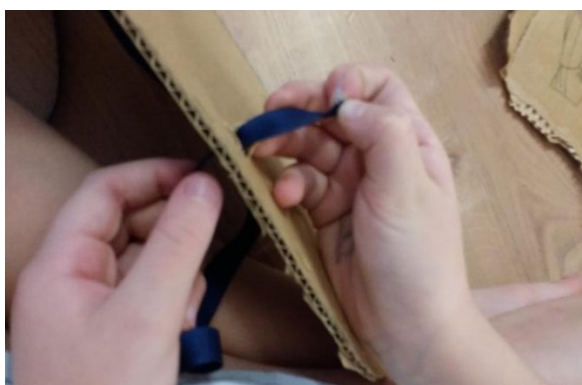


Figura 139 - Fixando no pé o “brinquedo” criado.



Figura 140 - Utilizando o “brinquedo” confeccionado para o experimento.



E então passaram para a visão, percebendo que esta também pode vir de lugares diferentes do que dos olhos:

Figura 141 - Representando a visão a partir do sentimento.



Figura 142 - Representando a visão a partir de conceitos, pensamentos.



E sem a visão fizeram brincadeiras em duplas, aproveitando para, além de abordar as ciências naturais, marcar pontos a partir das conquistas de cada dupla, possibilitando realizar pontuações e exercitar a matemática.

Figura 143 - Brincadeira de conduzir o “cego”.



Organizando as adições com duas e três parcelas.

Figura 144 - Realizando cálculos matemáticos.



Ouviram histórias de livros e histórias de família e puderam exercitar a leitura e trabalhar com regras ortográficas.

Figura 145 - Lendo história.



Figura 146 - Representação das famílias da turma.



E, observando-se com atenção, puderam conhecer um pouco mais do corpo humano.

Figura 147 - Retrato de observação.



Entendendo melhor como algumas partes do corpo funcionam, como a nossa audição.

Figura 148 - Brincando com a “engenhoca”.



E trataram da preservação da saúde. Nesse momento, surgiu uma importante dúvida vinda de um aluno: “Raiva pode ser uma doença do corpo?”

Figura 149 - Pesquisa no dicionário.



Por fim, lendo notícias, descobriram muitas coisas juntos sobre o nosso tema de investigação.

Figura 150 - Leitura de notícias.



E “o que sinto quando te sinto?” foi a finalização das investigações dessa turma, que ficou assim:

Figura 151 - Parte da instalação da T4.



Figura 152 - Detalhe de objeto da instalação que simbolizou as relações.



Por fim, a T5 (4º e 5º anos), com o tema investigativo a “Busca”, intitulado “O Que Importa é o Caminhar ou onde chegar?”, considerado como algo cíclico, partiram das ancestralidades, que nos alimentam em nosso processo de autoconhecimento e, visto do ponto de vista pelo caminho de, se conseguirmos ser coerentes às nossas verdades e sonhamos com base nelas, gerará um fruto, que é a simbologia das realizações, e nele estará contida a semente que poderá ser plantada para retroalimentar esse processo.

Assim, para esta turma foi escolhida a metáfora de uma árvore, a "Árvore da Vida", a qual desvendariam, a partir dela, a resposta para a pergunta geradora desse projeto. A justificativa para esse mote se dá pela ideia de que realizamos ao longo do processo e, também, ao chegar onde gostaríamos de estar; para isso, durante essa jornada, na vida, se faz necessário olhar para dentro e contemplar a nossa natureza interna, de modo a perceber as nossas características únicas, especiais e autênticas. É necessário se conhecer para saber onde se quer chegar. E se não souber o suficiente, o caminho, qualquer que seja, também se faz possível, o importante é não deixar de caminhar, crescer, florescer e dar frutos.

Para dar início às investigações fizeram uma analogia do tema para desenvolvimento da pesquisa e, assim, se utilizaram como apoio de um Bonsai.

Figura 153 - Bonsai de amora



E usaram o diário com o intuito de “olhar para dentro”.

Figura 154 - Diário



Bem como alguns momentos dedicados à meditação.

Figura 155 - meditação



Para a confecção do “quadro dos humores”, trabalharam as retas, semi retas e segmento de retas.

Figura 156 - quadro de humores



Na construção do calendário, trabalharam a tabela – matemática, e as estações do ano.

Figura 157 - calendário.



Entraram em contato com a terra trabalhando com o ciclo da água.

Figura 158 - Terrário.



E produziram um cartaz com os cuidados que deveriam ter com o Bonsai, desenvolvendo o texto normativo e, com o seu conteúdo indicativo, pesquisaram as medidas de capacidade (quilo e litro).

Figura 159 – Cartaz.



Tiveram a compreensão acerca da importância do Sol para a vida na Terra e, por consequência, compreenderam o movimento da Terra, chegando ao Sistema Solar.

Figura 160 - Representando o sistema solar.



Para compreenderem melhor o símbolo que usariam para representar, foram ao dicionário e entenderam o que é definição.

Figura 161 - Árvore usada como modelo para o conceito.



Trabalhando na terra que alimentaria o Bonsai, compreenderam sobre Solo e sua formação, Rochas e Minerais.

Figura 162 - Preparo da terra.



Estudando o tronco, investigaram o que forma a nossa base chegando ao estudo dos pronomes: Quem eu sou?, relacionando com as Expedições Exploratórias de 1501 e 1503/ e Nomes dados à Terra Descoberta. Nossa origem!

E chegaram à nossa Árvore da Vida, que compôs a instalação do meio do ano, finalizando o semestre.

Figura 163 - Parte da instalação referente à árvore da vida.



E aproveitaram para escrever frases “da sorte” para os visitantes da nossa instalação.

Figura 164 - Detalhe do “bilhete da sorte”.



Com as orientações gerais definidas, foram escritos os projetos e iniciaram as investigações exemplificadas acima. Nesse momento, como o texto teatral que seria montado no segundo semestre trataria da vida do artista Candido Portinari, desde sua infância até a sua morte, era necessário trazer para todas as turmas envolvidas contextos que sensibilizassem os alunos para a arte, a vida e tudo que gira em torno das escolhas que fazemos, desde a nossa infância mas, também, que conhecessem as obras de diferentes artistas plásticos brasileiros, compreendendo as suas especificidades e, bem como, prepará-los artisticamente, com repertório, para que no semestre seguinte dessem conta de produzir o que seria a cenografia, os figurinos, dançassem músicas regionais, que foi a escolha feita pelo professor de música, tendo esses conhecimentos prévios adquiridos nesse primeiro momento investigativo, no primeiro semestre, e estes aspectos foram abordados principalmente pelos educadores especialistas.

Figura 165 - Autorretrato dos alunos. Corpo humano.

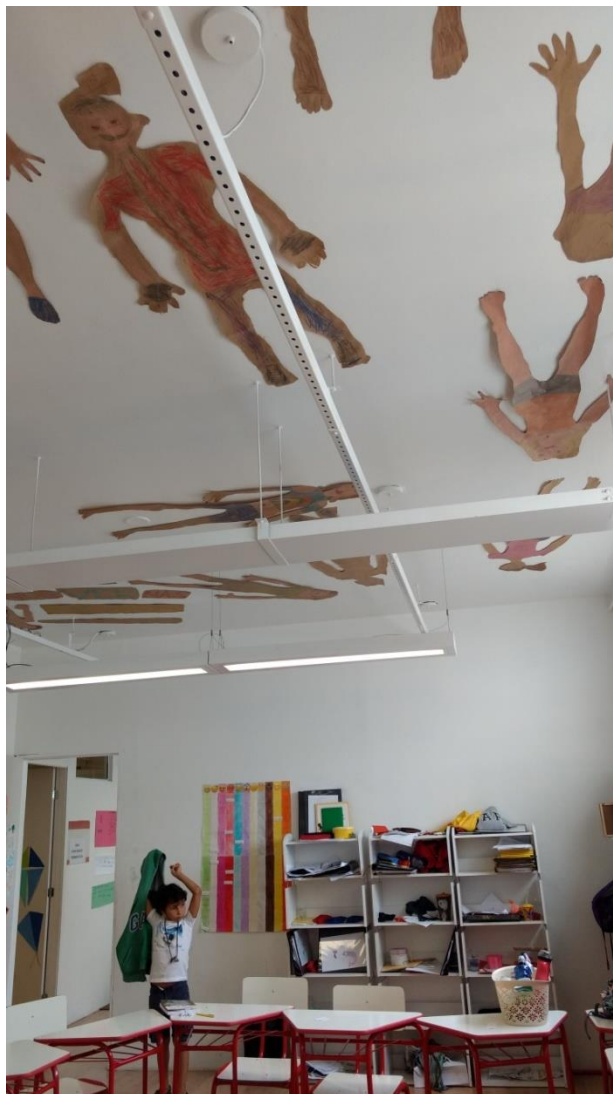


Figura 166 - Releitura de diversas obras. O Brasil e o mundo.



Figura 167 - Apresentações artísticas dos alunos. Desinibição, fixação/memória.



Figura 168 - Sensibilizando o olhar. Leitura de mundo.



Figura 169 - Trabalho com a poesia. Escrita.



Figura 170 - Estudos sonoros. Sequência lógica.



Figura 171- Pintura corporal. Treino da coordenação motora fina e lateralidade.



Figura 172 - Conhecendo diversos ritmos e suas regiões de origem.



Figura 173 - Sensibilizando o próprio corpo, percebendo suas limitações, desenvolvendo o autocuidado.



Figura 174 - Sensibilizando e conhecendo outro corpo, os das suas mães, massageando-as. Fases da vida.



Figura 175 - Modelando o barro, a terra e criando formas de representações e auto expressão.

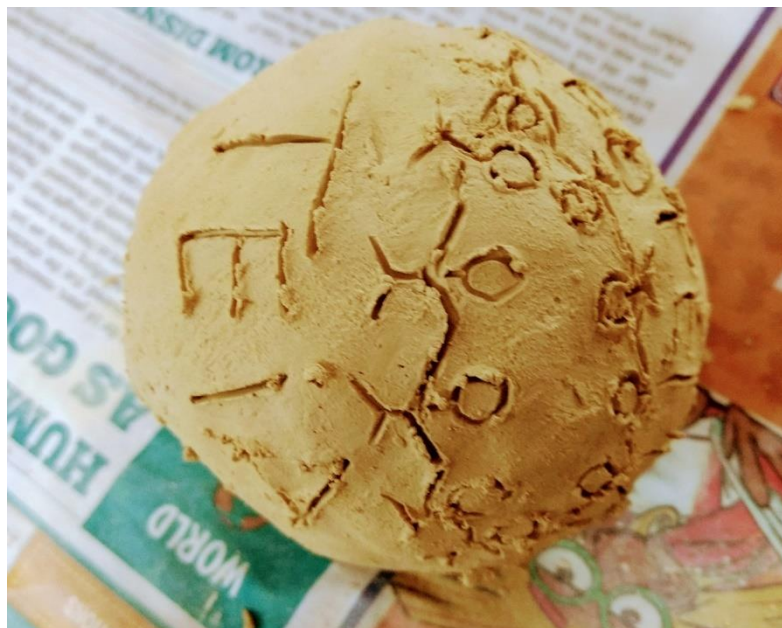


Figura 176 - Cantando e treinando a exposição.



Figura 177 - Criando cenas teatrais sobre a nossa história, a história do Brasil.



Figura 178 - Preparando o corpo para as diferentes características coreográficas.



Figura 175 - Conhecendo habilidades circenses, desenvolvendo habilidades e a coragem.



Figura 176- Liberando a imaginação em composições livres.



Figura 177 - Preparando a instalação. Organização espacial.



A finalização das investigações e registros do primeiro semestre é marcada pela instalação, que nesse ano se apresentou visualmente da forma abaixo:

Figura 178 -Instalação “O que você veio fazer aqui”, finalização do primeiro semestre de 2017.



Em julho, no período de férias dos alunos, todos os educadores se reuniram novamente no segundo retiro do ano para organizar, agora, o que desenvolveriam no segundo semestre do ano para a realização do espetáculo teatral “Candim”.

Nesse encontro, além de organizarem o projeto que, nesse momento, terá como eixo orientador a própria peça teatral, unindo a pesquisa ao desenvolvimento dos conteúdos, eles ensaiam um trecho da peça, orientados pela especialista de teatro, onde há também uma música, para aprenderem a cantá-la com o especialista de música e esta será coreografada pelo especialista de dança ou dança circular. Eles também improvisam figurinos, adereços e cenografia, e enquanto planejam, fazem pausas para essas produções e ensaios. No final do planejamento, precisam ter a cena pronta e, na primeira semana de aula, no horário do Projeto Conviver, apresentam para todos os alunos e funcionários da escola. É um momento especial e de bastante euforia por parte das crianças. E é dessa forma que elas ficam conhecendo um trecho e sabendo qual a peça que irão preparar, ensaiar e apresentar no final do ano.

Figura - 179 Professoras apresentando cena da peça que será encenada pelos alunos.



Figura 180 - Professora apresentando cena da peça que será encenada pelos alunos.



Figura 181 - Professores apresentando coreografia da peça que será encenada pelos alunos.



E, a partir desse momento, todas as investigações, apoiadas pelos conteúdos das áreas do conhecimento, terão como foco principal o desenvolvimento do produto final em todos os seus aspectos, que é a peça teatral “Candim”.

As Turmas 3, agora unidas em uma única Turma, ficaram responsáveis pela concepção e produção das ferramentas dos trabalhadores da terra, pelo figurino dos artistas do circo, e pela reprodução de duas obras de Portinari que comporiam a cenografia, “O Café” e a imagem do circo, do livro “Maria Rosa”, único livro infantil que Portinari ilustrou.

Assim, deram início fazendo protótipos e esboços.

Figura 182 - Protótipos de estudo dos adereços com proporções/medidas.



Figura 183 - Utilização da técnica de papelagem aprendida no semestre anterior para produção das ferramentas.



Figura 184 - Pintura das ferramentas confeccionadas por eles.



Figura 185 - Reconhecendo as obras do artista no MASP.



Figura 186 - Visita ao MASP para conhecer obras.



Figura 187 - Primeiros estudos sobre a obra.



Figura 188 - Compreendendo as proporções do desenho, utilizando a técnica de divisão em quadrantes.



Figura 189 - Medidas das imagens que tinham para verificar o quanto teriam que ampliar.



Figura 190 - Medidas das imagens.



Figura 191 - Esboços com carvão, como Portinari fazia.



Figura 192 - Definindo medidas da obra para cenografia.



Figura 193 - Pintura parcial de reprodução da obra “O Café”.



Pintura 194 - Pintura coletiva da obra que será reproduzida.



Figura 195 - Reprodução com pintura parcial de ilustração do livro Maria Rosa, de Portinari.



Figura 196 - Pintura coletiva da obra cenográfica.



Figura 197 - Detalhes na obra cenográfica.

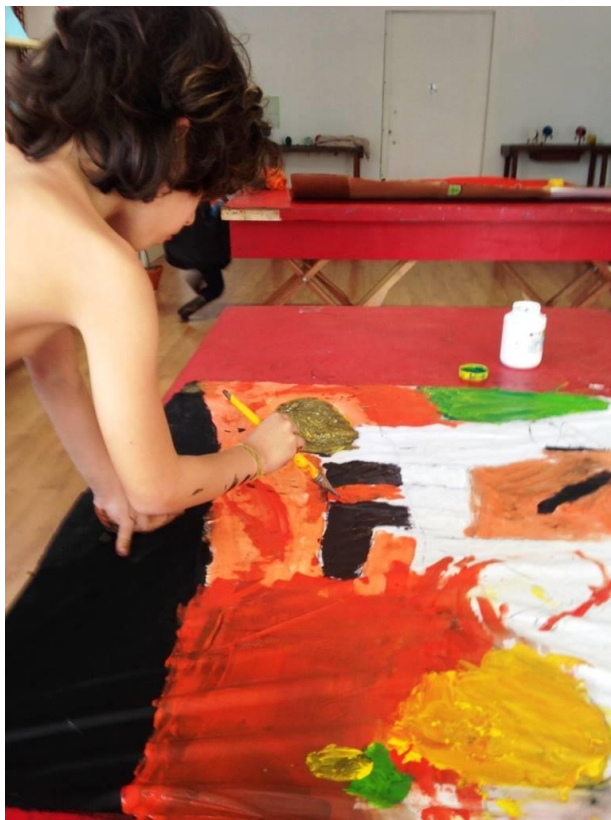


Figura 198 - Finalização da tela “O Café” que fará parte da composição cenográfica.



Construíram a linha do tempo da vida de Portinari, estudando-a, organizando as fases das suas obras e o que viveu em cada uma delas, trabalhando a passagem do tempo e a escrita.

Figura 199 - Detalhe da linha do tempo organizada pelos alunos sobre a vida de Portinari.



Figura 200 - Detalhe da linha do tempo organizada pelos alunos sobre a vida de Portinari.

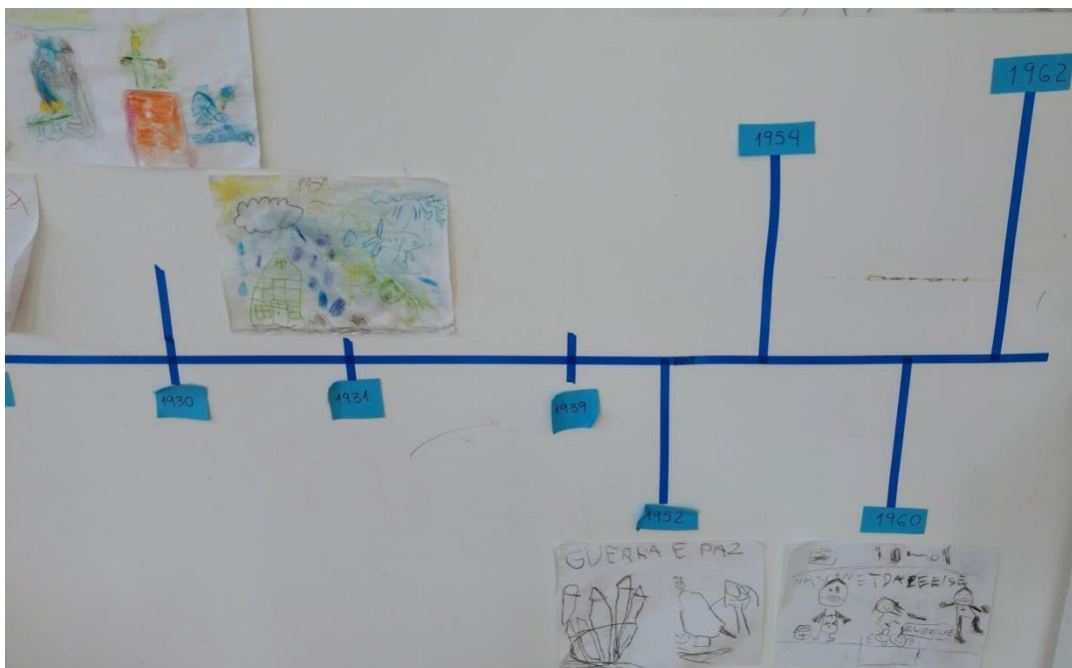
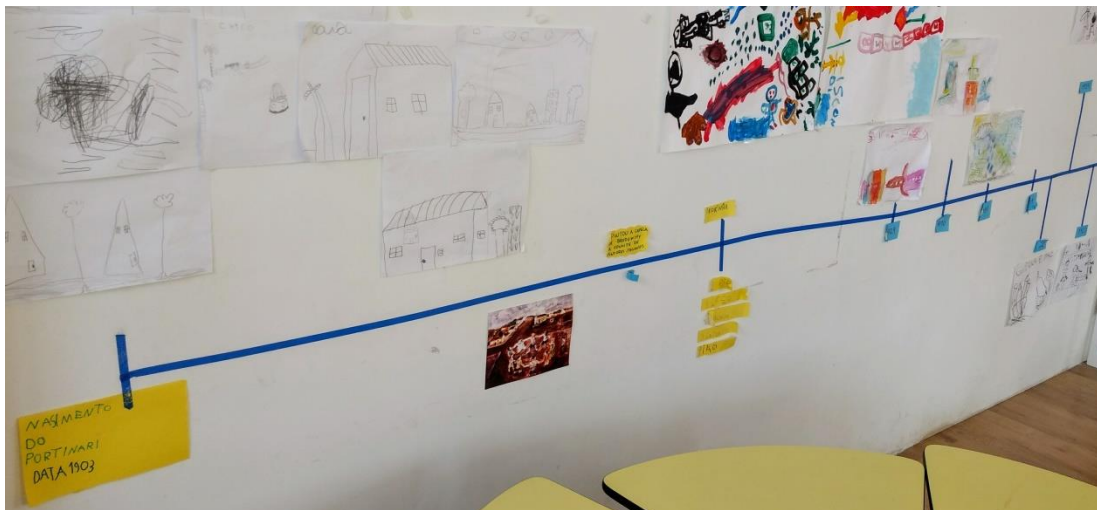


Figura 201 - Linha do tempo organizada pelos alunos sobre a vida de Portinari.



E, posteriormente, na visita que fizeram como Estudo do Meio para a cidade natal de Candido Portinari, Brodowski, puderam comparar com a linha do tempo apresentada no museu sobre a vida do artista com a que tinham organizado.

Figura 202 - Linha do tempo apresentada no museu, em Brodowski, de Candido Portinari.



Estudaram, como forma de sensibilização e aprofundamento sobre a vida do artista e sua obra, a partir da obra “Pés Descalços”, realizando releituras e vivências a partir dela, além de expressarem suas percepções com escrita de próprio punho.

Figura 203 - Percepção dos alunos sobre vivências e obras de Portinari.

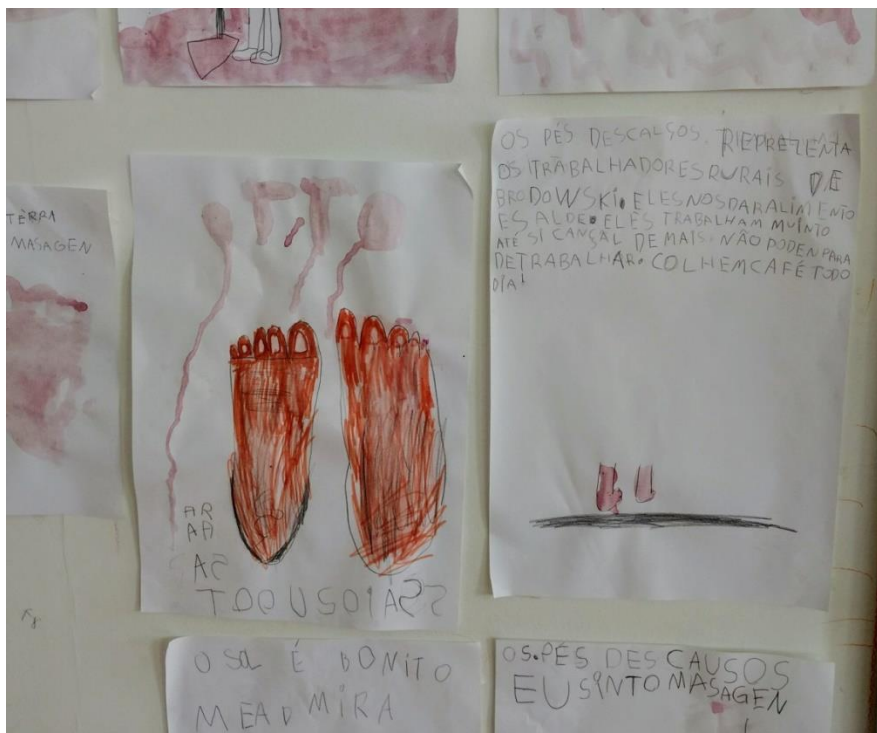


Figura 204 - Pé sendo preparado para carimbar.



Figura 205 - Carimbo dos pés com tinta guache.



Figura 206 - Carimbo dos pés com tinta natural.



Confeccionaram tintas tirando pigmentos de produtos naturais, como a beterraba, buscando soluções para uma pintura não tóxica, o que havia levado Portinari à morte por intoxicação. Usaram essa tinta para “avermelhar” a terra que foi utilizada na encenação da peça teatral.

Figura 207 - Ralando beterraba para produzir tinta orgânica.



Figura 207 - Produção de tinta a partir da beterraba.



Após a viagem a Brodowski, onde puderam vivenciar um pouco do que viveu, viu e sentiu Portinari, realizaram atividades sobre a diferença entre o meio rural, o campo e a cidade, representando o que viram.

Figura 208 - Alunos na cidade de Brodowski.



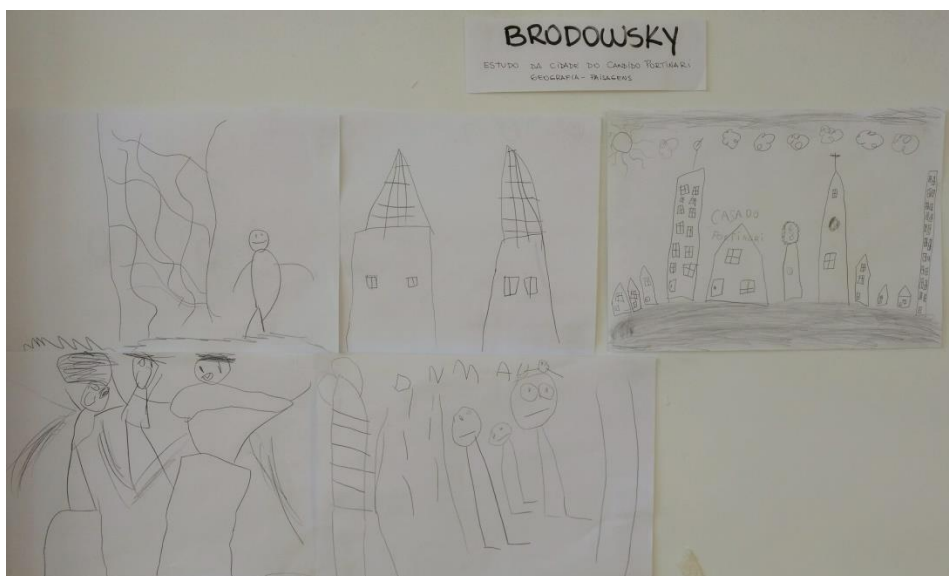
Figura 209 - Alunos assistindo apresentação de viola em Brodowski.



Figura 210 - Representando Brodowski.



Figura 211 - Desenhos sobre paisagens de Brodowski.



Finalizaram seus produtos das artes visuais montando uma exposição de obras de arte criadas por eles, nas quais colocaram valores financeiros simbólicos para trabalharem com as relações monetárias.

Figura 212 - Pinturas realizadas pelas crianças que foram parte de uma exposição.

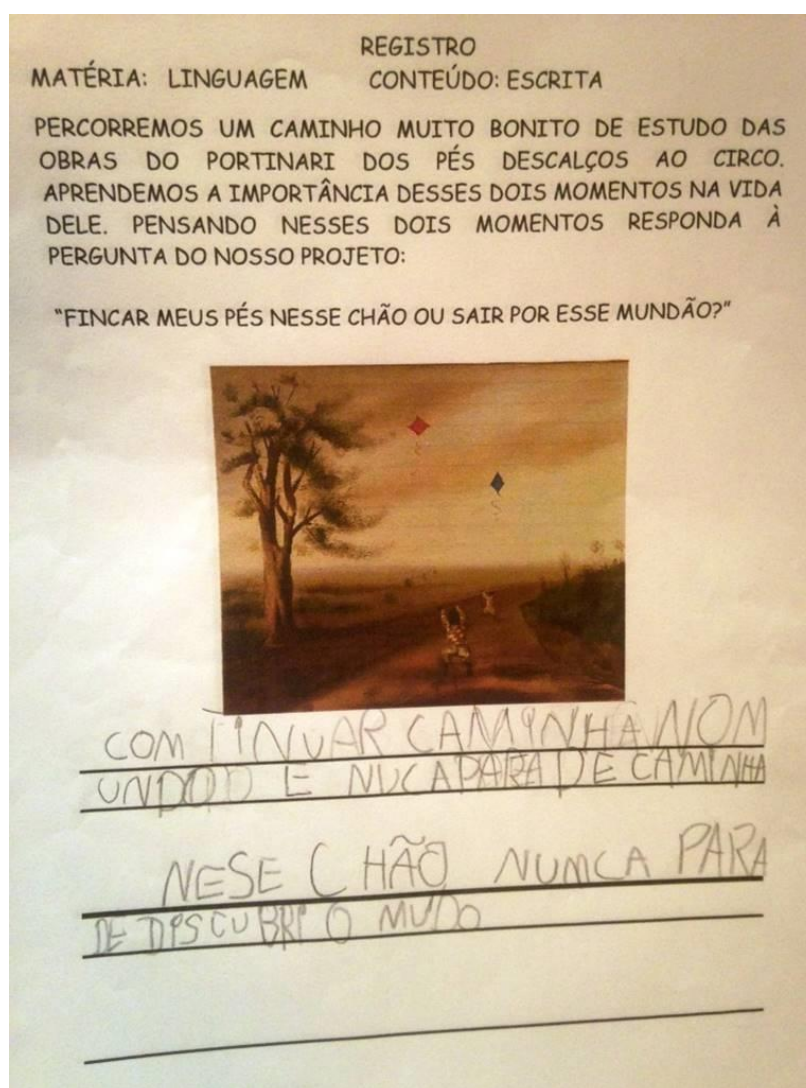


Além dessas investigações apresentadas também definiram seus figurinos, aprenderam as músicas da peça, se aprofundando em seus símbolos, fizeram exercícios de escrita e reescrita

da mesma, afinaram a voz, aprenderam sobre o tempo e o ritmo do canto e do corpo, desenharam e realizaram coreografias, aprenderam a se colocar no espaço cênico fixando suas marcações a se apresentaram por três dias para uma platéia de mais de 250 pessoas por dia, cantando ao vivo.

Como finalização do processo do semestre, cada criança respondeu a pergunta lançada no início do segundo semestre pela professora para a turma, em folha de registro.

Figura 213 - Atividade de registro de criança do 1º ano do ensino fundamental.



E realizaram as apresentações da peça teatral para amigos e familiares.

Figura 214 - Concentração antes do início da apresentação da peça “Candim”



Figura 215 - Coreografia inicial da peça “Candim”.



Figura 216 - Coreografia final da peça “Candim”.



Figura 217 - Cena “trabalhadores da terra” utilizando as ferramentas cênicas – adereços - produzidas por eles.



Figura 218 - Cena do circo da peça “Candim”



A Turma 4, além do próprio fazer teatral que foi apresentado no final do semestre, ficou responsável, também, por confeccionar os adereços de figurinos dos próprios alunos, para a cena do espantalho, com referências do figurino principal do espantalho da turma 5A. Também reproduziram a tela de Portinari “Baile na Roça”, que foi utilizada como parte da cenografia. Participaram, além das coreografias em diversos momentos, das cenas do Espantalho e do Baile.

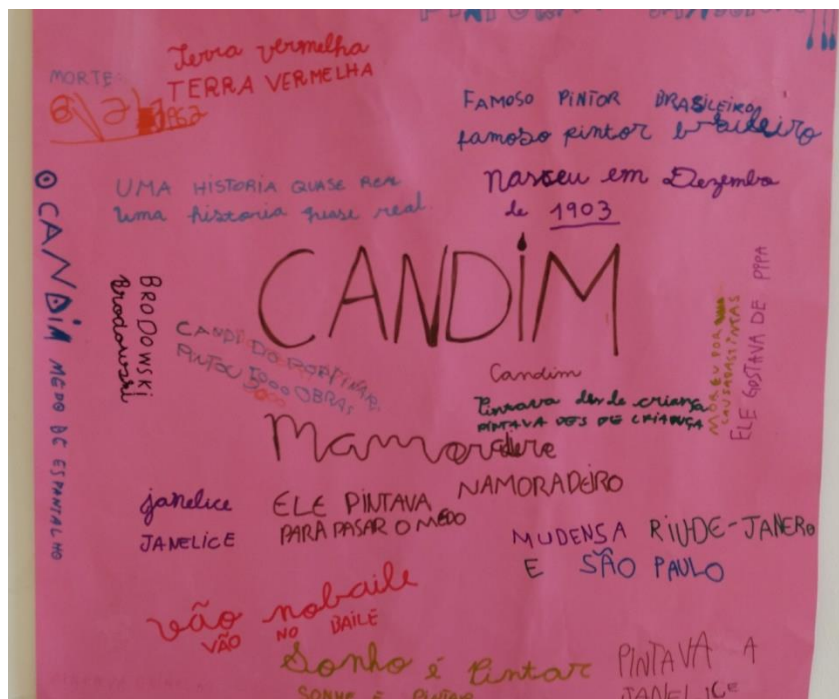
Iniciaram fazendo leitura de obra sobre a vida do artista.

Figura 219 - Livro estudado pelos alunos para conhecimento prévio do artista.



Levantaram informações que consideraram as mais importantes e pertinentes com o trabalho da peça teatral que realizariam.

Figura 220 - Mapa conceitual sobre a vida de Candido Portinari segundo os alunos.



E organizaram uma linha do tempo.

Figura 221 - Linha do tempo.



Estudaram sobre algumas obras, reduzindo ou aumentando tamanhos, dando a possibilidades de estudarem a matemática, principalmente a multiplicação.

Figura 222 - Estudo sobre a obra “O menino e o Carneiro”.



Figura 223 - Estudo sobre a obra “O menino e o Carneiro”.



E obras que retratavam contextos históricos e cotidianos do campo, chegando ao estudo do espantalho.

Figura 224 - Estudo da obra “Os retirantes”.



Figura 225 - Estudando o que Portinari retratava, chegaram à figura do espantalho.



Figura 226 - Estudos sobre o figurino da personagem.

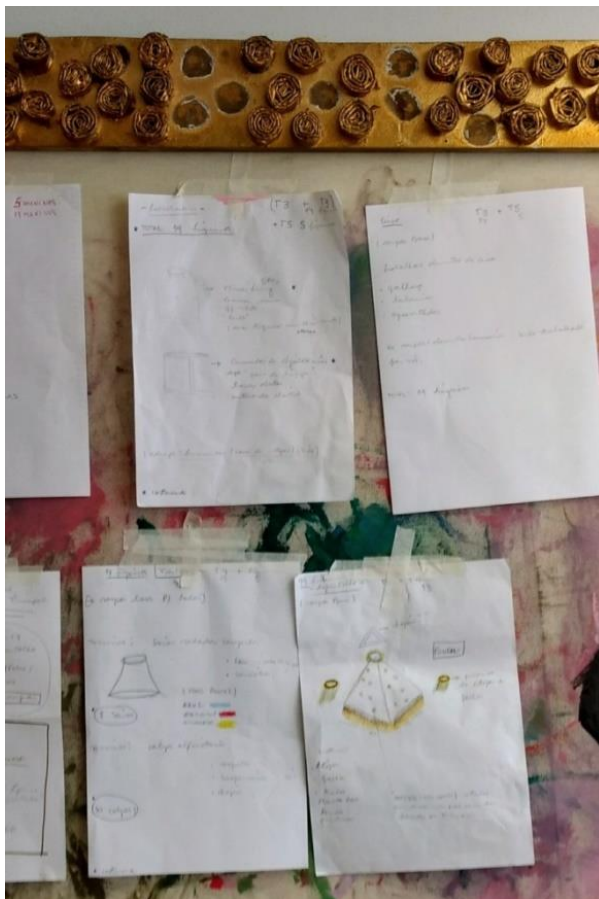


Figura 227 - Confeção de figurinos.



Na viagem a Brodowski, puderam conhecer os hábitos do interior e entraram em contato com a música, a dança, o baile... tema que iriam abordar na peça.

Figura 228 - Ouvindo música regional em Brodowski.



Figura 229 - Dançando “no Baile”, em Brodowski.



Figura 230 - Dançando “no Baile”, em Brodowski.



Além de participarem de momentos que posteriormente encenariam, puderam conhecer de perto a casa de Portinari.

Figura 231 - Casa de Portinari, em Brodowski.



Figura 232 - Casa de Portinari, em Brodowski.



Confeccionaram os figurinos do espantalho, aprenderam a cantar as músicas, a dançar as coreografias, ampliaram e reproduziram a obra “O Baile” para compor a cenografia e, finalmente, chegou o dia de se apresentarem para seus convidados. Tiveram que lidar, também, com toda a ansiedade e expectativa, o medo, a insegurança e a alegria, que fazem parte de um momento como esse!

Figura 233 - Aluna observando por uma fresta da cortina o público aguardando o início da peça teatral.



Figura 234 - Reprodução da obra “O Baile” feita pelos alunos da T4.

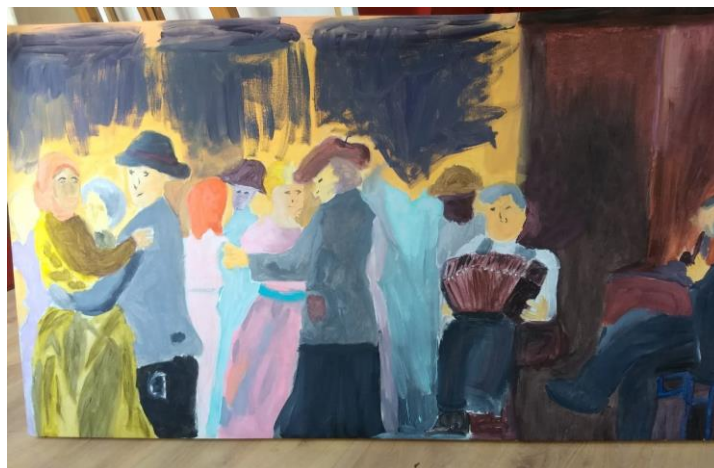


Figura 235 - Figurinos do espantalho criados e confeccionados pelos alunos para a cena.



Figurino 236 - Cena dos espantalhos na peça “Candim”



Figura 237 - Cena do baile, com alunos da T4 interpretando, dançando e cantando na peça “Candim”.



Figura 238 - Cena do baile, com alunos da T4 interpretando, dançando e cantando na peça “Candim”.



Figura 239 - Cena do baile, com alunos da T4 interpretando, dançando e cantando na peça “Candim”.



Essa turma, a T5, composta pelos 4º e 5º anos, tem uma responsabilidade grande em todo esse processo, já que fica a cargo deles a condução de toda a peça, em cena. Dessa turma são escolhidos os atores principais e, mesmo os coadjuvantes, são os que têm os papéis maiores. Assim, a dedicação aos ensaios, compreender o texto e decorá-lo, além de fixar as movimentações ou marcações, coreografias, músicas, enfim, todo o processo teatral, é de sua responsabilidade. Além disso, se alguma criança errar algo em cena, não tem um adulto para “socorrer”, são eles mesmos que têm que improvisar, escolhendo a melhor forma de resolver a situação. Muitas vezes isso acontece, principalmente com os menores, que são “salvos” em cena pelos “maiores”. Nisso, vemos muito aprendizado acontecendo, tanto das capacidades cognitivas, na resolução de problemas, como socioemocionais.

Assim, deram início aos estudos do semestre procurando conhecer Candido Portinari,

um pintor brasileiro famoso, bem como Candim: um menino que nasceu no interior de São Paulo, em 1903, na cidade de Brodowski, perto de Ribeirão Preto. Perceberam que ele poderia ser você, ou eu. Era um menino qualquer, da roça, filho de imigrantes italianos, pobre, simples, sonhador, amante das estrelas, brincalhão, medroso, corajoso, determinado, feliz, amoroso, esperançoso, apaixonado, vislumbrado.... Há muito dele em cada um de nós e há muito de nós, nele.

Como contado no texto teatral, na história, Candim cresce e realiza o seu grande sonho ao se tornar um pintor, que passa a se utilizar da sua arte para expressar o que há de mais belo em si: a sua terra e o seu povo. Conheceu e foi conhecido pelo “mundão” que existe por aí, o que deu a ele a possibilidade de ser visto e reconhecido, de modo que a sua voz nunca deixasse ser calada. Para ele, sua obra era a maneira de retratar as questões mais fundamentais da vida: as pessoas e as lutas sociais do seu povo.

Ele foi o príncipe e o Dom Quixote de sua própria vida, dando-se a oportunidade de salvar-se, enfrentando os seus medos e, por fim, realizando o seu maior sonho e desejo genuínos: ser um pintor famoso.

Portanto, Candido Portinari, ou Candim, foi e ainda é um dos grandes interlocutores do povo brasileiro, que apesar de ser tão diverso, apresenta-se, tal como ele e nós, com características, sentimentos e necessidades universais e únicas.

Sendo assim, o projeto teve como objetivo principal, evidenciar todos esses assuntos abordados que puderam motivar diversos outros assuntos, conhecimentos necessários para a compreensão de todo esse contexto, tudo o que envolveu a história desse grande artista. Além disso, foram sensibilizados para perceberem o que nos une e assemelha, como seres humanos, uns dos outros, o que nos convida a praticar relações mais empáticas, de modo a usar a figura emblemática de Candido Portinari como mote, o que nos aproxima ainda mais desse ícone e o coloca em pé de igualdade aos outros sonhadores desse mundo, essas crianças, esses alunos, que puderam inspirar-se em Candim para seguir os seus caminhos.

Para que esse processo fosse possível, continuaram abordando aspectos relacionados à observação de si, por meio de trabalhos de meditação e autoconhecimento, ao longo das investigações do semestre e, evidentemente as cores, artes e paixões que estiveram presentes em meio aos estudos que foram feitos sobre a vida de Candido Portinari. Tinham como base que, como subproduto para peça, produziriam, além da peça em si, o painel de fundo para a cenografia fixa, representando a cidade de Brodowski, bem como a reprodução de uma tela do Espantalho, tão presente nas obras de Portinari.

Como estratégia de condução para a investigação, a educadora responsável pela turma criou atividades e situações didáticas que permitiram conduzir o processo de aquisição de diversos conhecimentos, partindo de indagações como:

- Quem é Candido Portinari?
 - Qual foi a sua história?
 - O que inspirou o artista?
 - O porquê para ele era tão importante ser pintor?
 - Porque precisava para de pintar?
 - O que representava para ele parar de pintar?
 - Quais eram os seus sonhos?
 - Quais eram os seus medos?
 - O que nos aproxima de Candim?
 - Será que todos somos um pouco parecidos, afinal?
 - O que seria empatia?
 - Que obra representaria melhor a sua Brodowski?
 - Qual obra escolheremos sobre o espantalho para reproduzir?
 - Como faremos as reproduções?
 - Que tamanho deverá ter cada uma?
 - Como chegaremos ao tamanho ideal para serem utilizadas como cenografia?
 - Em qual local nos apresentaremos?
 - Como se vestiam as personagens da história? Nos vestiremos como elas?
 - Como criaremos e faremos as suas roupas?
 - Como representaremos o Candim nas suas diferentes idades apresentadas no texto?
- Enfim, muitas questões para serem investigadas e respondidas no decorrer do semestre.

Conhecer a cidade natal de Portinari trouxe muitas respostas e os aproximou da vida para compreenderem a obra do artista, além de trazer diversos outros conhecimentos.

O café, tanto nas plantações, com o trabalho para preparar a terra para o seu plantio, a colheita, quanto sobre o seu aroma e bebida, aparece muito em suas obras e esteve presente na apresentação dos alunos no final do semestre.

Figura 240 - Plantação de café em Brodowski.



Figura 241 - Grãos do café colhido.



Figura 242 - Em Brodowski, alunos representando o espantalho na plantação de café.



Figura 243 - Desenho da obra escolhida para ser reproduzida e fazer parte da cenografia.



Figura 244 - Após definição da obra, estudo das proporções e divisão da mesma para sua reprodução.




Figura 245 - Processo de pintura da obra por todos os alunos.




Figura 246 - Finalização da reprodução e investigação do que ela representava para o artista, o medo da morte.



Figura 247 - Cartaz da peça produzido a partir da reprodução dos alunos.


 TEIA MULTICULTURAL APRESENTA:
CANDIM
 COM AS TURMAS 3, 4B E 5A



APRESENTAÇÕES:
 DIA 08/12 - 15H30
 DIA 09/12 - 11H30
 DIA 10/12 - 15H00

"SE EU PINTAR TUDO QUE EU SINTO DE BOM E DE RUIM
 ACHO QUE POSSO ENTENDER O QUE ACONTECE
 DENTRO DE MIM!"

LOCAL: **TEIA MULTICULTURAL** - RUA APIACÁS, 233 - PERDIZES

A partir da investigação da história de vida de Portinari, filho de imigrantes italianos, um menino de infância pobre, puderam se aprofundar no estudo da nossa história e geografia, utilizando como disparador das investigações obras do artista.

Figura 248 - Obra sobre os Bandeirantes.



Figura 249 - Obra sobre os trabalhadores rurais.



Figura 250 - Obra “Os Retirantes” estudada pelos alunos.



Figura 251 - Distribuição da população no Brasil – migrantes e imigrantes

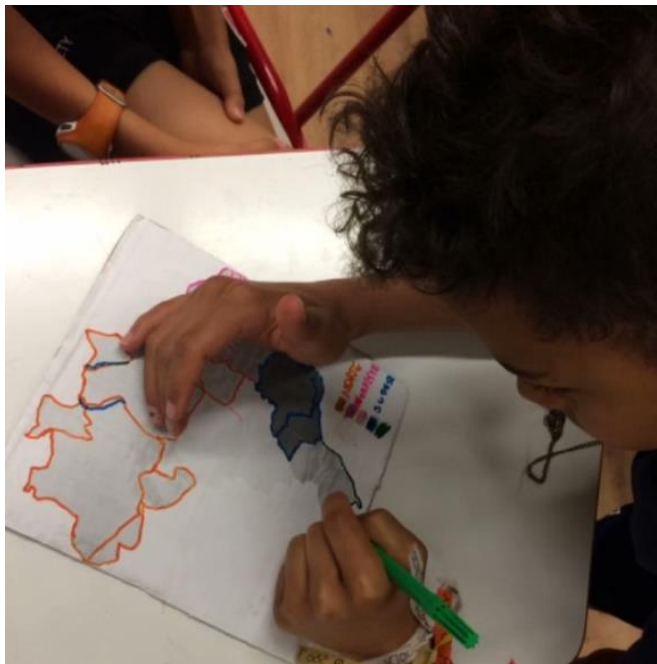


Figura 252 - Distribuição da população brasileira



Partiram de sentimentos do artista e situações vividas para escreverem e estudarem a Língua Portuguesa.

Figura 253 - Escrita de carta.

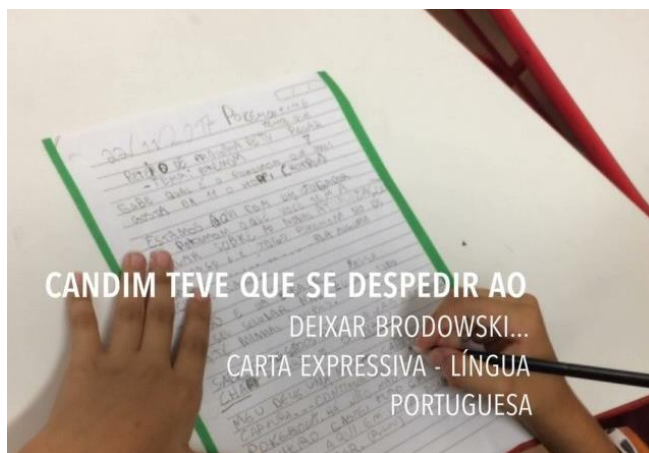


Figura 254 - Atividades de registro sobre ideias e concepções.



Figura 255 - Caminho para dentro – Estudo de verbo

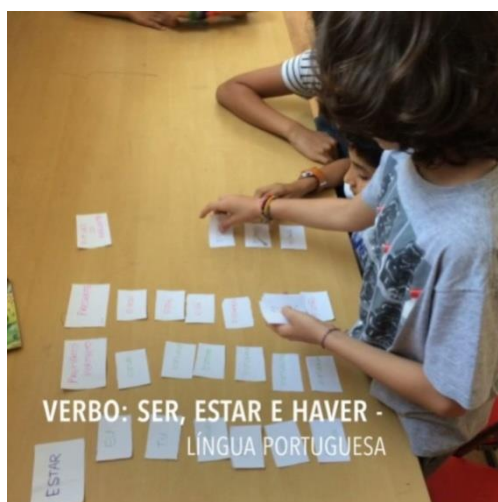


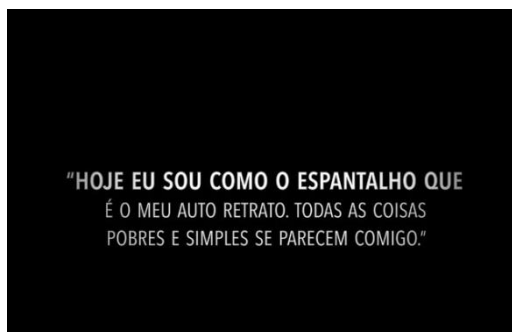
Figura 256 - Criação de Mapa conceitual.



Figura 257 - Leitura, compreensão, reescrita e escrita a partir do texto teatral.

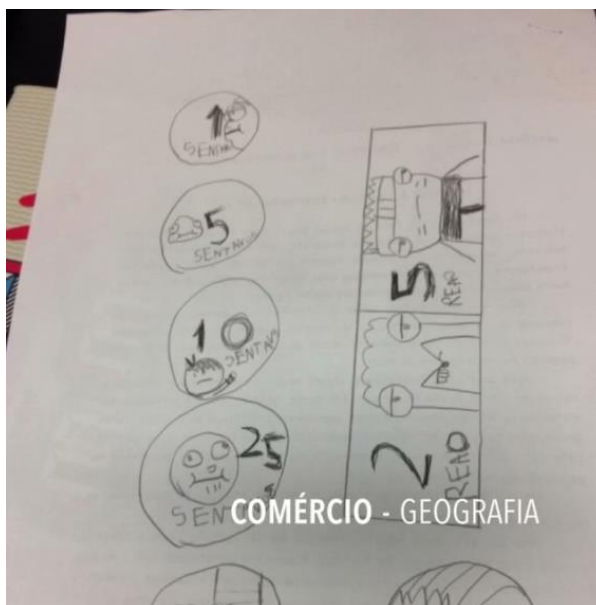


Figura 258 - Estudo de frases de Portinari.



A matemática esteve presente o tempo todo, nos estudos sobre a pipa, nas divisões, ampliações, reduções e reprodução das obras, na confecção dos figurinos, “misturada” nas investigações de outras áreas do conhecimento.

Figura 259 - Estudo sobre o comércio a partir dos desejos de Candim, como a caixa de lápis de cor.



Figuras 260 - Valor monetário.



Figura 261 - Números decimais para definição de preços e medidas da obras.

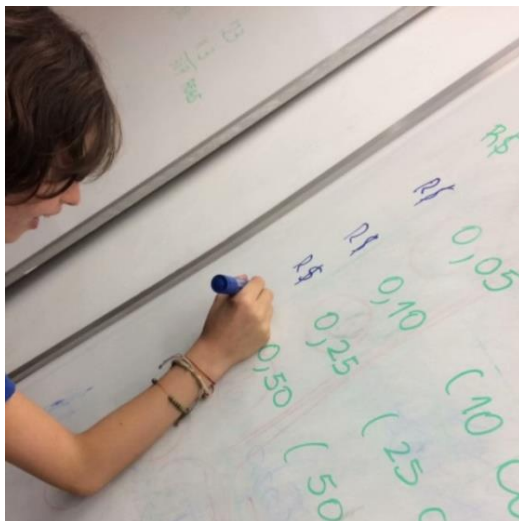


Figura 262- Estudo para a definição do tamanho para obras.

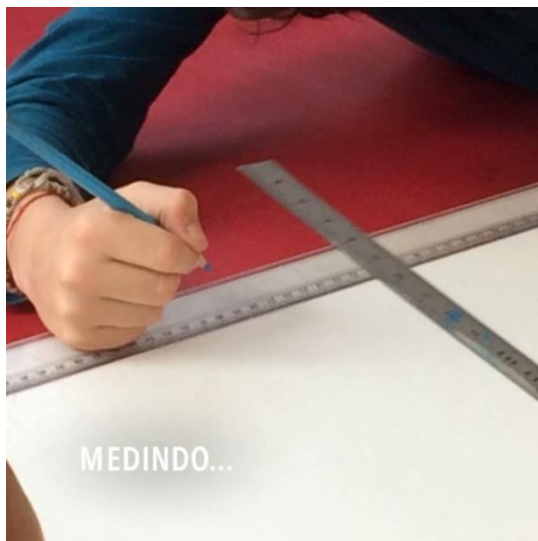


Figura 263 - Confeção da tela.



Figura 264 - Ampliação da obra que serviria de “pano de fundo” para toda a peça teatral pintada na “tela” confeccionada pelos alunos nas proporções necessárias para a área que ocuparia.



Figura 265 - Maquete da cenografia com medidas proporcionais.



Figura 266 - Estudos da população distribuída geograficamente.



Figura 267 - Trabalhando com frações a partir da obra que seria reproduzida.



Figura 268 - Pintura coletiva da cenografia fixa – reprodução da obra que retrata Brodowski.



Conheceram um aspecto triste e delicado da história de Portinari, a intoxicação pelas tintas que o levou à morte, e a partir desses estudos viram as ciências naturais.

Figura 269 - Compreendendo o corpo humano e o que levou Portinari à morte – Intoxicação pelas tintas que usava.



Figura 270 - Construção do pulmão.



Figura 271 - Alunos no museu “Casa de Portinari” observando suas tintas e palheta.



Figura 272 - Estudando outros tipos de “doenças” que retratam o texto, como o Bicho de pé.



E ainda puderam entrar em contato com um tema delicado no texto, a passagem do tempo, pois a história se inicia com um Candido Portinari com uma idade avançada e sofrendo

os resultados da intoxicação pelas tintas, quando se recorda de sua infância, em Brodowski, voltando no tempo e no espaço.

Figura 273 - Leitura do tempo, passagem do tempo...



LER HORA, MINUTO E
SEGUNDO - MATEMÁTICA

Figura 274 - Verificando diferentes formas de marcar o tempo, antigas, como o relógio de sol e novas.



Figura 275 - Observando o céu, também uma forma de marcar o tempo.



Figura 276 - Forma mais atual de marcar o tempo.



Figura 277 - Observação do tempo para realizar “coisas”/tarefas.



Figura 278 - As mudanças que acontecem no corpo com a passagem do tempo.



As pipas, um dos brinquedos preferidos de Candim possibilitou diversas investigações matemáticas, desde o próprio triângulo bem como outras formas geométricas resultantes ou comparativas, além de retas e ângulos. Construíram diferentes pipas, com diferentes materiais, pintaram no papel, no muro, até chegarem ao modelo final que seria utilizado em cena, considerando que deveria dar a impressão de estar voando sobre o vento, sem que isso fosse possível. Muitas questões foram, também, investigadas a partir dessa problematização.

Figura 279 - Estudo de triângulos e ângulos.



Figura 280 - Confeção das primeiras pipas estudando medidas.



Figura 281 - Desenho e pintura de pipa na parede da escola.



Figura 282 - Pipa utilizada pelo ator mirim em cana do Candim quando menino.



Com tantos conhecimentos adquiridos, alguns descritos aqui, tinham subsídios para a construção das personagens que seriam encenadas. Esse estudo levou não apenas aos conhecimentos necessários de serem abordados nessa fase do desenvolvimento, mas muito mais. Puderam se sensibilizar sobre a vida e a obra de um grande artista brasileiro enquanto se sensibilizavam com suas próprias vidas e reconheciam suas próprias histórias, com sentimentos vividos ou emprestados das personagens que representaram.

Figura 283 - Ensaio de cena.



Figura 284 - Ensaio de cena.



Figura 285 - Em cena, representando os espantalhos.



Figura 286 - Ensaio de cena.



Figura 287 - Preparo do palco, concebido pelo alunos, com terra.



Figura 288 - Coxia antes de entrar em cena.



Figura 289 - Concentração antes de iniciar a peça.

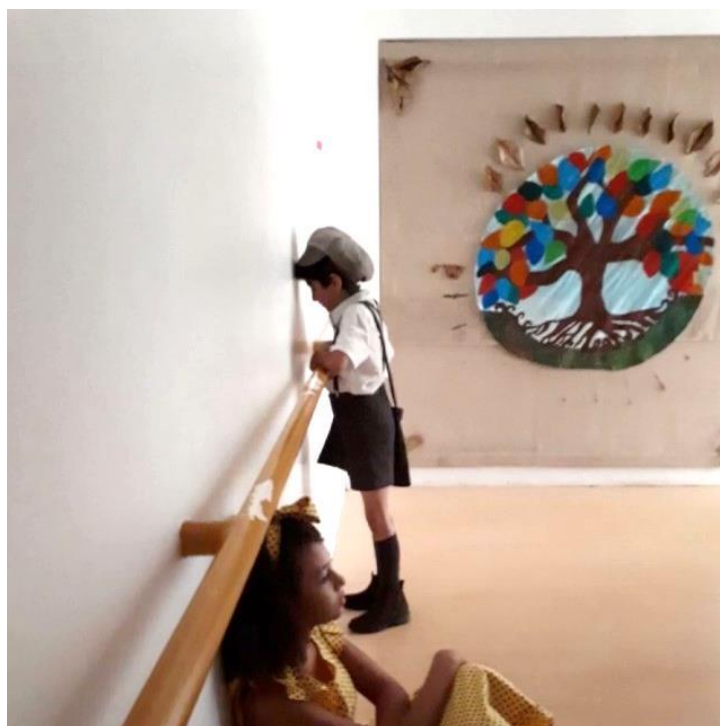


Figura 290 - Cena “Candim”, com Candim menino e Janelise. Público formado por amigos e parentes.



No final, o que se podia ver e sentir sobre todas as crianças envolvidas foi que Portinari tornou-se o herói de todas elas!

CONCLUSÃO

Hoje, praticamente quarenta anos depois da experiência que vivi na Índia e depois dessa trajetória, andando por essa escola observo suas salas ambientes amplas, que proporcionam investigações e experimentações diversas, capazes de instigar a curiosidade dos nossos alunos e possibilitar, com os materiais oferecidos, materiais simples, pouco ou nada estruturados mas que permitem a construção a partir do olhar e ação de cada um, que estes ambientes acolhem todas as turmas da escola, turmas estas que iniciam a utilização desses espaços a partir de 1 ano de idade. Estas turmas que são compostas a maior parte do tempo diário por ciclos de dois anos, mas que, em outros momentos, se encontram em atividades que permitem a interação com outras turmas de outras idades, também. Andando pelas salas de registros, que acolhem com diferentes características das variadas faixas etárias, as necessidades de organização e sistematização do vivido nas salas ambientes, observo os espaços de convivência, os corredores,

enfim, cada lugar criado e pensado para eles com o intuito de acolher e, ao mesmo tempo, estimular, provocar, sensibilizar, divertir. Esses espaços não são organizados para separar e silenciar, mas para unir, inquietar ou, se para silenciar, no sentido meditativo, de auto observação, para compenetrar, para que seja possível que realizem o contato consigo mesmos para, depois, voltarem a investigar. Essa organização proposta tem como intenção possibilitar o mesmo caminho que trilhei, por tantos lugares diferentes que passei, uma amplidão de experiências, que me possibilitaram e possibilitam a eles perguntar e investigar por si mesmos para encontrar as respostas, para podermos desvelar os sonhos, os dons e habilidades de cada um e possibilitar irem de encontro a eles e a si mesmos.

Hoje observo que esses processos de construção e realização de um projeto artístico interdisciplinar são um caminho para cada aluno se autoconhecer, se reconhecer nessas habilidades, dons, que poderão impulsioná-los em suas vidas, criando novas possibilidades de escolhas para novas investigações e, quem sabe, cientes dessas habilidades, encontrarem rumos para um projeto de vida, a construção de um propósito.

Olho para eles e vejo brilho, movimento. Muitas oportunidades são oferecidas, muitos caminhos são criados e outra metáfora explica o que sinto em relação ao que propomos e vivemos aqui: comparo suas capacidades cognitivas com a terra. Aqui adubamos, aramos, alimentamos, cuidamos para que ela seja fértil, que receba a luz do Sol e água e, assim, estar preparada para receber as sementes, algumas plantamos, outras serão jogadas por eles mesmos, escolhidas de acordo com suas necessidades na vida, mas que facilmente brotarão, pois a terra está pronta. As sementes, os sonhos... são muitos! E a cada dia surgem novas perguntas, seus sonhos, meus sonhos...

Considero, também, que a apresentação dessa proposta metodológica aqui sistematizada e realizada ao longo de 13 anos a partir de projetos interdisciplinares orientados pela arte em todos os segmentos da Educação Básica, onde a investigação e desenvolvimento dos conteúdos de todas as áreas do conhecimento estão organizados não a partir das próprias áreas, mas sim do eixo orientador, o tema artístico, não abrindo mão de nenhum saber necessário ao desenvolvimento e conhecimento adequado a cada fase do desenvolvimento como os propostos pela Base Nacional Comum Curricular, mas organizando-os a partir dos próprios projetos interdisciplinares em turmas multi-seriadas, aqui apresentadas em ciclos de dois anos,

possibilita novas referências para educadores inovadores ou escolas inovadoras brasileiras, ampliando nossas redes, com novas conexões, novas teias, novos sonhos.

Veias da Teia

“ Eu vou perguntar pra onde tudo vai

De onde o mundo vem

E vou chorar também

Mas vou aprender

Com o coração

A curtir o sim

E aceitar o não

Eu vou perguntar

Pra onde tudo vai

De onde o mundo vem

E vou sorrir também

Mas vou aprender

A saber de mim

Para transformar

Aquele não em sim.”

Tanã Tibeiro (prof. de música da escola Teia Multicultural)

CAPÍTULO 7 -MATERIAL E MÉTODOS

7.1 Abordagem metodológica

O estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, tendo o “estudo de caso” como procedimento metodológico mais adequado (YIN, 2005). Sendo assim, a partir da análise mais a fundo de um caso em particular, a Escola Teia Multicultural, para poder esboçar relação com um contexto maior, as escolas inovadoras na educação brasileira.

7.2 Área do Estudo

O estudo foi dado na Escola Teia Multicultural, fundada no ano de 2005 e situada na região oeste do município de São Paulo, mais precisamente, no bairro de Perdizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAZENDA, I. Interdisciplinaridade: qual o sentido?. São Paulo. Paulus. 2003.
- FAZENDA, I. Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro. 6ª.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- FAZENDA, I.(org.), Didática e Interdisciplinaridade, São Paulo: Papirus, 1998.
- ARAÚJO, U.; KLEIN, A. M. Escola e comunidade, juntas, para uma cidadania integral. In: CENPEC.
- Educação integral.** São Paulo, 2006. p. 119-125. (Cadernos Cenpec, n. 2).
- BRASIL.**Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Ensino Fundamental.Brasília: MEC/SEF,1998.
- BUCK INSTITUTE FOR EDUCATION. **Aprendizagem Baseada em Projetos – guia para professores de ensino fundamental e médio.** 2ª ed, Porto Alegre,RS: Artmed, 2008.
- CORREA. G. C.P. **A aprendizagem baseada em projetos e a neuropsicopedagogia possibilitando uma aprendizagem integral, efetiva, motivadora e prazerosa para o aluno.** 2015. 39 p.Dissertação de Mestrado Lato Sensu em Neuropsicopedagogia. UCAM PROMINAS, 2015.
- DURHAM, ER. Malinowski: vida e obra. In: Malinowski BK. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural; 1984 (p. VI-XXI) (Coleção Os Pensadores).
- FARIA, A.R.D. Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget. 4ª. ed. São Paulo : Ática, 1998.
- FAURE, E. et al. **Aprender a ser. Lisboa: Livraria Bertrand.** São Paulo: Brazil, Difusão Européia do Livro, 1974. Disponível em francês em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001329/132982f.pdf>. Acesso 23 out 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 57º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra ,2014.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.** 8ª.ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.(Educação e conhecimento).
- GONDIM, S.M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia** (Ribeirão Preto), vol.12, no.24, p.149-161, 2003.
- HERNANDEZ, F. **A Organização do Currículo por Projetos de Trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 1998. 116.

- _____. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HERNÁNDEZ, F; MONTSERRAT, V. **A organização do currículo por projetos de trabalho** 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LINO, D. O Projecto de Reggio Emilia: Uma apresentação. IN: FORMOSINHO, O, J.,(org.) **Modelos Curriculares para a Educação de Infância**. Portugal: Porto Editora, 1996.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, J. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. In: RESAB. **Educação para a convivência com o semi-árido: reflexões teórico-práticas**. Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006. p. 37-66.
- MINAYO, M.C.S.; ASSIS, S.G.; SOUZA, E.R, (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: FioCruz; 2005.244p.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação integral : texto referência para o debate nacional**. - Brasília : Mec, Secad, 2009. 52 p. : il. – (Série Mais Educação)
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Mapa da Inovação e Criatividade na Educação Básica**. 2015. Disponível em: <http://simec.mec.gov.br/educriativa/mapa_questionario.php>. Acesso em: 15 out. 2015.
- MORGAN, D. Focus group as qualitative research. Qualitative Research Methods Series. 16. London: **Sage Publications**,1997.
- NARANJO, C. **Mudar a educação para mudar o mundo**. 2ª ed. Brasília: Verbena, 2015.
- OLIVEIRA, M.K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2003
- PERRENOUD, P; THURLER, M.G. **As Competências para Ensinar no Século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TAVARES, C. Educação integral, educação contextualizada e educação em direitos humanos: reflexões sobre seus pontos de intersecção e seus desafios e seus desafios. **ActaScientiarum**. Human and Social Sciences Maringá, v. 31, n. 2, p. 141-150, 2009. Disponível em:<<http://www.periodicos.uem.br>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- TEIA MULTICULTURAL. **Projeto Político Pedagógico da Escola Teia Multicultural**. 2015. 174p.

TELLES, M.L. **Educação sem fronteiras : cuidando do ser**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2003

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes: São Paulo, 1984

YIN, R.K. **Estudo de caso: Planejamento de Métodos**. Porto Alegre: Bookman. 3 ed. 2005.

HECHT, YAACOV, **Educação democrática: o começo de uma história**/Yaacov Hecht; tradução Adriano Scandolara . 1ª ed. Belo Horizonte; Autentica, 2016.

OSHO, O Livro das crianças/ Osho; tradução Patrícia Arnaud. 4ª ed. Rio de Janeiro; BestSeller, 2017.